



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOÃO PEDRO BARBOSA SANTOS**

**Da manutenção à renovação paroquial.**

Uma análise à Renovação Divina e aos Grupos de Jesus

**Dissertação Final**

**sob orientação de:**

**Prof. Doutor Tiago André Fernandes Freitas**

**Braga**  
**2022**



*«Para servir» (Mc 10, 45)  
e fazer seguidores.*



## ÍNDICE

ÍNDICE .....	5
RESUMO .....	7
ABSTRACT .....	7
ABREVIATURAS .....	9
INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1 – IDENTIDADE DA PARÓQUIA NO DECURSO DA HISTÓRIA .....	13
1. No princípio era a Comunidade .....	14
2. A herança do Concílio de Trento .....	19
3. O impulso do Concílio Vaticano II.....	23
3.1. De Trento ao Vaticano II .....	23
3.2. Do Vaticano II .....	24
3.3. Qual é o nosso legado?.....	30
CAPÍTULO 2 – (RE)CONHECER PARA CRESCER.....	35
1. Primeiras conclusões do percurso histórico.....	36
2. Renovação Divina.....	39
2.1. Paróquia, lugar do Discípulo .....	39
2.2. Superar uma Pastoral da Manutenção .....	41
2.3. Propor uma Transformação .....	47
2.3.1. Dar prioridade ao fim de semana.....	48
2.3.2. Hospitalidade.....	48
2.3.3. Música que inspira! .....	49
2.3.4. Homilias.....	50
2.3.5. Comunidade expressiva .....	50
2.3.6. Claras expectativas.....	51
2.3.7. Ministério baseado nos pontos fortes .....	51
2.3.8. Formação de pequenas Comunidades .....	51
2.3.9. Vivências do Espírito Santo.....	52
2.3.10. Tornar-se numa Igreja convidativa .....	52
2.4. A liderança, a partir do Alpha.....	53
3. Grupos de Jesus .....	54
3.1. Recuperar para voltar ao projeto de Jesus .....	54
3.2. Sob a influência do Espírito Santo .....	59
3.3. Promover a partilha: uma proposta de Grupos de Jesus .....	62

4. A fragilidade do crescimento .....	65
4.1. <i>A Alegria</i> .....	66
4.2. <i>A Partilha</i> .....	67
4.3. <i>A Alegria da Partilha</i> .....	68
CAPÍTULO 3 – A RENOVAÇÃO PAROQUIAL .....	71
1. Os sinais dos tempos .....	72
1.1. <i>Lideranças partilhadas, com autonomia de atuação</i> .....	73
1.2. <i>Discipulado</i> .....	75
1.3. <i>Centralidade do domingo</i> .....	77
2. A palavra que se renova .....	79
2.1. <i>Pequenos grupos</i> .....	80
2.2. <i>Centralidade da Palavra de Deus</i> .....	82
2.3. <i>Pastoral carismática</i> .....	84
3. Chegar, viver e servir .....	85
3.1. <i>Relações de confiança - Fraternidade</i> .....	86
3.2. <i>Formar líderes - Liderança</i> .....	88
3.3. <i>Os tempos da fé – Iniciação cristã</i> .....	92
3.4. <i>Maturidade espiritual – Revelação</i> .....	94
3.5. <i>Ser presença</i> .....	97
CONCLUSÃO .....	99
BIBLIOGRAFIA .....	101

## RESUMO

A Igreja peregrina é um corpo vivo, integrado nas dinâmicas das diferentes culturas, que vai evoluindo e adaptando-se ao longo da História. Vivemos, também hoje, tempos que requerem mudança e adaptabilidade em ordem a que todos os membros das Comunidades – bem como aqueles que se encontram afastados – possam viver o verdadeiro encontro com Jesus.

Neste estudo, propomos uma análise que incide em dois modelos pastorais (*Alpha – Renovação Divina – e Grupos de Jesus*), procurando apurar as mais valias, as estratégias e os resultados alcançados ao nível da evangelização e da espiritualidade. Por fim, inspirados na investigação precedente, desenhamos algumas propostas para que as Paróquias (nosso ponto de partida e de chegada) germinem os frutos necessários de crescimento.

**Palavras-chave:** Mudança; Comunidades; Renovação Divina; Grupos de Jesus; Paróquias.

## ABSTRACT

The pilgrim Church is a living body, integrated into the Dynamics of different cultures, evolving and adapting throughout History. We also live, today, in times that require change and adaptability so that all members of the Communities – as well as those who are apart – may experience the true encounter with Jesus.

In this study we propose an analysis the focuses in two pastoral models (*Alpha – Divine Renewal – and Jesus Groups*), seeking to ascertain the benefits, strategies, and the results achieved in evangelization and spirituality. Finally, inspired by the previous research, we drew some proposals so thart Parishes (our point of departure and arrival) may sprout the necessary fruits of growth.

**Keywords:** Change; Communities; Divine Renovation; Jesus Groups; Parishes.



## ABREVIATURAS

<i>AA</i>	Paulo VI, Decreto <i>Apostolicam Actuositatem</i> (18 de setembro de 1965).
<i>CDC</i>	João Paulo II, <i>Código de Direito Canônico</i> (24 de janeiro de 1983).
<i>CELAM</i>	Consejo Episcopal Latinoamericano.
<i>CL</i>	João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Christifideles Laici</i> (30 de dezembro de 1988).
<i>DA</i>	V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, <i>Documento da Aparecida</i> (13-31 de maio de 2007).
<i>EG</i>	Francisco, Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> (24 de novembro de 2013).
<i>EN</i>	Paulo VI, Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i> (8 de dezembro de 1975).
<i>GME</i>	João XXIII, Discurso de Abertura do Concílio <i>Gaudet Mater Ecclesia</i> (11 de outubro de 1962).
<i>LG</i>	Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja <i>Lumen Gentium</i> (19 de novembro de 1964).



## INTRODUÇÃO

Iniciar um caminho de reconhecimento daquilo que cada um de nós é poderá ser, em muitos casos, um caminho fantasioso e falacioso, pois a maioria dos seres humanos apenas realça, num certo exagero, uma das partes em questão. São essas mesmas partes que definem e guiam toda a vida do ser humano, porque são essas opções que nos definiram como modelos de vida e que continuam a pautá-la. E essas partes são apenas e só duas: a parte positiva e a parte negativa.

Comumente tendemos, por um lado, a apresentar sempre, de um modo ou de outro, a parte positiva na nossa vida e na vida dos outros, abandonando a parte negativa num ponto que não tenha retorno. Afinal, o leitor sabe que a parte positiva tem de se sobrepor à parte negativa. Por outro lado, aquilo que menos gostamos de apontar e aprofundar – a parte negativa – é o ponto de partida para se fazer a análise e o julgamento de tudo e mais alguma coisa: sejam as pessoas, as instituições, as sociedades, etc. Partir do ponto frágil será sempre a melhor forma de se expressar uma ideia que paira e caminha com cada um de nós.

Nesta dissertação não seremos diferentes e começaremos por um ponto que consideramos historicamente presente: a fragilidade da Paróquia, enquanto Comunidade. E reconhecemos essa fragilidade a partir da constatação de que uma grande maioria das Paróquias se encontra numa constante manutenção e necessitam de realizar algum processo pastoral para poderem passar por uma verdadeira renovação paroquial.

Considera-se oportuno partir de uma análise histórica daquilo que deu origem às atuais Paróquias enquanto Comunidades de crentes em Jesus Cristo. E esta forma de ser, em Comunidade, poderá trazer, para os dias de hoje, respostas para se viver a Palavra de Deus, isto é, de colocar no interior das Comunidades Deus para, por um lado, se vivenciar esse encontro individual e comunitário com Ele e, por outro lado, para reavivar hoje em dia este encontro que se quer, primeiramente, pessoal. Aliás, é a própria viagem histórica que se vai construir que permitirá a consciencialização deste reavivamento constante a que a Igreja foi sujeita, ao longo dos tempos, para que as pessoas pudessem chegar ao encontro pessoal com Deus.

Com o alcance histórico dos tempos hodiernos, chegar-se-á ao reconhecimento que haverá algo mais a ser feito para que a mensagem chegue a todos, sem exceção. Daí a investigação dos dois modelos pastorais propostos para análise nesta dissertação: *Renovação Divina* do Pe. James Mallon e *Grupos de Jesus*, do Pe. José Antonio Pagola. Com eles pretende-se construir um caminho onde se realcem os aspetos que estes consideram ser realmente importantes para que as Paróquias possam frutificar e construir uma Comunidade alicerçada em volta do Sacerdote, onde a Palavra de Deus é o motor para que a Comunidade possa

caminhar a partir de um centro e para que a própria Comunidade crie ministérios interligados para o desenvolvimento da Comunidade.

A base histórica que se investigará será o suporte para se poder aplicar, nos nossos dias, modelos pastorais que deem verdadeiros frutos de renovação e crescimento. Pretende-se, com esta dissertação, apontar caminhos a partir de elementos base para se poder criar Comunidades fortes e geradoras de novos discípulos, para que essas mesmas Comunidades se possam regenerar ao longo dos anos.

## CAPÍTULO 1 – IDENTIDADE DA PARÓQUIA NO DECURSO DA HISTÓRIA

Quando pensamos em identidade, somos (re)conduzidos, inevitavelmente, até à nossa infância, onde aparecem uma série de memórias e de histórias que têm um ponto em comum: as perguntas. Estas derivam da curiosidade, que é própria da idade, que é própria daqueles que se lançam na procura de respostas para os seus questionamentos. Afinal de contas, a procura vem de um vazio que requer ocupação de algo, que solicita, no fundo, a nossa disponibilidade.

O vazio é algo que nos propomos preencher com a procura de respostas para as perguntas que nos surgem nos caminhos do nosso dia a dia. E, no fundo, ainda bem que procuramos soluções, pois é a partir do verbo “procurar” que encontramos aquilo que nós somos: seres de perguntas e procura, sedentos de desejo, pois as perguntas abrem para a novidade, atendendo a que elas são um dom que ninguém espera.<sup>1</sup>

Nas palavras encontramos sentidos para a vida. São elas que nos levam a sermos alguém que se coloca ao serviço da escuta para, assim, poder dar respostas. Procuramos ser fiéis a nós mesmos, mas «as respostas [apenas] definem, [e] as perguntas sugerem. As definições fechamos, as perguntas convidam-nos a ir mais além. As perguntas são frescura, como as manhãs luminosas»<sup>2</sup> que, muitas vezes, teimamos em não ver por não quereremos sair do nosso conforto.

É nesta frescura que reconhecemos que somos herdeiros de uma herança que recebemos como sinal de confiança e de dignidade, mas também como um sinal de responsabilidade. Somos herdeiros de caminhos que os nossos antepassados escolheram. Segundo Joseph Ratzinger, «não estamos só a caminhar de uma aldeia para outra, de uma cidade para outra. Em todos os nossos caminhos gasta-se e acaba-se a nossa vida. A nossa vida é vivida em todos esses caminhos e nós não precisamos apenas de encontrar um determinado local, mas sim a própria vida».<sup>3</sup> E onde está a (nossa) vida?

Neste contexto – e reconhecendo que é necessário encontrar a origem da vida das Paróquias –, propomo-nos, primeiramente, uma viagem até às Comunidades Primitivas, atendendo a que estas são a génese daquilo que são, hoje em dia, as Paróquias. A partir deste primeiro ponto, caminharemos, muito sumariamente, até aos dois pontos que consideramos basilares, desde as Comunidades Primitivas até ao nosso quotidiano, que são o Concílio de Trento e o Concílio Vaticano II. Estes ajudar-nos-ão a caminhar e a entender a base daquilo que os nossos antepassados entendiam como Comunidade.

---

<sup>1</sup> Cf. Ermes Ronchi, *As inquietantes perguntas do Evangelho* (Lisboa: PAULUS Editora, 2017), 11–12.

<sup>2</sup> Ronchi, 14.

<sup>3</sup> Joseph Ratzinger, *Os Sacramentos, Sinais de Deus no Mundo* (Cascais: Príncipia Editora, 2020), 35.

## 1. No princípio era a Comunidade

Questionar sobre como eram as Comunidades Primitivas é ir ao cerne da gênese destas e levantar perguntas sobre como seriam. Recorrendo à Sagrada Escritura,<sup>4</sup> encontramos em At 2, 42-47 a forma “padrão” dessas Comunidades. A sua «vida comunitária tem estes elementos: a *didaké* (palavra apostólica, pastoral da palavra), a *koinonía* (“comunhão de vida”, “comunhão fraterna”, ou simplesmente “comunhão”), a *fração do pão* (eucaristia) e as *orações* (componente da reunião litúrgica)»,<sup>5</sup> tendo como base a fé em Jesus Cristo e o seu exemplo,<sup>6</sup> que resultava do ensinamento dos “doze”. Estes eram os líderes da Primitiva Comunidade de Jerusalém e representavam-na, procurando da melhor forma possível encontrar soluções para os diversos assuntos da Comunidade.<sup>7</sup>

Em At 2, 46, temos a referência de que se reuniam no templo. Porém, o encontro acontecia nas casas «dos membros mais ricos da comunidade»,<sup>8</sup> ou seja, «em família, sendo a Eucaristia celebrada num ambiente de festa, de verdadeiro banquete “*agapê*”, constituindo, portanto, o sacrifício algo de comunitário para o qual todos os participantes contribuíam».<sup>9</sup> E esta comparticipação chegou ao nosso conhecimento graças aos testemunhos de Justino e Tertuliano, que nos informam sobre a organização da coleta de esmolas.<sup>10</sup> Esta comparticipação tinha como destino os pobres, pois na Comunidade ninguém passava necessidade, sendo este «o resultado de uma ação que visava compensar as diferenças sociais da Comunidade e não a situação que nela prevalecia desde o princípio».<sup>11</sup> Ou, como diria Santo Ireneu: o dinheiro era para ajudar os pobres por estes serem o «“tesouro de Deus” [ , pois ] o dinheiro deve servir para abrir novos caminhos».<sup>12</sup>

Esta forma de viver proporcionada pela Comunidade Primitiva orientou esta para uma universalidade da solidariedade, atendendo a que todos eram iguais, independentemente da sua posição na Comunidade.<sup>13</sup> Apesar de todos serem iguais, a Comunidade confiava a homens elegidos por ela ou ao chefe de família a liderança e a organização da Comunidade;<sup>14</sup> e a família

---

<sup>4</sup> Utilizaremos, ao longo do nosso trabalho, a tradução da Bíblia dos Capuchinhos, editada pela Difusora Bíblica.

<sup>5</sup> Casiano Floristán, *Para compreender: A Paróquia* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995), 58.

<sup>6</sup> Cf. D. António Marcelino, «Lugar dos Leigos na Igreja - Do Vaticano II aos nossos dias», 2ª série, n. 201-202 (2013): 12.

<sup>7</sup> Cf. Ludger Schenke, *La Comunidad Primitiva* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999), 110.

<sup>8</sup> Steven J. Schloeder, «Domus Dei, Quae est Ecclesia Dei Vivi: The Myth of the Domus Ecclesiae», *Sacred Architecture*, n. 21 (2012): 14.

<sup>9</sup> Jorge Alves Barbosa, «Estipêndios», 2ª série, n. 73 (junho de 1980): 37.

<sup>10</sup> Cf. Ugo Falesiedi, *Le Diaconie: i servizi assistenziali nella Chiesa antica* (Roma: Instituto Patristico «Augustinianum», 1995), 40.

<sup>11</sup> Schenke, *La Comunidad Primitiva*, 133.

<sup>12</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 23.

<sup>13</sup> Cf. Falesiedi, *Le Diaconie: i servizi assistenziali nella Chiesa antica*, 37.

<sup>14</sup> Cf. Schenke, *La Comunidad Primitiva*, 106.

era muito importante neste processo, porque não era através de pregações que conduzissem à conversão que a Comunidade crescia, mas sim através das famílias que se agregavam.<sup>15</sup>

Como a Comunidade Primitiva foi crescendo, existiu a necessidade de se fragmentar, por razões práticas, em pequenas Comunidades domésticas.<sup>16</sup> A criação destes pequenos grupos desempenhou «um papel determinante na constituição da igreja primitiva, pois ajudou a afirmar a sua própria personalidade ante o judaísmo».<sup>17</sup> Era significativo encontrar essa personalidade para se abandonar «o consenso básico que era o reconhecimento da lei».<sup>18</sup> Assim, estes crentes já não seriam conhecidos como aqueles que se reuniam no *Cenáculo*,<sup>19</sup> nem na *Domus Dei*,<sup>20</sup> mas na «*Ecclesia*[: a] “Comunidade” convocada por Deus em Jesus Cristo».<sup>21</sup>

No século II, a acompanhar o florescimento do cristianismo, surge uma nova necessidade: a «de existir locais de reunião mais permanentes e personalizados, que Krautheimer afirmava serem chamados de *Domus Ecclesiae*».<sup>22</sup> Com a *Domus Ecclesiae*, pretendia-se que esta não se fechasse «aos “outros”, mas [que protegesse] a identidade autêntica da mesma *ecclesia* para que esta [pudesse] “abrir-se” a todos».<sup>23</sup> Deste modo, deixariam de se reunir de forma aleatória para se congregarem num local fixo.

Recorde-se que, como já referimos, a família era o elo de ligação para a realização dos encontros e para a frutificação das Comunidades. Esta *Ecclesia* ia crescendo, porque, para além de a «família alargada se reunir à volta da mesa para a “ação de graças”, para celebrar a Eucaristia, [era também um] ponto de partida missionário».<sup>24</sup> Aqueles que participavam nestes encontros tinham como missão testemunhar, por palavras e obras, o mandamento que Jesus deixou: «que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12).

É com esta referência que se alcança uma nova designação para os lugares onde estas Comunidades se reuniam: a *Oikos*.<sup>25</sup> Na *Oikos*, assistiu-se a um contínuo crescimento da Comunidade, pois nesta existia uma marca que a orientava: a missão e o discipulado.<sup>26</sup> Deste

---

<sup>15</sup> Cf. Schenke, 94.

<sup>16</sup> Cf. Schenke, 130.

<sup>17</sup> Jean-Thierry Maertens, *Los grupos pequeños y el futuro de la Iglesia* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1973), 166.

<sup>18</sup> Schenke, *La Comunidad Primitiva*, 95.

<sup>19</sup> Cf. Falesiedi, *Le Diaconie: i servizi assistenziali nella Chiesa antica*, 18.

<sup>20</sup> Cf. Schloeder, «Domus Dei, Quae est Ecclesia Dei Vivi: The Myth of the Domus Ecclesiae», 14.

<sup>21</sup> Floristán, *Para comprender: A Paróquia*, 58.

<sup>22</sup> Kristina Sessa, «Domus Ecclesiae: Rethinking a category of antepacem christian space», *Journal of Theological Studies* 60 (abril de 2009): 93–94.

<sup>23</sup> Isidro Pereira Lamelas, «Una domus et ecclesia Dei in saeculo. Leitura sócio-antropológica do projecto ecclesia de S. Cipriano de Cartago», *Didaskalia*, 1ª série, XXXVI (2006): 99.

<sup>24</sup> José Cristo Rey García Paredes, *É possível outra comunidade* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2018), 16.

<sup>25</sup> Cf. Schloeder, «Domus Dei, Quae est Ecclesia Dei Vivi: The Myth of the Domus Ecclesiae», 14.

<sup>26</sup> Cf. Paredes, *É possível outra comunidade*, 16–17.

modo, a *Oikos* torna-se referência nesta fase histórica, mas também marco importante para os dias de hoje, porque é a partir da *Oikos* que obtemos a base do vocábulo “paróquia”.

“Paróquia” deriva do substantivo «*par(a)oikía*»<sup>27</sup> e «do verbo *paroikien*, que no grego clássico significa, de ordinário, “viver junto a” ou “habitar na vizinhança”». <sup>28</sup> Deste modo, o «*paroikos* equivale a vizinho e *paroikien* a residir. Por isso, formam a *paroikía* os que “vivem junto”, ou “habitam no mesmo lugar”». <sup>29</sup> No fundo, «*paroikía* tem um duplo significado: peregrinar e viver em vizinhança». <sup>30</sup>

Cronologicamente, estamos na transição do século III para o século IV. A Paróquia é fruto do «novo tipo de organização territorial imperial [e os] documentos básicos que antecedem o seu nascimento são dois: o cânone 77 do concílio de Elvira, celebrado entre 300 e 306 e o cânone 21 do Concílio de Arles, celebrado em 314». <sup>31</sup> Porém, o apogeu aconteceu com o Édito de Constantino, no qual o «imperador Constantino em 313 reconhece o cristianismo como *religio licita* existente no território imperial, e ainda mais com o decreto de Teodósio, em 380, proclamando a fé católica como oficial do império romano». <sup>32</sup> Assim, aqueles que pertenciam ao Império já não eram cristãos por conversão, mas por determinação. <sup>33</sup>

No princípio, a Paróquia representava aquilo que hoje chamamos de «diocese, onde os presbíteros exerciam colegialmente o seu ministério junto do bispo». <sup>34</sup> O bispo era aquele que presidia ao Dia do Senhor – à assembleia dominical –, que acontecia nas cidades uma vez por semana, a seguir ao sábado. <sup>35</sup> Também encontramos em At 6, 1-6 a referência da existência da figura do diácono, como aquele que estava responsável por ministrar a caridade. <sup>36</sup> Esta ideia é sustentada por Vincenzo Bo, quando na sua obra atesta que «até ao século IV cada Comunidade cristã era presidida e cuidada “pessoalmente” pelo bispo, com assistência do colégio de presbíteros e diáconos». <sup>37</sup> Com o Édito de Constantino, o bispo passou a desempenhar «um papel importante na sociedade civil, especialmente na administração da justiça». <sup>38</sup> Existiu, deste modo, a necessidade de se dividir o governo eclesial em dioceses e em Paróquias que, até à altura, equivaliam à mesma realidade. <sup>39</sup>

---

<sup>27</sup> Paredes, 15.

<sup>28</sup> Manuel de Almeida e Sousa, «A realidade paroquial», 2ª série, n. 124 (março de 1993): 45.

<sup>29</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 11.

<sup>30</sup> Floristán, 11.

<sup>31</sup> Vincenzo Bo, *Storia della Parrocchia*, vol. 1 (Roma: Edizioni Dehoniane, 1992), 42.

<sup>32</sup> Roger Matheus dos Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 1ª série, n. 31 (2017): 79–80.

<sup>33</sup> Cf. Marcelino, «Lugar dos Leigos na Igreja - Do Vaticano II aos nossos dias», 13.

<sup>34</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 12.

<sup>35</sup> Cf. Alphonse Borrás e Gilles Routhier, *A nova Paróquia* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2010), 74.

<sup>36</sup> Cf. Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 75.

<sup>37</sup> Bo, *Storia della Parrocchia*, 1992, 1:41.

<sup>38</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 12.

<sup>39</sup> Cf. Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 82.

Com o «elevado número de cristãos, em Roma, criaram-se diversos lugares de culto com diferentes títulos e que deram origem às paróquias»<sup>40</sup> urbanas, pois não havia referência territorial para essas Paróquias, nem a Basílica Lateranense poderia acolher todos aqueles que pretendiam participar nas assembleias cristãs.<sup>41</sup> José Orlandis refere na sua obra *Historia de las instituciones de la Iglesia Católica* que no século IV, em Roma, existiriam 40 lugares de culto e 10 locais em Alexandria. Esta necessidade de se criarem lugares de culto levou a que o Bispo enviase um presbítero, em sua representação, para esses locais. Esses lugares podem ser considerados os embriões das Paróquias urbanas.<sup>42</sup>

Como «as cidades já estão evangelizadas, pelo menos em grande parte, e sente-se a necessidade de estender o anúncio do Evangelho às zonas rurais»,<sup>43</sup> os bispos, juntamente com o seu colégio, decidem enviar delegados missionários para a constituição de Comunidades onde pudessem celebrar a Eucaristia e, também, pregarem.<sup>44</sup> Estas Comunidades eram frequentadas por catecúmenos e, com a existência destes centros, foi possível a criação de Paróquias rurais que dependiam da diocese.<sup>45</sup>

É nesta linha que surge a Paróquia «como uma subdivisão territorial da diocese».<sup>46</sup> Por outro lado, existe um «gradativo declive populacional nas cidades e, conseqüentemente, uma expansão do cristianismo na zona rural do império»,<sup>47</sup> o que permitiu a criação das Paróquias (e mais tarde denominadas por freguesias) rurais que se foram desenvolvendo, de forma regular e célere, ao longo do século V.<sup>48</sup>

Esta expansão e, por sua vez, a criação de Paróquias quer urbanas, quer rurais tinha como intuito «facilitar os fiéis à liturgia e aos sacramentos».<sup>49</sup> «A própria legislação conciliar concentrou-se quase exclusivamente no aspeto litúrgico-sacramental-pastoral e no aspeto administrativo»,<sup>50</sup> ou seja, o Concílio de Calcedónia manifestou a preocupação de encontrar, para as Paróquias, uma pessoa que liderasse e ajudasse a Comunidade a fazer caminho. A nomeação desse presbítero era feita pela própria Comunidade e de entre os membros dela, pois assim trazia a vantagem de aquele que ia liderar não ser um estranho, mas coproprietário e

---

<sup>40</sup> Sousa, «A realidade paroquial», 45.

<sup>41</sup> Cf. Floristán, *Para comprender: A Paróquia*, 12.

<sup>42</sup> Cf. Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 78.

<sup>43</sup> Renato Corti e Enzo Bianchi, *A Paróquia* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2006), 19.

<sup>44</sup> Cf. Sebastião Pires Ferreira, «Paróquia e Corresponsabilidade do Leigo», *Os Leigos e a Corresponsabilidade na Igreja: actas / das XVII Jornadas de Direito Canónico* 15 (2010): 113.

<sup>45</sup> Cf. José San José Prisco, *Derecho Parroquial* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008), 31.

<sup>46</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 78.

<sup>47</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 82.

<sup>48</sup> Cf. Bo, *Storia della Parrocchia*, 1992, 1:46.

<sup>49</sup> Prisco, *Derecho Parroquial*, 31–32.

<sup>50</sup> Bo, *Storia della Parrocchia*, 1992, 1:73–74.

responsável pelo património da Paróquia<sup>51</sup> – denominado por *titulus*<sup>52</sup> –, «fruto de doações particulares, [onde] estes títulos constavam de uma sala de reuniões, um batistério, um armazém para as ajudas caritativas e uma residência presbiteral»,<sup>53</sup> ou seja, centros comunitários. O presbítero vincula uma relação próxima com a Comunidade, sendo ambos intitulados como *pastor proprius* e *populus proprius*,<sup>54</sup> respetivamente. Com esta ligação próxima, os «presbíteros começaram a residir estavelmente na zona rural»,<sup>55</sup> apesar de que «o verdadeiro responsável pela Comunidade cristã, ainda que residindo longe da igreja episcopal – afirma V. Bo – é o bispo, não o presbítero-pároco»,<sup>56</sup> estando criada, deste modo, uma ligação entre todas as Paróquias à diocese.

A partir do século VI, existe uma quebra na missão e uma enorme preocupação litúrgica, levando à construção de Basílicas, principalmente nas grandes cidades, onde foi possível verificar-se uma participação cada vez mais massiva.<sup>57</sup> Este efeito teve reflexos, atendendo a que se pôde verificar que a evangelização desenvolvida em todas as regiões rurais transformou essas mesmas regiões cristãs.<sup>58</sup>

Porém, a partir do século VIII, com a reforma carolíngia, «a estrutura imperial impôs-se à organização eclesiástica, dividindo o seu governo em dioceses e paróquias, obrigando bispos e padres a residir localmente»,<sup>59</sup> diminuindo, desta forma, a função missionária itinerante até aqui como veículo de crescimento da Igreja.

Aquando do século IX, os presbíteros, que tinham o dever de residência, também possuíam a obrigação de «administrar o benefício, em virtude da justiça e atender a *cura animarum* sacramentalizada, em virtude do dever. [Estabeleceram-se] os direitos e deveres paroquiais»<sup>60</sup> e apareceu «uma legislação canónica referente às paróquias rurais [, porque estas] já integravam quatro elementos essenciais para a sua constituição: uma igreja com fonte batismal, um território, um sacerdote e os fiéis».<sup>61</sup> Estes quatro elementos viriam a ser consagrados, mais tarde, no Concílio de Trento.

Entre os séculos XII e XIII verificou-se um enfraquecimento do espírito cristão, sendo «impostos aos fiéis uma série de deveres e de obrigações: o dever dominical e pascal, o pagamento de dízimos e premissas, o batismo *quam primum*, os funerais em terra sagrada, os

---

<sup>51</sup> Cf. Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 82–83.

<sup>52</sup> Cf. Sessa, «Domus Ecclesiae: Rethinking a category of antepacem christian space», 94.

<sup>53</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 13.

<sup>54</sup> Cf. Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 83.

<sup>55</sup> Santos, 83.

<sup>56</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 12.

<sup>57</sup> Cf. Sousa, «A realidade paroquial», 45–46.

<sup>58</sup> Cf. Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 20.

<sup>59</sup> Prisco, *Derecho Parroquial*, 32.

<sup>60</sup> Floristán, *Para comprender: A Paróquia*, 15.

<sup>61</sup> Ferreira, «Paróquia e Corresponsabilidade do Leigo», 109.

mandamentos da igreja e a rejeição de heresias relacionadas com bruxaria, magia e feitiçaria».<sup>62</sup> Este modo de atuar ia em desencontro com aquilo que vimos, atendendo a que a Comunidade que forma a Paróquia é «uma comunidade de crentes que se consideram estrangeiros (Ef 2, 19), de passagem (1Pe 1, 17), emigrantes (1Pe 2, 11) ou peregrinos neste mundo (Heb 11,13)».<sup>63</sup> A Comunidade, segundo este prisma, já não estabelecia relações com a humanidade e a sociedade, nem com o divino, pois as ações comunicativas – habitar, hospedar ou até construir – privavam os fiéis de serem livres.<sup>64</sup>

## 2. A herança do Concílio de Trento

Com a decadência da fé cristã e da forma de Paróquia que estava em vigor, existiu uma necessidade de se mudar o rumo dos acontecimentos na Igreja, a partir das Comunidades paroquiais.<sup>65</sup> As Paróquias, nesta altura histórica – Idade Média –, já não tinham a mesma configuração, pois «origem, localização, cultura popular e estilo sacerdotal»<sup>66</sup> não correspondiam com o estado em que estavam as Paróquias nos séculos XIV e XV. Esta forma de organização das Paróquias «acabará por ser “reformada” pelo Concílio de Trento»,<sup>67</sup> para que esta se configure à nova realidade que socialmente se estava a viver.

Assim, no século XV, «o pároco é o presbítero encarregado de uma paróquia».<sup>68</sup> O vocábulo “pároco” tem origem, segundo Benigno Pires, no «verbo grego *parego*, que significa “prestar auxílio”, visto que o pároco “está encarregado de distribuir aos fiéis que lhe estão confiados, os *dons divinos da salvação*”».<sup>69</sup> A escolha destes párocos tinha influência de vários titulares hierárquicos da Igreja, como é o caso das «abadessas dos mosteiros femininos [que] também tinham o direito de nomear o pároco de uma localidade».<sup>70</sup> Por outro lado, para além de os párocos serem escolhidos, se alguém pretendesse «obter um benefício eclesiástico (portanto, também a Paróquia) era necessário ter atingido a idade de vinte e cinco anos, ser filho legítimo e ter recebido ordens sagradas».<sup>71</sup> Estas normas pretendiam ser um meio de se criar uma certa maturidade nas Paróquias.

---

<sup>62</sup> José da Silva Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2020), 258–59.

<sup>63</sup> Prisco, *Derecho Parroquial*, 31.

<sup>64</sup> Cf. Lamelas, «Una domus et ecclesia Dei in saeculo. Leitura sócio-antropológica do projecto ecclesia de S. Cipriano de Cartago», 95.

<sup>65</sup> Cf. Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 20–21.

<sup>66</sup> Floristán, *Para comprender: A Paróquia*, 15.

<sup>67</sup> Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 20–21.

<sup>68</sup> Floristán, *Para comprender: A Paróquia*, 78.

<sup>69</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 81.

<sup>70</sup> Vincenzo Bo, *Storia della Parrocchia*, vol. 4 (Roma: Edizioni Dehoniane, 1992), 43.

<sup>71</sup> Bo, 4:44.

Pelo ano de 1449, em Lyon, alguns bispos que ali se reuniram manifestaram preocupação «com a qualidade dos seus eclesiásticos e decidem que a partir daquele momento apenas um número de clérigos necessários para o serviço da Igreja deveriam ser ordenados».<sup>72</sup> Uma das soluções que apresentaram para a escolha desse “número” foi a «necessidade de um exame para prosseguir com a ordenação».<sup>73</sup> Além disso, deparamo-nos já neste período histórico com Sacerdotes «reunidos em comunidade para um ministério pastoral mais eficaz».<sup>74</sup> E, daqui, surge também o anseio de se criar seminários para a «formação espiritual e cultural dos sacerdotes»<sup>75</sup> contribuindo para o amadurecimento pretendido.

Desta forma, antes do Concílio de Trento, possuímos dados que nos permitem afirmar o facto de os bispos terem «um número certamente excessivo de Padres que, além de estarem geralmente despreparados [...], também são motivados mais por estímulos económicos, que vêm de um espírito apostólico; o que não só causa atrito e rivalidade entre eles, mas reduz ao mínimo o senso pastoral e o seu compromisso».<sup>76</sup> A razão pela qual temos um número elevado de Sacerdotes é atestada no facto de haver um «regime de beneficiário e na multiplicação dos altares, capelanias (e missas)»<sup>77</sup> que, até então, estava numa constante subida por não existir critério na escolha daqueles que seriam ordenados.

Nas antecâmaras do Concílio, a Paróquia, como «presença da memória cristã num território»,<sup>78</sup> reúne-se pela Palavra num lugar.<sup>79</sup> Mas os «quatro fatores que impediram a Paróquia de cumprir adequadamente a sua missão nos séculos XV e XVI [são] a não residência, a acumulação de prestações, o elogio e, por último, a herança de prestações»<sup>80</sup> dos Sacerdotes – que ganham esta designação nesta época, sendo distinguidos dos bispos (*sacerdos episcopus*) como *sacerdos* de segunda<sup>81</sup> – que estavam responsáveis pelas mesmas.

O Concílio de Trento marcou a mudança de paradigma na «paróquia e na constituição do pároco como pastor próprio e estável de um grupo de fiéis estavelmente constituído em um território».<sup>82</sup> Esta mudança do Concílio orientou uma outra, que é a divisão das dioceses em Paróquias com pastores próprios e estáveis.<sup>83</sup> Outro dado digno de nota é o facto de o Concílio determinar que os bispos atribuam a cada Paróquia «o seu pároco perpétuo e particular, [para]

---

<sup>72</sup> Bo, 4:29.

<sup>73</sup> Bo, 4:30.

<sup>74</sup> Bo, 4:40.

<sup>75</sup> Bo, 4:40.

<sup>76</sup> Bo, 4:31.

<sup>77</sup> Bo, 4:29.

<sup>78</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 106.

<sup>79</sup> Cf. Borrás e Routhier, 65.

<sup>80</sup> Bo, *Storia della Parrocchia*, 1992, 4:52.

<sup>81</sup> Cf. Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 80.

<sup>82</sup> Santos, 84.

<sup>83</sup> Cf. Santos, 83.

que [este] possa conhecer os seus fiéis e que a estes só seja permitido receber os sacramentos da sua mão». <sup>84</sup> Com estas implementações que o Concílio decretou, pretendia-se que o pároco criasse uma relação com a sua Paróquia e que os paroquianos fizessem o mesmo no sentido inverso. <sup>85</sup> Portanto, os bispos presentes no Concílio desejavam que «a “paróquia tridentina” assumisse um valor capital: a proximidade». <sup>86</sup> Esta proximidade estava instaurada num «estreito vínculo entre um território, os fiéis que ali habitam, uma igreja paroquial e o responsável por toda esta estrutura na pessoa do pároco designado para ali desempenhar o seu ofício de governo, santificação e anúncio da Palavra», <sup>87</sup> atendendo a que o clérigo era responsável pela *cura animarum*. <sup>88</sup>

Ao ser decretada a residência obrigatória aos clérigos (bispos nas suas dioceses e párocos e coadjutores na sua Paróquia), <sup>89</sup> estes obtinham, desta forma, estatuto na «atribuição de um ofício eclesiástico e o direito em receber as rendas provenientes ao ofício e destinadas ao sustento do clérigo adscrito». <sup>90</sup> Entendia-se que este seria o meio mais pertinente para a participação do povo na catequese, na pregação e ofertas destes para com o clérigo. <sup>91</sup> Com esta primeira obrigação do pároco – a residência –, obtínhamos a presença dos bispos nas dioceses e a presença dos párocos nas suas respetivas Paróquias, pois estes são dois pilares importantes na estrutura renovadora da Igreja que o Concílio pretendia: a proximidade. <sup>92</sup>

No entanto, Trento adotou uma série de incumbências para a vida eclesial da Igreja, tais como «revisão da rede de paróquias; obrigação de residência dos clérigos; obrigação da confissão anual dos fiéis ao *pastor proprius* da paróquia na qual residem; instituição do “livro de almas”; etc». <sup>93</sup> Este modelo que acabamos de referir foi o «conceito de paróquia durante séculos» <sup>94</sup> e, em alguns casos, ainda temos sinais da sua presença nos dias de hoje.

Trento ainda teve um papel importante quanto à formação dos clérigos. Ora, se em 1449, os bispos que estiveram presentes em Lyon defendiam a criação de seminários, <sup>95</sup> o Concílio também reconheceu essa necessidade para que os adolescentes não seguissem os prazeres do mundo e fossem educados para ler e escrever. Por outro lado, os seminários também eram instituições importantes para a formação permanente dos clérigos, “purificando” o clero, que

---

<sup>84</sup> Santos, 87–88.

<sup>85</sup> Cf. Santos, 85.

<sup>86</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 30.

<sup>87</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 85.

<sup>88</sup> Cf. Santos, 88.

<sup>89</sup> Cf. Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 16.

<sup>90</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 88.

<sup>91</sup> Cf. Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 15–16.

<sup>92</sup> Cf. Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 85.

<sup>93</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 22.

<sup>94</sup> Borrás e Routhier, 23.

<sup>95</sup> Cf. Bo, *Storia della Parrocchia*, 1992, 4:29.

era bastante numeroso.<sup>96</sup> Esta proposta de Trento desejava ser um meio para uma adequada formação «com alto padrão moral, zelo pelas almas, teológica e intelectualmente instruída. [Os efeitos foram sendo notórios a] longo prazo nas paróquias que recebiam pastores com sólida convicção acerca dos deveres inerentes ao ministério pastoral»<sup>97</sup> e mais predispostos às necessidades dos seus fiéis.

Com esta nova estrutura eclesial, foi possível criar-se «um local estável para a administração do batismo nas igrejas paroquiais».<sup>98</sup> No fundo, os Padres conciliares pretendiam restaurar o conceito de Paróquia que evocasse «estabilidade, enraizamento, institucionalização da Igreja e sedentariedade».<sup>99</sup> A figura do presbítero era de tal forma importante que era ele quem tinha o poder de estabelecer «novos ministros para a Igreja»,<sup>100</sup> isto é, leigos provenientes de entre os fiéis da Paróquia para estarem ao serviço da Paróquia e, por sua vez, da Igreja.

Efetivamente, esta forma de Trento ver a reforma da Igreja tem como meta a (re)conquista da cristandade, para que seja possível a renovação da Paróquia<sup>101</sup> como «célula-base da Igreja».<sup>102</sup> A partir do século XVII, o poder político intervém e temos consequências desse mesmo entremetimento político nos séculos XVIII e XIX, com o *regalismo* político e o *josefismo* eclesiástico. Isto levou a que o pároco se convertesse num pedagogo popular e num professor primário,<sup>103</sup> sendo que nos dias de hoje ainda poderemos ver alguns Sacerdotes que são professores e párocos.

Nos primórdios do século XX, temos referência da necessidade de um código para a Igreja, datado do ano de 1917. Este código «recolheu toda a situação eclesial do seu tempo e se propôs a dar uma necessária resposta, reconhecendo uma possível distinção ao estabelecer os diferentes graus de estabilidade do pároco».<sup>104</sup> É precisamente este código de Direito Canónico, datado de 1917, que «imporá a divisão territorial, propriamente dita, da diocese em partes distintas, tendo em cada uma delas a sua igreja própria, destinando-lhe uma determinada comunidade e atribuindo-lhe um pároco».<sup>105</sup> É de realçar que, passados pouco mais de 350 anos do Concílio de Trento e quase 50 anos após o Vaticano I, é que foi necessário tornar aquilo que fora decidido em Trento como norma para a Igreja para, assim, haver clarificação daquilo que a Igreja pedia à Igreja.

---

<sup>96</sup> Cf. Bo, 4:171.

<sup>97</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 90.

<sup>98</sup> Santos, 82.

<sup>99</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 65.

<sup>100</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 81.

<sup>101</sup> Cf. Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 22.

<sup>102</sup> Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 89.

<sup>103</sup> Cf. Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 16.

<sup>104</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 97.

<sup>105</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 89.

### 3. O impulso do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II foi o acontecimento mais importante na Igreja no século XX. Este Concílio proporcionou mudanças na relação da Igreja com o mundo e com a própria Igreja, enquanto instituição. Assim, o Vaticano II procurou promover a novidade em várias dimensões onde a Igreja se insere, de modo particular, na dimensão eclesial.<sup>106</sup>

#### 3.1. De Trento ao Vaticano II

Considera-se que, «até 1920, a paróquia foi possessão pacífica e indiscutível dos canonistas, pois todo o dispositivo sacramental, catequético, económico e administrativo era regulado por normas e controlado pela autoridade»,<sup>107</sup> ou seja, o poder eclesiástico era dependente do poder estatal. Fruto desta penosa junção, os cristãos leigos – que tinham sido «praticamente apagados, como pessoas, na sua dignidade e direitos e no seu legítimo lugar na comunidade cristã»<sup>108</sup> – foram parte importante na renovação paroquial, que se iniciou por volta do ano de 1925, sendo «originada, sobretudo, na Alemanha, mais concretamente na escola eclesiológica de Tubinga».<sup>109</sup> Com esta «progressiva tomada de consciência por parte dos leigos e com a renovação espiritual do clero, decresceu a intromissão dos poderes civis na paróquia, que conseguiu uma maior autonomia».<sup>110</sup> Com esta autonomia, a Paróquia continuou a desenvolver o seu trabalho de evangelização, conforme a sua génese.<sup>111</sup>

Do Concílio de Trento, somos herdeiros de uma Paróquia estruturada num território com um templo, um povo e um pároco próprio,<sup>112</sup> onde «prevaleceu a rotina da fé, a preocupação sacral, a transmissão familiar, a influência clerical e a massificação sob o signo da unanimidade. A preocupação máxima era manter, proteger e conservar».<sup>113</sup> Estava enraizada, com esta herança conciliar, a consciencialização da identidade coletiva que advém de «um lugar onde mergulha as raízes de uma memória histórica».<sup>114</sup> É esta viagem proporcionada pelo terreno onde habitamos que nos faz compreender o vínculo social e o projeto comum entre as pessoas de uma mesma Paróquia,<sup>115</sup> pois a Paróquia é «uma referência de identificação, de fé e de vida,

---

<sup>106</sup> Cf. Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 47.

<sup>107</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 259.

<sup>108</sup> Marcelino, «Lugar dos Leigos na Igreja - Do Vaticano II aos nossos dias», 15.

<sup>109</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 259.

<sup>110</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 17.

<sup>111</sup> Cf. Corti e Bianchi, *A Paróquia*.

<sup>112</sup> Cf. Sousa, «A realidade paroquial», 52.

<sup>113</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 19.

<sup>114</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 91.

<sup>115</sup> Cf. Borrás e Routhier, 91.

de tal maneira que é a um território paroquial que nos referimos quando dizemos donde somos».<sup>116</sup>

Este conjunto de pessoas que se organizam num território está sob a orientação de um pároco, isto é, «um pastor próprio de uma comunidade [...] [que] está subordinado ao bispo diocesano».<sup>117</sup> O pároco é aquele que «exerce uma função religiosa, cultural e administrativa»<sup>118</sup> numa Paróquia, pois esta «dá testemunho do Evangelho para todos *num lugar*».<sup>119</sup> A Paróquia, neste período, «continua a ser uma estrutura pastoral muito importante»,<sup>120</sup> onde há a *διακονία* como memória daquilo que era a Igreja primitiva: a partir do querigma e dos serviços de bem-estar.<sup>121</sup> Não se pode omitir a importância da Paróquia na estrutura da Igreja, atendendo a que ela «é escola de iniciação cristã, de educação da fé genuinamente católica, de diálogo com todas as pessoas que demandam os seus serviços»,<sup>122</sup> fazendo da Paróquia uma «mera estação de serviços»,<sup>123</sup> quando devia assistir no caminho de fé.<sup>124</sup>

O papa João XXIII entendeu existir algo que deveria mudar na Igreja e convocou, em 25 de dezembro de 1961, o Concílio Vaticano II. A Igreja entrou, assim, num tempo de revisão. Esta revisão também aconteceu em meio paroquial, pois urgia a necessidade de se compreender que na Paróquia “habitava” uma «multiplicidade de ministérios e carismas [que deveriam ser] valorizados e chamados a colaborar na construção da Igreja»,<sup>125</sup> pois «a paróquia de tipo geográfico não responde sempre às necessidades e, de certa forma, é insustentável».<sup>126</sup> O modelo hierárquico ou piramidal da Igreja não permitia as iniciativas dos leigos e vários foram os movimentos modernos de renovação que, desde o início do século XX, se fizeram ouvir e que o Concílio Vaticano II consagrou.<sup>127</sup>

### **3.2. Do Vaticano II**

O Concílio Ecuménico Vaticano II «foi um “Concílio de transição” que iniciou uma renovação nos campos pastoral, espiritual e intelectual [...] para amenizar as consequências

---

<sup>116</sup> Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 6.

<sup>117</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 100.

<sup>118</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 22.

<sup>119</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 75.

<sup>120</sup> Joan Bestard, *Corresponsabilidade e participação na Paróquia: o conselho pastoral paroquial* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997), 59.

<sup>121</sup> Cf. Falesiedi, *Le Diaconie: i servizi assistenziali nella Chiesa antica*, 23.

<sup>122</sup> Georgino Rocha, *Paróquia e unidades pastorais* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008), 25.

<sup>123</sup> Rafael da Silva Gonçalves, «“Pequenos Grupos” como espaço de crescimento na fé», 2ª série, n. 214 (2020): 132.

<sup>124</sup> Cf. Gonçalves, 132.

<sup>125</sup> Prisco, *Derecho Parroquial*, 29.

<sup>126</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 310.

<sup>127</sup> Cf. Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 43.

negativas da crise, marcando a Igreja como um caminho do futuro em várias direções». <sup>128</sup> O próprio papa João XXIII, no discurso de abertura do Concílio, solicita uma atualização ou renovação da mensagem cristã (*aggiornamento*), a partir das fontes (*ressourcement*) para que seja possível um verdadeiro “magistério pastoral” nos dias de hoje. <sup>129</sup> Esta é a cicatriz principal que João XXIII desejava deixar na Igreja com este Concílio.

No entanto, temos de recordar que, antes da convocação para este Concílio, a Igreja tinha uma «conceção eclesiológica vinculada à “perfeição”, à desigualdade e à soberania». <sup>130</sup> Daí o papa pretender um *aggiornamento* da Igreja de forma *ad intra* e *ad extra*, <sup>131</sup> pois ele sabia que não bastava uma renovação de apenas uma das partes, porque só no seu conjunto é que era «possível a existência de autênticas comunidades». <sup>132</sup> Este caminho apontado em conjunto tem de ser um caminho de discernimento da vocação a que todos somos chamados por sermos, pelo batismo, sacerdotes, profetas e reis, <sup>133</sup> isto é, de «caminhos diferentes e com tarefas diversificadas, mas convergentes na mesma finalidade». <sup>134</sup>

A resposta que o Concílio procurou encontrar para os anseios de João XXIII – que a Igreja pudesse ser *ad intra* e *ad extra* –, está exposta em dois documentos conciliares: a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, respetivamente. <sup>135</sup>

A *Lumen Gentium* é uma constituição para que a Igreja se interrogue sobre o rumo que deve tomar, de modo «que o todo e cada uma das partes aumentem pela comunicação mútua entre todos e pela aspiração comum à plenitude na unidade [...], pois os membros do Povo de Deus são chamados a repartir entre si os bens» (*LG*, 13). Esta mensagem que o Concílio pretendeu transmitir advinha daquilo que as Comunidades Primitivas viviam, porque «a todo o discípulo de Cristo incumbe o encargo de difundir a fé, segundo a própria medida» (*LG*, 17). Era esta a Igreja que se tencionava instituir: uma Igreja com «diversos ministérios, para bem de todo o corpo» (*LG*, 18) da mesma para, assim, deixar-se cair a ideia do poder estar todo concentrado no Pastor.

Com o reconhecimento da indispensável necessidade de uma Igreja que caminha com todos, ou seja, que conta com os fiéis leigos, a Constituição Dogmática considera que, «por

---

<sup>128</sup> Santiago Madrigal, *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II* (Maliaño: Sal Terrae, 2017), 44–45.

<sup>129</sup> Cf. Madrigal, 52.

<sup>130</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 61.

<sup>131</sup> Cf. Lima, 61.

<sup>132</sup> Eugénio Freitas da Silva, «Paróquia e Conselho Paroquial de Pastoral», 2ª série, n. 123 (dezembro de 1992): 47.

<sup>133</sup> Cf. João Manuel Duque, «A Vocação dos Leigos na Igreja», *Os Leigos e a Corresponsabilidade na Igreja: actas / das XVII Jornadas de Direito Canónico* 15 (2010): 45.

<sup>134</sup> Ferreira, «Paróquia e Corresponsabilidade do Leigo», 102.

<sup>135</sup> Reconhecendo a relevância de ambas as constituições, para o presente trabalho, optamos por analisar a constituição *Lumen Gentium*.

vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus» (LG, 31). É nos fiéis leigos que o Concílio confia, de modo especial, a tarefa de «tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra» (LG, 33). Desta forma, o Concílio solicita que «os sagrados pastores devem reconhecer e fomentar a dignidade e responsabilidade dos leigos na Igreja; recorram espontaneamente ao seu conselho prudente, entreguem-lhes confiadamente cargos em serviço da Igreja e dêem-lhes margem e liberdade de ação, animando-os até a tomarem a iniciativa de empreendimentos» (LG, 37). No fundo, há um reconhecimento de que a sociedade estava em transmutação e que era necessário acompanhar essa mesma mudança. E a forma, pela qual, o Concílio julgou ser pertinente utilizar foi a de todos os fiéis serem convocados para serem voz nessa mesma sociedade onde estão inseridos, pois os Padres Conciliares julgavam que esta seria a melhor maneira para que a Igreja se desenvolvesse.

Estava dado, por assim dizer, o pontapé de saída para uma mudança na Igreja. E era de tal forma importante este aspeto dos leigos que os Padres Conciliares decidiram ser relevante a publicação de um Decreto sobre o Apostolado dos Leigos denominado por *Apostolicam Actuositatem*, onde se refere que «existe na Igreja diversidade de funções, mas unidade de missão» (AA, 2). Deste modo, o Concílio considerou que existiriam algumas especificidades que iriam surgir, procurando este decreto ser resposta às perguntas que, possivelmente, surgiriam por parte dos leigos no que diz respeito ao seu apostolado *ad intra* e *ad extra*.

Sobre este ponto dos leigos, o teólogo João Duque realçou, numa conferência para Canonistas no ano de 2008, que «o primeiro elemento fundamental de qualquer vocação é o próprio chamamento, que não é nosso, mas nos é dirigido».<sup>136</sup> Ora, o chamamento estava feito e apenas faltava a resposta livre e responsável, de cada um de nós, a esse apelo: estarmos preparados para a missão.<sup>137</sup> Missão essa que estava barrada por uma eclesiologia mais «piramidal, hierárquica e monolítica»,<sup>138</sup> mas que o Concílio propôs – e nos propõe ainda nos dias de hoje – responder como Igreja, de forma permanente, a esse chamamento para uma determinada missão que surja: levarmos «o chamamento de Deus a todos os humanos e ajudá-los a responder positivamente a esse chamamento».<sup>139</sup> No fundo, e como refere o Decreto *Apostolicam Actuositatem*, tem de estar incutido nos fiéis um «claro testemunho de Cristo» e, assim, contribuir «para a salvação dos homens» (AA, 2), pois a mudança só acontece se nós correspondermos a este apelo de Deus, que nos chama.

---

<sup>136</sup> Duque, «A Vocação dos Leigos na Igreja», 41.

<sup>137</sup> Cf. Duque, 41; Cf. Duque, 42; Cf. Duque, 43.

<sup>138</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 248.

<sup>139</sup> Duque, «A Vocação dos Leigos na Igreja», 43.

O centro e origem da vocação de todo o apostolado da Igreja, isto é, da missão da Igreja, é Cristo, que foi enviado pelo Pai (cf. AA, 4). É a partir d'Ele que os fiéis batizados são constantemente desafiados a «manifestar ao mundo, por palavras e obras, a mensagem de Cristo, e a comunicar a sua graça» (AA, 6). A base deste testemunho encontramos-na na Palavra e nos Sacramentos, de modo particular, a partir dos ensinamentos do Clero, com a cooperação dos leigos que completam, mutuamente, o ministério pastoral (cf. AA, 6). E essa colaboração acontece, maioritariamente, nas «comunidades eclesiais, na família, na juventude, no meio social, nas ordens nacional e internacional» (AA, 9).

Esta colaboração que ocorre nas Comunidades eclesiais acontece porque existe uma «dimensão ôntica da Igreja como presença de Cristo e testemunho real do seu mandamento»,<sup>140</sup> pois o cerne da Igreja é a comunhão.<sup>141</sup> É esta comunhão que o Concílio pretende para a Igreja: uma comunhão que seja «espaço comum de pensamento, de sentimentos, de ação decidida, de projeto, que nasce da aceitação do Amor de Deus difundido no coração de todos os irmãos».<sup>142</sup> São estes irmãos, que brotam da pia batismal, aqueles que compõem a Comunidade eclesial<sup>143</sup> e têm como missão o testemunho, por palavras e obras, do Amor de Deus, que receberam aquando do seu Batismo. Esta é a principal mudança que o Concílio Vaticano II opera em relação ao Concílio de Trento, mas, também, um regresso àquilo que existia nas Comunidades Primitivas, ao testemunho que davam. Ou seja, uma “repescagem” da identidade da Igreja.

A mutação que o Vaticano II proporcionou para uma Igreja onde a sua «eclesiologia [é] mais participativa, comunitária e aberta»<sup>144</sup> permitiu que cada um dos fiéis respondesse ao chamamento da sua vocação – como aludiu João Duque – como sinal de comunhão e corresponsabilidade.<sup>145</sup> Corresponder, conforme Vincenzo Bo, «significa responsabilidade partilhada»<sup>146</sup> e, deste modo, ser-lhe-ia «mais fiel à eclesiologia das primitivas comunidades cristãs».<sup>147</sup> Volta, com o Concílio Vaticano II, o verdadeiro «valor da comunidade»<sup>148</sup> que as Comunidades primitivas possuíam.

A Comunidade foi melhor compreendida, na Igreja, a partir da estrutura que é a Paróquia. José San José Prisco, na sua obra *Derecho Parroquial*, refere que «a paróquia [, com o Concílio Vaticano II,] passou a ser entendida mais como comunidade de fiéis do que como

---

<sup>140</sup> José Manuel, «Eclesiologia das Comunidades de Base», 2ª série, n. 90 (setembro de 1984): 254.

<sup>141</sup> Cf. Manuel, 253.

<sup>142</sup> Silva, «Paróquia e Conselho Paroquial de Pastoral», 47.

<sup>143</sup> Cf. Susana Vilas Boas, «Os Leigos, a Igreja e a Missão - Visão e missão dos leigos após o Concílio Vaticano II», 2ª série, n. 201–202 (2013): 48.

<sup>144</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 248.

<sup>145</sup> Cf. Lima, 271.

<sup>146</sup> Bestard, *Corresponsabilidade e participação na Paróquia: o conselho pastoral paroquial*, 89.

<sup>147</sup> Bestard, 90.

<sup>148</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 43.

instituição jurídica territorial: a paróquia é a célula da diocese e família eclesial».<sup>149</sup> O Decreto *Apostolicam Actuositatem* aponta que «a paróquia dá-nos um exemplo claro de apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja» (AA, 10). É a partir da Paróquia, enquanto Comunidade, que «a Igreja é constantemente gerada, aumentada e consolidada, porque nela se transmite a fé, de geração em geração, [e] o Batismo é a porta da pertença eclesial»,<sup>150</sup> o Ser e o Estar em Cristo.

A Paróquia tem, como seu primeiro ministério, o encargo de «ser suficientemente aberta e acolhedora»<sup>151</sup> a fim de poder colocar os recursos necessários que deve utilizar para realizar uma essencial comunhão: «a evangelização, a catequese e a educação católica».<sup>152</sup> Para que tal ação aconteça e tendo como ponto inicial a Comunidade, é preciso que esta apresente o «Evangelho como fonte da proposta cristã, [...] [que se formule] uma proposta cristã clara e completa para a qual queremos caminhar [...] [e que se utilize] uma linguagem clara, cheia de vida e que tenha sentido para as pessoas que a escutam».<sup>153</sup> Deste modo, há um caminho que é partilhado entre todos e por todos.

Com o Concílio Vaticano II, a territorialidade deixou de ser um elemento constitutivo para passar a ser um elemento de configuração.<sup>154</sup> Esta configuração é «a verdadeira *communitas* cristã [que é], com efeito, o lugar em que, mediante a fé, cada um recebe o dom da graça de Deus para se tornar, com os outros (*cum*) e individualmente, dom (*munus*) a favor de cada homem e de cada mulher do mundo em que vivemos, quer sejam ou não membros visíveis do Corpo de Cristo».<sup>155</sup>

Segundo San José Prisco, «o princípio canónico tradicional diz: “Uma paróquia, um pároco”; esta constitui a forma comum e desejável da provisão do ofício».<sup>156</sup> Apesar de se reconhecer o papel preponderante que o Sacerdote tem na pastoral paroquial<sup>157</sup> e de este ser o incitador para «a diversidade dos carismas, das vocações, das sensibilidades, das funções, dos compromissos e dos ministérios»,<sup>158</sup> este já não pode cumprir o princípio canónico tradicional por existir uma «escassez do clero [que] facilitou o acesso do laicado às tarefas pastorais de educação popular, evangelização de base, tomada de consciência libertadora e promoção

---

<sup>149</sup> Prisco, *Derecho Parroquial*, 33.

<sup>150</sup> Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 23.

<sup>151</sup> Prisco, *Derecho Parroquial*, 36.

<sup>152</sup> Silva, «Paróquia e Conselho Paroquial de Pastoral», 51.

<sup>153</sup> Bestard, *Corresponsabilidade e participação na Paróquia: o conselho pastoral paroquial*, 107.

<sup>154</sup> Cf. Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 83.

<sup>155</sup> Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 37.

<sup>156</sup> Prisco, *Derecho Parroquial*, 40.

<sup>157</sup> Cf. Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 39.

<sup>158</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 159.

social».<sup>159</sup> O pároco passa a exercer, desta forma, uma cooperação com todos os fiéis que lhe estão confiados.

A Paróquia, como instituição, não é indiferente à «transformação do tempo dos homens, do seu espaço e do seu habitat».<sup>160</sup> Muitos têm a Paróquia como um «lugar de trânsito, ou antes de passagem».<sup>161</sup> Não se trata, neste caso, de um desprezo pela Paróquia, mas a procura de um lugar onde exista uma «expressão concreta da realização das pessoas que a constituem na diversidade dos dons que o Espírito concede e na unidade de ministérios em torno de Cristo, cabeça».<sup>162</sup> É nesse sentido que o Concílio de Trento procurou que existisse uma formação adequada dos clérigos, para que estes fossem capazes de proporcionar «uma relação pessoal de afeto e simpatia»,<sup>163</sup> ou seja, uma pessoa que esteja num constante diálogo<sup>164</sup> com «as novas exigências pastorais surgidas no contexto da pós-modernidade».<sup>165</sup> O direito de herança, proveniente do Concílio de Trento, perde-se aquando do Vaticano II e, por sua vez, a identidade territorial religiosa também. Inicia-se, neste período, uma consciência universal de Igreja.

Atendendo ao facto de que o Vaticano II procurou uma transformação do seu modo de ver a Igreja, o pároco, apesar de ser uma figura importante no seio da Comunidade paroquial, deverá ser impulsionador, na Paróquia, de um «estilo de trabalho pastoral comum, em que todos os agentes da pastoral assumem um estilo de corresponsabilidade, cada um com o seu próprio dom e ministério».<sup>166</sup> Para tal, é salutar que esta junção crie e ofereça «o máximo de hospitalidade, requerendo, ao mesmo tempo, uma cordial convergência sobre os caminhos fundamentais que geram a experiência de Igreja».<sup>167</sup> E é esta forma de sinodalidade que o Concílio propõe para a revitalização da Paróquia.<sup>168</sup> Deste modo, a Paróquia, que sofre «repercussões profundas na vida e constituição desta instituição»,<sup>169</sup> permite que exista um deslocamento do «acento da hierarquia para a fraternidade, para o serviço, e o pároco [adequase] a este novo *modus vivendi* no exercício do seu ministério»<sup>170</sup> acontecendo, assim, «a missão de fomentar entre eles a comunhão».<sup>171</sup>

---

<sup>159</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 70.

<sup>160</sup> Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 13.

<sup>161</sup> Borrás e Routhier, 117.

<sup>162</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 270.

<sup>163</sup> Bestard, *Corresponsabilidade e participação na Paróquia: o conselho pastoral paroquial*, 106.

<sup>164</sup> Cf. Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 159.

<sup>165</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 101–2.

<sup>166</sup> Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 88.

<sup>167</sup> Corti e Bianchi, 91.

<sup>168</sup> Cf. Corti e Bianchi, 7.

<sup>169</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 51.

<sup>170</sup> Santos, «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 102.

<sup>171</sup> Silva, «Paróquia e Conselho Paroquial de Pastoral», 50.

### 3.3. *Qual é o nosso legado?*

Há caminhos que percorremos sem o devido conhecimento das razões pelas quais estamos a caminhar; há caminhos que percorremos de modo contrariado; mas também há caminhos que calcamos para que seja possível a mudança.

O Concílio Vaticano II procurou acompanhar as mudanças sociais e culturais e, deste modo, adaptar a vida da Igreja a partir da estrutura paroquial. A Igreja deveria apresentar-se como «uma comunidade, toda ela ativa e responsável, dentro da qual existem diversos ministérios, que não se reduzem ao ministério hierárquico, mas que englobam todos os fiéis».<sup>172</sup> E o melhor meio para realizar esta mudança do binómio sacerdócio-laicado para o binómio Comunidade-ministérios<sup>173</sup> teria de ser a Paróquia, pelo seu grau de proximidade que, teoricamente, assume na Igreja com o povo de Deus. Este é o sinal de liberdade que as Paróquias necessitavam para deixarem de se fechar em si mesmas<sup>174</sup> e de enveredarem por caminhos de remodelação – como refere Alphonse Borras – que possibilitem uma reestruturação das mesmas.

A herança que recebemos, no que diz respeito à Paróquia, já não é a mesma e encontra-se em transformação, resultado da «relação entre ministério ordenado e não ordenado».<sup>175</sup> Os fiéis continuam a ser aqueles «estrangeiros de passagem que têm uma meta para lá desse território, mas que pedem para ser acolhidos, eles e o Evangelho que trazem consigo, e sabem viver na *sym-pátheia* com a gente do lugar».<sup>176</sup> É com estas transformações e mutações que a Igreja sofre, ao longo dos tempos, que faz emergir um grito – como observou Luca Bressan – para que a Paróquia volte «a ser um espaço cristão vivo, [...] [onde os] cristãos que a habitam [tenham] a liberdade de repetir no presente aquele encontro entre a sua identidade e a memória cristã que está na [sua] origem»,<sup>177</sup> ou seja, que a Comunidade paroquial testemunhe o Evangelho e preste serviços à mesma.<sup>178</sup>

Tomáš Halík, no seu livro *O Tempo das Igrejas vazias*, alerta que, «se a Igreja não levar a sério os apelos urgentes do papa Francisco por uma reforma interna, por uma viragem radical para o Evangelho, por um aprofundamento da sua teologia, espiritualidade e prática pastoral, este tempo de igrejas vazias possa tornar-se uma imagem de advertência num futuro próximo».<sup>179</sup> No fundo, este apelo residia na necessidade de uma “nova evangelização”, que

---

<sup>172</sup> Silva, 46–47.

<sup>173</sup> Cf. Silva, 46–47.

<sup>174</sup> Cf. Borras e Routhier, *A nova Paróquia*, 139.

<sup>175</sup> Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 80.

<sup>176</sup> Corti e Bianchi, *A Paróquia*, 24.

<sup>177</sup> Corti e Bianchi, 44–45.

<sup>178</sup> Cf. Borras e Routhier, *A nova Paróquia*, 156.

<sup>179</sup> Tomáš Halík, *O tempo das Igrejas vazias* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2021), 14–15.

não dará «frutos se não for precedida por uma “pré-evangelização”, na forma de um cuidado sistemático pela cultura espiritual dos indivíduos e da sociedade, uma viagem de uma vida superficial acomodada (como “se vive” no mundo) para uma cultura de “discernimento espiritual”, responsabilidade por si próprio, pelos outros e pelo meio ambiente comum».<sup>180</sup> Este é o objetivo primordial da Igreja, de acordo com a vontade de Cristo: Evangelizar.<sup>181</sup>

Já no ano de 1988, o papa João Paulo II escreveu uma Exortação Apostólica pós-sinodal intitulada *Christifideles Laici*, onde realça a relevância da vocação e da missão que os fiéis leigos têm na Igreja e no mundo. Recorrendo a palavras do seu antecessor – o papa Paulo VI –, João Paulo II refere que «Evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda» (CL, 33). Para tal, a Igreja conta com os fiéis leigos para escutarem «o chamamento de Cristo para trabalharem na Sua vinha, a fim de tomarem parte viva, consciente e responsável na [sua] missão» (CL, 3), isto é, serem corresponsáveis «juntamente com os ministros ordenados e com os religiosos e as religiosas, da missão da Igreja» (CL, 15). É na Igreja que se anuncia e se acolhe o Evangelho na força do Espírito, tornando-se Comunidade evangelizada e evangelizadora (cf. CL, 36).

Esta corresponsabilidade «provém do Batismo, sacramento que chama os fiéis leigos a participarem na comunhão e na missão da Igreja» (CL, 32), onde cada um possui o seu próprio carisma, isto é, o dom de Deus.<sup>182</sup> Este dom é desenvolvido no «berço da vida e do amor, onde o homem “nasce” e “cresce”, a família» (CL, 40), porque é no casal e na família que há a possibilidade de se constituir esse primeiro espaço para os leigos demonstrarem a sua dedicação em prol da Igreja e da sociedade (cf. CL, 40). Na família encontramos «o espaço natural de promoção da relação intergeracional»,<sup>183</sup> onde a Igreja é mais próxima, «enquanto igreja doméstica, e a paróquia, como comunidade de famílias»,<sup>184</sup> porque «a paróquia e a família [são] comunidades que se condicionam e moldam reciprocamente».<sup>185</sup>

A Paróquia tem de regressar às suas origens, quanto mais não seja à origem do seu vocábulo, para se relembrar que é *Oikos*, isto é, «casa de família, família alargada»,<sup>186</sup> que, com a presença ativa dos seus participantes – leigos – se encontra em missão, pois «nela, cada um contribui para a missão e cada um é sustentado e apoiado pela comunidade».<sup>187</sup> José Cristo Rey

---

<sup>180</sup> Halík, 19.

<sup>181</sup> Cf. Sousa, «A realidade paroquial», 56.

<sup>182</sup> Cf. Alfredo Leite Soares Soares, «O conceito de “Povo de Deus”: do Concílio Vaticano II ao Código de Direito Canónico», *Os Leigos e a Corresponsabilidade na Igreja: actas / das XVII Jornadas de Direito Canónico* 15 (2010): 33.

<sup>183</sup> José Durán Vásquez e Eduardo Duque, «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português», *Revista Cultura & Religión* XIV, n. 2 (2020): 32.

<sup>184</sup> Rocha, *Paróquia e unidades pastorais*, 7.

<sup>185</sup> Rocha, 28.

<sup>186</sup> Paredes, *É possível outra comunidade*, 15.

<sup>187</sup> Paredes, 17.

García Paredes aponta que neste regresso às origens da palavra, isto é, ao perguntar o porquê do nome Paróquia para se definir Comunidade, encontramos uma definição, uma identidade, pois é isso o que as Comunidades nos dão. E este congregar, em Comunidade, demonstra aquilo que nos identifica, aquilo que advém de características comuns e que nos unifica num *ethos*, num carisma, que suporta uma dimensão ôntica. É uma herança que recebemos dos nossos antepassados, da nossa família, do nosso encontro intergeracional e que, a partir do momento em que herdamos, se desenvolverá e se expandirá em e entre nós.<sup>188</sup> Esta é a união, aquilo que aglutina e permite «que os seus membros caminhem juntos, lado a lado, para a meta comum, [pois] são pessoas diferentes, livres, imprevisíveis».<sup>189</sup> Daí ser comum que se procure, em cada Comunidade, uma “forma” própria para «se estruturar e configurar, seguindo o modelo inspirado pelo Espírito em cada momento e adequada ao contexto».<sup>190</sup>

Estruturar uma Comunidade é primordial para descobrir aquilo de que uma Comunidade é capaz, partindo de métodos em equipas ou em pequenos grupos, como analisaremos no próximo capítulo. Esta é a forma de tornar vivo o *ethos* da Comunidade paroquial e de as pessoas, que compõem essa Comunidade, se sentirem contribuidoras para a revitalização da mesma. É esta viagem ao interior de cada um de nós que, ao ser partilhado e discernido em comunidade, permite entender que «para que haja comunidade será necessário um princípio unificador»,<sup>191</sup> que é o Amor e que poderá ser expresso através da “hospitalidade”. Esta hospitalidade retrata o reconhecimento da diversidade. Se esta hospitalidade não se manifestar, a Comunidade será uma farsa, porque «impõe-se-lhe uma fachada que não é a sua»,<sup>192</sup> uma máscara que não passa de uma dissimulação.

A Comunidade Primitiva de Jerusalém acreditava que vivia o Evangelho quando vivia «no amor, na Aliança».<sup>193</sup> Este modo de vida estava alicerçado com e pelo testemunho do Evangelho e no serviço através da caridade. Entenda-se que esta era uma vida de verdadeiro discipulado onde serão *oikoi* aqueles que são discípulos para fazer discípulos.<sup>194</sup> O discipulado é como «um “ecossistema” para as comunidades em missão, [sendo essa] cultura do discipulado [aquela que nos] impele mais a cultivar o desenvolvimento do nosso estilo de vida missionário do que a organizar eventos missionários».<sup>195</sup> Este modo de ser discípulo foi um apelo que Jesus deixou para que estes sejam e façam outros Suas testemunhas. Desta forma, o discípulo será

---

<sup>188</sup> Cf. Paredes, 12.

<sup>189</sup> Paredes, 12–13.

<sup>190</sup> Paredes, 15.

<sup>191</sup> Paredes, 53.

<sup>192</sup> Paredes, 43.

<sup>193</sup> Paredes, 51.

<sup>194</sup> Cf. Paredes, 24.

<sup>195</sup> Paredes, 24.

um *oikoi* porque proporcionará a multiplicação e o conseqüente crescimento sadio das Comunidades.<sup>196</sup>

Porém, é necessário que haja um líder da Comunidade que está em e na missão com o objetivo da animação e orientação da mesma, para que esta possa fazer discípulos, mas também tem como finalidade o «cuidado, a atenção e a liderança»<sup>197</sup> dessa mesma Comunidade, que em si depositou confiança. Neste sentido, o líder tem de criar um método para «estabelecer uma conexão de aliança com os seguidores e não uma conexão de imposição unilateral»<sup>198</sup> permitindo, desta forma, a unidade das diversidades e o progresso da Comunidade. Esta forma de ser líder será um modo de «amor a uma causa, por implicação num “*ethos* comunitário”, por amor ao Reino de Deus: não porque “temos de”, mas porque “queremos”». <sup>199</sup> Esta liderança não poderá ser movida pelos resultados, pois isso desagua na obrigação e não no amor a uma causa.

Estes três pontos que acabamos de referir, a partir do pensamento do autor José Cristo Paredes, como importantes numa Comunidade – estruturação, discipulado e liderança –, são três pilares que o Concílio Vaticano II procurou, ainda que indiretamente, indicar para o desenvolvimento da Igreja a partir da instituição Paróquia. Porém, para tal mudança, não basta promover a mudança instantânea destes três pontos, mas sim apresentar modelos que possam ser aplicados à estrutura, que proporcionem o discipulado, tendo por base a liderança porque não nos poderemos nunca esquecer que somos herdeiros de uma identidade coletiva. Assim sendo, no capítulo seguinte iremos analisar dois modelos de renovação pastoral paroquial: *Renovação Divina* de James Mallon e *Grupos de Jesus* de José António Pagola.

---

<sup>196</sup> Cf. Paredes, 23.

<sup>197</sup> Paredes, 19.

<sup>198</sup> Paredes, 86.

<sup>199</sup> Paredes, 90.



## CAPÍTULO 2 – (RE)CONHECER PARA CRESCER

Há momentos em que pensamos sobre os acontecimentos que se vivem, numa autêntica retrospectiva das experiências espaciotemporais que nos conduzem às perguntas, qual criança irrequieta que somos, à procura de soluções. Mas o porquê das respostas cria sempre um mal-estar naquele que ousa responder, a não ser que seja simples e humilde – inocente, diríamos na gíria popular – como uma criança (cf. Mt 18, 4).

A verdade é que já ultrapassamos essa primeira fase que nos permitiu acumular, à nossa bagagem, algum conhecimento. Mochila preparada, lá enfrentamos a vida, com um sorriso no rosto e dispostos à aventura. Para tal, é necessário colocar em prática aquilo que se aprendeu e se conquistou ao longo do tempo. Eis-nos chegados ao momento do reconhecimento.

Reconhecer é uma redescoberta de algo que aconteceu e que repousa na memória; é o despertar para a realidade que existe, mas que está resguardada na consciência. (Re)Conhecer é permitir a iluminação do conteúdo adquirido que possibilita ao Ser argumentar e/ou analisar, de forma construtiva e crítica, aquilo que surge como marcas de um caminho. É, também, desta forma que é possível que esse mesmo Ser cresça.

Este crescimento só é possível com a ajuda de ferramentas metodológicas e/ou modelares que irão auxiliar esse (re)conhecimento. Crescer é, deste modo, sinal da juventude que sonha e aponta, que deseja e prospera, que anseia e grita, porque a criança que foi ainda se manifesta na sua forma de Ser e Estar. Há projetos que pairam e que almejam ser concretizados como sinal de crescimento, mas também de gratidão.

Assim, é o contínuo (re)conhecimento que se constrói ao longo da jornada que permite as questões e suas respetivas respostas, bem como uma análise crítica daquilo que está em falência na identidade que nos pertence. No fundo, ao longo deste capítulo, propõe-se uma provocação humilde para a renovação, a partir de peças que podem ajudar a completar o puzzle do bom êxito da pastoral da evangelização.

Será esta a forma de se Renovar a Paróquia? De Desbloquear? De Voltar? De Recuperar? Certamente que em Grupo – talvez a partir de pequenos grupos de partilha – conseguiremos encontrar esta Alegria que brota de Jesus e que os evangelistas quiseram deixar registada para que nós pudéssemos tomar parte deste Mistério. O testemunho é a chave que o discípulo possui para ir, batizar, ensinar e ser enviado (cf. Mt 28, 19-20), isto é, cumprir a missão da Igreja, que é, por sua vez, a missão de Jesus!

## 1. Primeiras conclusões do percurso histórico

A primeira ideia que paira neste momento é, muito provavelmente, a do cansaço. Percorrer vinte séculos num curto espaço de tempo, onde se apontam alguns pormenores que consideramos dignos de relevo, conduz o leitor – e mesmo o autor – para uma situação de necessidade de algo: fazer uma retrospectiva daquilo que já fora percorrido, num autêntico reconhecimento gratificante, enquanto nos refrescamos. E se por alguma razão nos refrescamos é porque temos sede.

O Cardeal Tolentino Mendonça refere que «a sede é um património biográfico que somos chamados a reconhecer e a agradecer».<sup>200</sup> Entender, nos dias de hoje, aquilo que é a Igreja desperta em nós, de forma natural, esta carência pela «arte de buscar, de aprender, de colaborar, a paixão de servir».<sup>201</sup> Ou seja, para compreendermos aquilo que é a Igreja e as possíveis mudanças que poderão ser operadas no seu seio, foi necessário entendermos a evolução da Comunidade para que agora se possa assegurar que, neste momento, urge a necessidade de se iniciar um novo processo de revitalização da Igreja a partir das Paróquias, numa atitude que requer esta arte de reconhecer.

Esta viagem que construímos entre as origens e o nosso quotidiano teve como único objetivo visitar a essência daquilo que é a génese das Paróquias, quase como quando cada um de nós sente a carência de ir à sua terra natal ou à casa onde cresceu: lá estão as raízes; lá está aquilo que somos. É esta memória agradecida que solicita ir beber à fonte para depois ser «pessoas-cântaro para dar de beber aos outros» (*EG*, 86). Mas também é nesta atitude de ir que «a sede nos incomoda ou nos devora. [Por isso,] façamos da sede um caminho».<sup>202</sup> Assim, não nos conformemos apenas em praticar a mudança pela necessidade, mas procure-se aplicar a transformação com base naquilo que eram as Comunidades Primitivas – e que nos é relatado em At 2, 42-47 como um sumário da vida comunitária dos primeiros cristãos, que viviam em Comunidade –, pois este retorno às Primeiras Comunidades consiste, também, num regresso aos processos de iniciação cristã.

Várias foram as mutações que, ao longo dos séculos, foram surgindo de modo a estarem conformes àquilo que consideravam ser o mais adequado à Igreja naquele tempo, e nós, nos tempos de hoje, não somos exceção: permanece o desejo de adaptar a Igreja, a partir daquilo que são as origens, à nossa realidade. Já o Concílio Ecuménico Vaticano II alertava para tal pobreza, acabando por apresentar duas Constituições que procuravam alertar para esta precisão eclesial e social (as já referidas *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*). No fundo, era pretendido,

---

<sup>200</sup> José Tolentino Mendonça, *Elogio da Sede* (Lisboa: Quetzal Editores, 2019), 45.

<sup>201</sup> Mendonça, 62.

<sup>202</sup> Mendonça, 107.

por este Concílio, um regresso àquilo que eram as Comunidades Primitivas, ou seja, um retorno à forma como estas viviam, se moviam e agiam perante a Comunidade e perante aqueles que se encontravam nas «periferias [e] que [precisavam] da luz do Evangelho» (EG, 20) para regressarem.

Esta projeção que o Vaticano II procurou provocar, a partir da instituição Paróquia, serviria de alerta para que esta se renovasse de modo a que a Igreja não tivesse medo de ser profética, bem como não tivesse temor de colocar o dedo na ferida que possui e carrega.<sup>203</sup> Há este grito de terminar com a mera administração para se apostar numa progressiva evolução, pois, como diz o Cardeal Tolentino, «uma comunidade não pode viver só de manutenção: precisa de uma alma jovem e enamorada, alimenta-se da alegria da procura e da descoberta, não teme o desafiador e o disruptivo, arrisca a hospitalidade, o encontro e o diálogo».<sup>204</sup> E se se pretende que a Igreja seja jovem, tem de agir como um jovem à procura de respostas às perguntas, tem de se expressar como um jovem na procura de novos caminhos onde possa manifestar o que sente, mas também tem de promover o encontro com todos, de modo particular, com aqueles que estão afastados. Há esta urgência apontada pelo Concílio em mudar o paradigma, para que a Igreja, que se encontra fechada sem escutar os que estão sedentos nas periferias – e não só –, abandone a ideia de se autocentrar e de se autorreferenciar.<sup>205</sup>

Engane-se quem pensa que este chamamento é apenas para as pessoas e não tanto para as estruturas que são o suporte da Igreja. Se é bem verdade que quem faz a Igreja são as pessoas, não deixa de ser menos verdade que, quando alguém deseja entrar na Igreja, esta lhe oferece todos os meios humanos e materiais para que seja possível a sua hospitalidade. E isto só é possível porque o ser humano é um ser relacional, desde que possua uma estrutura em que confie e dê testemunho desta mesma estrutura. No entanto, «somos chamados a viver com esperança todas as situações da vida. Porquê? Porque o Espírito Santo, a força de Deus, o vento, o sopro, o hálito e o alento estão em nós».<sup>206</sup> O mesmo será dizer que o Amor é aquilo que nos une e faz com que tenhamos frutos, pois o Amor deriva do Espírito Santo e este permite que «possamos viver como discípulos de Jesus Cristo, que nos capacita para crescer em santidade e ajuda a transformar a vida dos outros».<sup>207</sup> Esta vida que é dádiva e que, ao sermos (re)conhecedores desta dádiva, conduz-nos a uma necessidade de mudança no outro.

---

<sup>203</sup> Cf. Mendonça, 139.

<sup>204</sup> Mendonça, 156.

<sup>205</sup> Cf. Mendonça, 144.

<sup>206</sup> Mendonça, 87.

<sup>207</sup> Ron Huntley e James Mallon, *Desbloqueia a tua Paróquia: Fazer discípulos, formar líderes com o Alpha* (Lisboa: PAULUS Editora, 2020), 111.

O Concílio de Trento foi marcante por ser um acontecimento originado pelas críticas à Igreja por parte de Lutero. Atendendo às circunstâncias sociais que estavam a acontecer no século XVI, a Igreja procurou, a partir de normas e adaptações nas suas estruturas às circunstâncias que a sociedade estava a atravessar, ser um sinal da presença de Deus no território através da proximidade entre o Sacerdote e o Povo que lhe estava confiado, nomeadamente com a norma de residência obrigatória nas Paróquias, por parte dos Párocos, bem como os deveres que o povo desse determinado lugar tinha para com o Sacerdote. Este era um dos pareceres que a Igreja considerava ser oportuno para que, nesse período histórico, a própria Igreja produzisse frutos a partir do Amor, isto é, que crescesse.

Apesar de Trento ter sido importante, o Vaticano II foi o Concílio que permitiu o regresso, de certo modo, às origens. Foi no Vaticano II que se reconheceu a necessidade de haver mudanças na estrutura (passar de uma estrutura totalmente hierárquica para uma estrutura mais fraterna ou sinodal, mas sem deixar de ser hierárquica). O envolvimento dos leigos na pastoral, bem como o papel dos líderes nas Comunidades, são duas realidades que têm de estar bem vincadas nas Paróquias. Vários são os problemas que vão surgindo na geografia portuguesa, como a desertificação ou até mesmo a escassez no clero preciso para corresponder e dar uma solução sólida àquilo que as Dioceses almejam. Este caminho terá de ser um caminho de renovação, porque é um caminho que é reconhecido, isto é, não se parte do nada, mas sim de uma história que teve os seus altos e baixos, fracassos e conquistas, erros e certezas, mas tudo foi necessário para o crescimento. Porém, é a partir desta análise que conhecemos e reconhecemos estas circunstâncias. O que importa, neste momento, é aproveitar a base – isto é, a génese – e os pontos que deram frutos para que, neste tempo que é o nosso, possamos ajudar a Igreja a frutificar.

E o que é preciso fazer, nos dias de hoje, para haver frutos? Segundo Casiano Floristán, são quatro pontos que permitem o crescimento do número de discípulos: a comunicação, a educação da fé, o sentido de pertença e o desafio ao compromisso.<sup>208</sup> O mesmo será dizer que é necessário conquistar, novamente, aqueles que são adultos, de modo a que cresçam e possam ser considerados adultos na fé. Não se trata, porém, de uma questão de idade, mas sim de um apelo a que se formem adultos que ganhem e tenham uma maturidade suficiente em Cristo, de maneira que consigam ajudar outros a amadurecerem e a conduzirem crianças, adolescentes, jovens e até mesmo outros adultos ao conhecimento desta fé num Jesus, que é Amor. Ora, se é Amor, necessita de um outro que dialogue e, assim, promover-se-á um crescimento, fruto desse Amor intergeracional. A melhor forma para que tal processo principie tem de ser,

---

<sup>208</sup> Cf. Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 37.

indiscutivelmente, a partir do convite pessoal, tal como Jesus fez com os seus discípulos: a partir da realidade concreta em que eles viviam, lançou-lhes o convite para serem discípulos de acordo com aquilo a que eles estavam habituados, ou seja, a partir daquilo que eles já tinham reconhecido como dom em si (cf. Lc 5, 10b).

Esta perspetiva apresentada por Floristán é corroborada a nível mundial e existem algumas experiências que foram colocadas em prática e que deram o seu fruto. De tantas propostas que poderiam ser aqui apresentadas, iremos focar-nos em dois autores que apresentam, em cada obra que escreveram, a ferramenta que utilizaram nas suas Comunidades e que permitiram que estas crescessem e se multiplicassem: o Pe. James Mallon com os grupos *Alpha* e o Pe. José Antonio Pagola com os *Grupos de Jesus*.

A análise que nos propomos elaborar baseia-se na leitura e contextualização das obras supramencionadas, bem como a possível hipótese de implementação no nosso contexto português, mais concretamente na região norte de Portugal. Não nos consideramos dignos de as apresentar como os modelos, mas sim como modelos que ajudem, pastoralmente, ao reflorescimento das Paróquias, atendendo a que estas «são células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial. [As Paróquias] são chamadas a ser casas e escolas de comunhão» (CELAM, 170).

## **2. Renovação Divina**

Esta obra teve origem a partir da experiência que James pôde obter na sua Comunidade de St. Benedict, em Halifax, no Canadá. Vários são os aspetos desenvolvidos por ele, que considera serem importantes para que as Paróquias se tornem atrativas, “saudáveis” e gerem frutos para o crescimento na fé dos seus membros. Ao longo da obra, procura construir pontes as quais, com a nossa análise, procuraremos comparar com a nossa realidade portuguesa.

### **2.1. Paróquia, lugar do Discípulo**

A Paróquia, enquanto Comunidade, é aquela que se reúne, «em família, sendo a Eucaristia celebrada num ambiente de festa, de verdadeiro banquete “agapê”».<sup>209</sup> Nesse banquete, aqueles que se reúnem em Comunidade expressam a sua fé, alimentam-se do Corpo do Senhor, partilham bens, geram Comunidade fraterna e, pelo seu modo de vida, são fermento ativo na Comunidade humana.<sup>210</sup> É na Paróquia que terá de acontecer este modo de viver, bem como a devida formação (e não formatação), permitindo que aconteça na Comunidade o

---

<sup>209</sup> Barbosa, «Estipêndios», 37.

<sup>210</sup> Cf. Marcelino, «Lugar dos Leigos na Igreja - Do Vaticano II aos nossos dias», 12.

«nascimento, na medida da comunhão que realiza com a Igreja-mãe, tendo nesta o espaço próprio para a sua aprendizagem como dom oferecido por Deus em Cristo».<sup>211</sup> Ou seja, a Paróquia tem de ser uma incubadora de verdadeiros discípulos para a Igreja.

No entanto, surge a questão: o que é um (bom) discípulo? «A raiz [do vocábulo] “discípulo” significa “seguidor”; assim, os bons discípulos são, por lógica, seguidores dos mandamentos mais importantes do Senhor: amar a Deus com todo o coração e toda a alma e amar o próximo como a si mesmo».<sup>212</sup> Esta forma de ser discípulo não implica, necessariamente, que se tenha de ir para países estrangeiros, mas sim principiar o desenvolvimento desta missão nas Comunidades onde se está envolvido. Assim, consegue-se chegar «aos amigos e à família, onde trabalham e onde se movimentam»,<sup>213</sup> sendo este modo de se ser discípulo proporcionado através do Espírito Santo, de onde brota o Amor.

É este Espírito que, no entender do Mallon, tem de estar presente na Comunidade Paroquial, de maneira a torná-la um corpo vivo, na medida em que «procura estar continuamente em atitude de discernimento e avaliação sem nunca se acomodar a fórmulas ou esquemas pastorais dotados».<sup>214</sup> Para tal, é preciso que cada membro da Comunidade reconheça esta missão a que é chamado pelo Batismo recebido e que seja capaz de proporcionar nas Paróquias esta nova evangelização, pois as Paróquias necessitam do «protagonismo de cada um dos batizados» (EG, 120) para que, a partir do momento em que essas pessoas são amadas (e se deixam amar), possam sair e ser anunciadoras deste Amor que brota do encontro que tiveram com Jesus Cristo.

Por outro lado, é salutar o facto de estarmos numa crise de identidade provocada por alguns sintomas sociais como a crise familiar, a crise matrimonial ou até mesmo a crise financeira. Estas crises não são alheias ao cristianismo, na medida em que já no tempo de Jesus existiam. O que nós temos de reter, destas crises, é a importância de as podermos ter como exemplo e proximidade nos nossos meios, para que, através delas, seja possível uma redescoberta da verdadeira identidade do cristão: a missão. A missão foi incutida por Jesus aos seus seguidores e subdividida em «quatro missões à sua Igreja nascente: ir, fazer, batizar e ensinar»<sup>215</sup> (cf. Mt 28, 19-20). Porém, o verbo epicentro da missão é o verbo *fazer*, pois é este o motor dos outros três verbos enunciados.

Aquilo que James aponta, nesta obra, é a necessidade de se “fazer discípulos”, atendendo a que este «é o cerne da questão e o prisma pelo qual devemos considerar todas as atividades

---

<sup>211</sup> Lima, *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*, 266.

<sup>212</sup> Chris Lowney, *Todos somos líderes* (Maliaño: Sal Terrae, 2018), 212.

<sup>213</sup> Huntley e Mallon, *Desbloqueia a tua Paróquia: Fazer discípulos, formar líderes com o Alpha*, 47.

<sup>214</sup> James Mallon, *Renovação Divina*, 2ª (Lisboa: PAULUS Editora, 2019), 6.

<sup>215</sup> Mallon, 17.

da Igreja, todos os programas pastorais, todos os gastos e o uso de todas as nossas instalações»<sup>216</sup> comunitárias. Porém, para se “fazer discípulos”, é preciso que, na Comunidade, esses discípulos existam.

Os discípulos não aparecem muitas das vezes nas Paróquias, porque estas proporcionam programas para aqueles que não têm sede de Deus, para aqueles que, a priori, já O conhecem. O foco terá de passar para aqueles que têm sede, criando-se métodos para que estas pessoas, que são alheias a Deus, sejam impulsionadas a fazer, também elas, discípulos. Assim, a Paróquia, como célula-viva da Igreja, cresce, amadurece e acaba com algumas pequenas crises que aparecem no seio comunitário.

Neste sentido, James Mallon propõe uma melhor clarificação daquilo que a Igreja é, daquilo que ela pretende de cada um e da forma como cada um dos seus membros é chamado a ser corpo vivo na Igreja. Percebemos que a Igreja vive o seu melhor ciclo quando «Evangeliza, faz discípulos e envia-os como missionários para ir, evangelizar e fazer mais discípulos que possam ser batizados e ensinados e, finalmente, enviados. Isto acontece quando uma Igreja está saudável».<sup>217</sup> Deste modo, pode-se concluir que «todo o discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula a Ele como amigo e irmão» (CELAM, 144), numa total e concreta correspondência com a sua vocação: ser testemunha dos mistérios de Jesus Cristo.

## **2.2. Superar uma Pastoral da Manutenção**

A Igreja, com o II Concílio do Vaticano, propõe uma nova evangelização, centrada na génese do Cristianismo, onde se encontra o chamamento universal à santidade e à missão, atendendo a que ambas derivam do facto de sermos batizados. Nos dias de hoje, muito tem contribuído o papa Francisco com a sua maneira de ser e pensar, pois «ele dirige-se a todos os cristãos com clareza e urgência, desafiando-nos a lembrarmo-nos da nossa identidade e a sermos uma Igreja que vai e faz “discípulos missionários”».<sup>218</sup> Este é o modo que Jesus nos deixou e que o papa Francisco faz questão de testemunhar, apontando para a urgência de descobrirmos a profundidade da nossa identidade, que só poderá ser desbloqueada quando ocorrer o nosso encontro com Jesus Cristo.<sup>219</sup>

Quando acontecer o encontro verdadeiro com Cristo, aquele que o vive pode, então, ser testemunha e corresponder ao apelo de Jesus em ir, fazer, batizar e ensinar (cf. Mt 28, 19-20),

---

<sup>216</sup> Mallon, 20.

<sup>217</sup> Mallon, 23.

<sup>218</sup> Mallon, 25.

<sup>219</sup> Cf. Huntley e Mallon, *Desbloqueia a tua Paróquia: Fazer discípulos, formar líderes com o Alpha*, 18.

isto é, o cristão tem de evangelizar porque anuncia «Cristo àqueles que O desconhecem, de pregação, de catequese, de batismo e de outros sacramentos que hão de ser conferidos» (*EN*, 17). O papa Paulo VI apontava que «a metodologia pastoral da Igreja deverá ser ampla, mas a evangelização como tal é essencialmente *kerigmática* e conduz ao encontro com Jesus, não se reduzindo a informar sobre Ele ou sobre a sua Pessoa, mas consistindo no encontro com Ele que faz com que cada um se torne discípulo».<sup>220</sup> Deste modo, permite-se que exista uma edificação das Comunidades e, por sua vez, o acolhimento destas àqueles que se encontram perdidos.

Os últimos Papas, desde o papa Paulo VI, têm procurado dar atenção a esta questão da renovação da Igreja a partir de uma nova evangelização. O papa João Paulo II, no seu discurso em 1983 à *CELAM*, proferiu que a nova evangelização teria de ser «nova no seu ardor, nos seus métodos e nas suas experiências».<sup>221</sup> Nesta linha, o papa Bento XVI, nos seus escritos, «começa a falar da necessidade de um encontro “pessoal” e de uma relação “pessoal” com Jesus»,<sup>222</sup> sendo que, quando alude a Jesus, pretende referir-se à Santíssima Trindade e, deste modo, apontá-la como o objetivo que a nova evangelização tem de conquistar. Já com o papa Francisco, o foco da nova evangelização centra-se na juventude, solicitando que a juventude faça barulho e que se faça ouvir, de modo a terminar com tudo aquilo que torna os jovens imóveis e fechados ao mundo.

Um dos documentos charneira na questão da nova evangelização é o *Documento da Aparecida (DA)*, onde o papa Francisco, ainda como Cardeal Jorge Bergoglio, teve uma grande influência, sendo este documento a base da Exortação Apostólica *Alegria do Evangelho*. No ponto 5.4. deste documento, o Dr. José Luis Pérez Guadalupe apresenta o resultado da investigação sobre as várias razões pelas quais os católicos deixam a Igreja nesta área geográfica que é abarcada pelas Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe. A conclusão a que chega a equipa de investigadores, liderada pelo Dr. José Luis, sobre a razão pela qual os católicos deixam a Igreja nestas regiões, pode ser aceite, também, pela nossa realidade portuguesa:

1. O crente nunca teve “um encontro pessoal com Jesus Cristo” (considerado “intenso e profundo”) dentro da Igreja Católica, mas vivenciou-os nas outras igrejas. [...]
2. A presença de uma vida comunitária significativa na qual são “acolhidas e se sintam valorizadas, visíveis e incluídas na Igreja”. [...]
3. A formação bíblica e doutrinal não é vista como “conhecimento teórico e frio”, mas como algo que permita “o crescimento espiritual, pessoal e comunitário” e que as pessoas amadureçam.

---

<sup>220</sup> Mallon, *Renovação Divina*, 28.

<sup>221</sup> Mallon, 28.

<sup>222</sup> Mallon, 30.

4. Um compromisso missionário que faça os membros da Igreja saírem dos seus lugares para ir ao encontro dos mais afastados e convidá-los a voltar para casa, para a família de Deus.<sup>223</sup>

Com esta referência do *Documento da Aparecida*, entende-se que «a dura realidade é que essas deficiências metodológicas fazem parte, pelo menos, das atividades essenciais de evangelização, discipulado, comunhão e missão».<sup>224</sup> Estas são as consequências de se manter a Igreja em manutenção. O papa Francisco, antes de ser eleito, proferiu um discurso aos Cardeais presentes no Conclave, no qual, na sua ótica, o sucessor de Bento XVI deveria ser alguém que ajudasse «a Igreja a se lembrar da sua verdadeira identidade: ser Igreja “chamada a sair de si mesma e ir ao encontro das periferias”»,<sup>225</sup> para não se tornar autorreferencial e, por sua vez, adoecer. No entanto, o primeiro passo que tem de ser dado é o reconhecimento deste sofrimento que a Igreja está a passar para, deste modo, poder ser curada. Esta cura poderá ser iniciada a partir dos Sacerdotes, desde que estes estejam vigilantes e alertem as “suas ovelhas” do perigo eminente, proporcionado pelos sinais dos tempos. Porém, no nosso tempo, a manutenção continua a ser preferível à renovação, pois o comodismo ainda é uma qualidade de que os Sacerdotes tendem a não se desprender por causar irritação e desassossego neles próprios, e noutros Sacerdotes. Com este modo de proceder, há uma perda da esperança que não se pode perder, e uma urgência para se reconstruir o templo vivo que constituímos, em Comunidade.

É nesta Comunidade que se «partilha os traços essenciais de qualquer outro corpo social, ou seja, sentimento de pertença, a capacidade de influenciar, a integração, a satisfação de necessidades e as ligações emocionais partilhadas»,<sup>226</sup> de modo a proporcionar uma harmonia do corpo. Nos tempos hodiernos, perante a realidade que se pode apreender, vê-se um tecido eclesial fragilizado, ainda sob a alçada do Pároco. Enquanto este modo de se viver comunitariamente permanecer, o paradigma da manutenção manter-se-á e o progresso dos cristãos na Comunidade fica comprometido, na medida em que a dimensão institucional não permite o desenvolvimento dos seus carismas e, por sua vez, perde-se o sentido de Comunidade para se viver o sentido do Padre. O referencial deixa de ser Cristo, que constituiu a Sua Comunidade ramificada em pequenas Comunidades, para ser a “minha Paróquia”/“minha Comunidade”, numa tendência egocêntrica e totalmente egoísta.

Eis que se chega à necessidade de se reconhecer a urgência da renovação, a partir da reconstrução necessária. Quando um Presbítero chega a uma Paróquia, esta representa «uma certa comunidade de fiéis constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob

---

<sup>223</sup> Mallon, 36.

<sup>224</sup> Mallon, 37.

<sup>225</sup> Mallon, 41.

<sup>226</sup> Luís M. Figueiredo Rodrigues, *A edificação do tecido eclesial. Formação de Agentes* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021), 122.

a autoridade do Bispo diocesano, está confiada [a esse Presbítero na função] de Pároco, como a seu próprio pastor» (CDC, 515§1), sendo o Padre herdeiro de edifícios que procurará transformar conforme as suas necessidades. Porém, «na Casa de Deus, o que precisa de ser removido podem ser, literalmente, as estruturas que já não servem à missão ou que a impedem de ser concretizada. Podem ser também atitudes, ideias ou perspectivas teológicas que prejudicam a nossa capacidade de cumprir o “mandato missionário” que Jesus nos confiou». <sup>227</sup> No entanto, é sempre tentador derrubar aquilo que foi construído pelo antecessor para não deixar lembrança. Passa a existir uma quebra na vida paroquial, por vontade do “estrangeiro”, que vem exercer a sua autoridade na Comunidade que o recebe como seu hóspede. Porém, a missão que o Presbítero vem desempenhar é comum a qualquer um: «partilhar o ministério de Cristo, para que, em favor da mesma comunidade, desempenhe o múnus de ensinar, santificar e governar, com a cooperação ainda de outros presbíteros ou diáconos e com a ajuda de fiéis leigos» (CDC, 519). Ora, se o Padre é aquele que chega, não deveria ser ele a adaptar-se em vez do contrário? Ou ainda reside, na sua retina, a diabólica ideia de aplicar o mesmo método que funcionou no exercício do seu múnus na antiga Comunidade em que era o responsável? No fundo, não se está a cair na tentação do “eu quero, posso e mando”?

No discurso que o papa Francisco dirigiu à *CELAM* são apontadas três tentações do espírito maligno contra o discipulado missionário: tornar a mensagem evangélica numa ideologia, o funcionalismo e o clericalismo. Estas três tentações são bastante comuns no meio em que vivemos: continua-se a encontrar pessoas a interpretar a mensagem evangélica fora do seu contexto e fora da Igreja, como sendo conhecedoras de tudo aquilo que é a mensagem do Evangelho, mesmo sem o compreender; compara-se o Presbítero a um mero funcionário divino, a quem tem de se pagar para poder receber aquilo que é a sua missão; e, a mais flagrante na nossa sociedade, o facto de o leigo clericalizar o Sacerdote e o Sacerdote clericalizar-se, sendo esta clericalização, «em última instância, uma supressão da identidade batismal». <sup>228</sup> Neste sentido, é preciso que não se deixe o clero sozinho e isolado, para que este não assuma o trabalho de todos e, deste modo, não viva numa realidade mortal e insustentável. <sup>229</sup> No entanto, «só há uma maneira de se viver a vida sacerdotal saudável e de entrega, e é sendo primeiramente um cristão entre os cristãos, antes de ser um sacerdote para o povo». <sup>230</sup> O Presbítero tem de ser aquele que dá o exemplo e o testemunho, com palavras e ações.

A par do clericalismo, surge o pelagianismo que, por um lado, «paralisa a capacidade do crente em receber as boas notícias precisamente por serem boas notícias, pois, no fim, Jesus

---

<sup>227</sup> Mallon, *Renovação Divina*, 57.

<sup>228</sup> Mallon, 72.

<sup>229</sup> Cf. Mallon, 72.

<sup>230</sup> Mallon, 74.

inspira pelo seu ensinamento moral admirável e pela sua vida exemplar».<sup>231</sup> Por outro lado, o pelagianismo continua a bloquear-nos no nosso quotidiano porque ainda rejeitamos aceitar e compreender as más notícias, fruto da incompreensão da nossa vulnerabilidade humana. É esta indecisão que vai pesando e confundindo os crentes, na medida em que não escutam e não compreendem por, em certa medida, não terem, ainda, o coração aberto ao *kerigma* que advém da Boa Nova da Salvação.

Há, assim, a necessidade de se reorganizar a estrutura da Igreja, a começar pelo Sacerdote. Desde o Concílio Vaticano II que é consensual que o ministério sacerdotal teria de abarcar «a tríplice missão de Jesus: a profética, a sacerdotal e a real. Concretamente, isto significa que a primeira função do sacerdote é a de pregar a palavra de Deus. A segunda é a de celebrar o ministério dos sacramentos e a terceira seria a de conduzir o povo de Deus».<sup>232</sup> Deste modo, o Concílio decretava que o Sacerdote apenas devia cingir-se a esta tríplice missão, enquanto aos cristãos, ao serem (re)valorizados pelo facto de serem batizados – tal como os Padres o são! –, é-lhes permitido manifestar os dons que receberam aquando do Batismo, através dos ministérios que desempenhavam na Comunidade e que agora foram reconhecidos.

Com esta reestruturação, paira a alegria de todos serem necessários para que o caminho possa ser realizado comunitariamente. É o primeiro passo para se sair da crise de identidade em que a Igreja está mergulhada, na medida em que se redescobre a identidade primordial. Esta identidade não é mais do que a Igreja missionária, que conduziu a Igreja a uma redescoberta de si mesma, a partir do momento em que se voltou para si mesma. E este voltar permitiu, à Igreja, entender que tem de ser discípulo pronto a ser enviado, ou seja, ser Apóstolo.

Neste momento, o desafio para a Igreja está em não abandonar as pessoas, mas fazer «discípulos missionários [tendo], no seu íntimo, o desejo e a capacidade de fazer com que as pessoas passem da imaturidade à maturidade».<sup>233</sup> Trata-se de um crescimento, porque a Igreja não pode ser estéril nem pode manter os “bebés”, espiritualmente, toda a vida. Então, insta a necessidade de se preparar os cristãos, sendo esta a primeira tarefa do Sacerdote. Não se pode enviar um aprendiz para uma determinada especificidade no seu primeiro dia de emprego sem antes lhe dar (uma boa) formação. O mesmo consideramos que pode acontecer na Igreja, a partir da Paróquia: não podemos enviar uma pessoa para um ministério se esta não recebeu a formação necessária e imprescindível para saber aquilo que tem de realizar nesse ministério. Mesmo essa formação não tem de ser fornecida pelo Sacerdote; este precisa, por um lado, de ser o impulsionador dessa formação para que a Comunidade cresça, mas, por outro lado, pode

---

<sup>231</sup> Mallon, 66.

<sup>232</sup> Mallon, 74–75.

<sup>233</sup> Mallon, 79.

encontrar pessoas que sejam capazes de fazer essa formação. Com isto, dá-se o pontapé inicial para a mudança de paradigma, terminando-se com a ideia de que o Padre é um supercristão e que tem de ser o administrador de tudo aquilo que acontece na Paróquia. Inicia-se, deste modo, aquilo que podemos denominar por descentralização de poderes.

É com esta mutação que aparecem os líderes na Comunidade, os quais, a partir dos dons que possuem, colocam esses mesmos dons ao serviço da Igreja. Com esta responsabilidade, estes líderes estão a exercer «um ministério onde não estão a fazer um favor ao sacerdote, mas onde [estão a assumir a] responsabilidade em comunhão com o sacerdote».<sup>234</sup> Com este modo de corresponsabilidade, o centro deixa de ser o Sacerdote e passa a ser a Comunidade, desde «que o padre esteja seguro do seu chamamento a pregar a palavra de Deus, a celebrar os sacramentos e a conduzir, enquanto chama e permite que os carismas que estão espalhados entre o povo de Deus sejam praticados».<sup>235</sup> Ora, com estas mudanças, o Presbítero ganha uma melhor qualidade de vida por não ter tão facilmente um esgotamento e também alcança um cuidado pastoral que corresponde à dimensão da Igreja.<sup>236</sup>

Vivemos tempos onde já não existe aquela empolgante vontade de pertencer à Igreja. O respeito que existia socialmente conduziu ao declínio espiritual e, por sua vez, facilita aqueles que querem ser cristãos, pois a Igreja colocou as “fasquias” em baixo. Nos dias de hoje fala-se do cristão adequado à sua circunstância de vida: cristão praticante, cristão não praticante, cristão de santuários (peregrinações ou “caminhadas”), cristão das promessas (por necessidade temporária de se servir de Deus a partir da interceção dos Santos), etc. Temporalmente, este período recorda-nos a paz de Constantino, onde as pessoas eram cristãs por interesse e para terem um lugar de relevo na sociedade. No nosso quotidiano «é outra vez pouco popular ser cristão. É arriscado, custoso, difícil, gratificante e empolgante. É tempo de redescobrir a principal identidade de todos os batizados, que é serem discípulos missionários, chamados a conhecer Jesus e a torná-l’O conhecido».<sup>237</sup> A forma como o podemos conhecer é a partir da oração e adoração. Estes serão dois alicerces importantes para a Casa que queremos construir e que almejamos que seja afável e agradável, de modo a correspondermos ao apelo do papa Francisco de sairmos do sofá, ou seja, de nós próprios irmos ao encontro daqueles que se encontram fora e convidá-los a regressarem ou a entrarem em/na Casa. Porém, este convite não se destina apenas aos que estão fora, mas sim a todos: aos que estão dentro, àqueles que nunca entraram ou aqueles que teimam em não entrar.

---

<sup>234</sup> Mallon, 81.

<sup>235</sup> Mallon, 83.

<sup>236</sup> Cf. Mallon, 82.

<sup>237</sup> Mallon, 84.

A persistência tem de ser uma característica bastante presente naqueles que têm a ousadia de perguntar, porque a alegria tem de ser partilhada com alguém. Assim o foi com Maria Madalena, que foi a correr a contar aos discípulos que viu o Senhor e que Ele tinha verdadeiramente ressuscitado (cf. Jo 20, 11-18). É esta «alegria de proclamar Jesus aos outros, de amar e servir os necessitados e de construir o reino de Deus»,<sup>238</sup> pois esta é «a alegria do Evangelho [que] é para todo o povo, sem excluir ninguém» (EG, 23). Que esteja vincada, na vocação recebida, esta gratidão e alegria que transborda do encontro com Jesus Cristo e que tem de ser testemunhada a quantos necessitam de escutar aquilo que receberam deste encontro pessoal e íntimo com Cristo.

### **2.3. *Propor uma Transformação***

No ponto anterior, expressou-se que a oração e a adoração seriam dois alicerces importantes na construção da Casa. Mas existe aquele que é o alicerce principal proposto por Jesus: a escuta da Palavra e a sua execução; «não se trata simplesmente de acreditar ou confiar, mas também de agir».<sup>239</sup> No entanto, este alicerce está intimamente relacionado com a cultura, na medida em que esta está dependente da sociedade, enquanto a humanidade da Igreja apenas depende do facto de esta estar ou não saudável. Ou seja, está sempre em relação aquilo que é comum a ambos os alicerces, os valores que os unem, como Comunidade.

Ora, «se queremos identificar os valores de uma determinada paróquia, devemos olhar para a forma como ela utiliza o seu tempo e o seu dinheiro».<sup>240</sup> Bastaria uma mera avaliação ao orçamento paroquial para se retirar conclusões sobre quais são os valores que importam na missão da Comunidade. Por outro lado, se se investir numa «sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e adequado acompanhamento [que os leigos podem dar, o] testemunho de Cristo e dos valores do Reino no âmbito da vida social, económica, política e cultural» (CELAM, 212), estes serão mais genuínos e verdadeiros, conduzindo a uma união entre a sociedade e a Igreja. Há, assim, uma clara aposta num caminho que se quer construir, sem se esquecer a identidade. Tem de existir uma aposta na mudança de valores nas igrejas. Este é o principal desafio para que exista uma nova evangelização.<sup>241</sup>

Nesta linha, James não contesta a agregação de Paróquias confiadas ao mesmo Padre. Porém, opõe-se à multiplicação dos organismos paroquiais. Propõe que «a opção mais sensata é, de longe, a fusão de paróquias. Isto significa que mesmo que se junte duas ou três paróquias,

---

<sup>238</sup> Mallon, 37–38.

<sup>239</sup> Mallon, 88.

<sup>240</sup> Mallon, 89.

<sup>241</sup> Cf. Mallon, 91.

elas irão funcionar como uma, com uma equipa, um conselho pastoral, um escritório e uma conta bancária».<sup>242</sup> Porém, isto não inibe de os centros de culto se manterem, mas uniformiza a Unidade Pastoral sem fechar edifícios, reunindo recursos e valorizando os dons e carismas que abundam na nova realidade paroquial. Deste modo, propaga-se a transmissão de (bons) valores que trarão estabilidade, “saúde” e, conseqüentemente, crescimento.

James Mallon apresenta «dez valores que são partilhados pelas igrejas saudáveis e em crescimento»<sup>243</sup> e que iremos abordar, muito sucintamente, nos pontos que se seguem, a partir da perspectiva Sacerdotal.<sup>244</sup>

### *2.3.1. Dar prioridade ao fim de semana*

Inicia este valor por indicar que a Eucaristia dominical tem de ter prioridade e ser cuidadosamente preparada, pois é na Eucaristia dominical que acontece o encontro com a maioria da Comunidade. Então, se é para promover o encontro, o Padre não pode “despachar” a Eucaristia em 1h, bem como, no final das mesmas é importante reunir e interagir com aqueles que são parte da Comunidade como ele. Assim, James sublinha que

a eucaristia dominical deve ser uma “produção” [...] Não estamos a falar de um espetáculo, ou de qualquer coisa superficial e pouco sincera. Estamos a falar de se ser intencional em cada aspeto da celebração dominical; de se dar o melhor para o Senhor e para que as pessoas que vêm à nossa Igreja fiquem com uma sensação de “uau”! Porque não? Se posso ir a um evento desportivo ou a um concerto e dizer “uau!”, porque é que esta expressão não poderá brotar dos lábios daqueles que foram enviados à Igreja para “glorificar o Senhor com as suas vidas”? Os dias do “acabar com a missa em cinquenta minutos” devem terminar.<sup>245</sup>

No entanto, as Eucaristias também não precisam de ser longas demais para compensar as que duravam os “cinquenta minutos”. Tem de haver um certo equilíbrio, é certo, mas desde que o Sacerdote se comprometa em tornar a liturgia significativa, cativante e transformadora. Afinal, «Jesus não pede muito – Ele só pede tudo»!<sup>246</sup>

### *2.3.2. Hospitalidade*

Ser-se discípulo implica ser enviado e ir ao encontro daqueles que ainda não fazem parte da Igreja. Este “ir” é próprio do ser humano, pois «o ser humano só o consegue ser em relação e a sua identidade tem muito a ver com a alteridade (o Outro e os outros). É aqui que se alicerça

---

<sup>242</sup> Mallon, 93.

<sup>243</sup> Mallon, 95.

<sup>244</sup> Os dez valores referidos encontram-se na obra *Renovação Divina* entre as páginas 95 e 198.

<sup>245</sup> Mallon, *Renovação Divina*, 96.

<sup>246</sup> Mallon, 101.

a hospitalidade».<sup>247</sup> Esta hospitalidade tem a sua essência no amor que deriva da aproximação e da forma como integramos aqueles que chegam, fruto da nossa forma de acolher.<sup>248</sup>

Saber acolher é um dom e até James Mallon indica que para a Equipa de Acolhimento devem ir pessoas que gostem de acolher. Para além dos gestos, também é importante que se usem palavras de acolhimento que expressem proximidade, como se estivéssemos a acolher um estranho, pois a Igreja é de todos e para todos.

Já na Liturgia, consideramos que o Sacerdote tem um papel especial em acolher todos aqueles que vão às Celebrações, expressando proximidade para com todos. E a melhor forma que os Sacerdotes têm para exprimir esse acolhimento é contextualizando a Comunidade sobre ritos normais (ou não) da Liturgia. A realidade mudou e, nos tempos de hoje, não se pode assumir que todos aqueles que vão às Celebrações são “católicos praticantes”.

Todavia, a última instância da hospitalidade é de aqueles que são acolhidos se predisporem a serem acolhimento para aqueles que são convidados. Assim, forma-se um ciclo positivo e gerador de pessoas disponíveis a serem hospitaleiras para aqueles que desejam incorporar-se na Comunidade.

### 2.3.3. *Música que inspira!*

Na generalidade, a música não tem um tempo presente: ou é tida como antiga ou é tida como nova. O facto de possuir, pelo menos, duas bases, permite concluir que existe uma certa diversidade que poderá ajudar na edificação, na medida em que existe equilíbrio. Não é descabido afirmar que a música é deveras importante para a renovação da Igreja, pois desde o Concílio Vaticano II que se aponta a música como um trilha propício para gerar essa mudança que está alicerçada «sobre três “h”: hospitalidade, hino e homilia».<sup>249</sup> Este tríptico que estamos a aprofundar, ainda que sucintamente, revela, neste segundo “h”, que o referencial tem de estar na beleza, considerando que «Aquele que é Belo é sempre encontrado no que é harmonioso».<sup>250</sup> Para tal, é imprescindível a qualidade, a sensibilidade e uma boa sonoridade.

É comum escutar no seio do povo aquilo que Sto. Agostinho disse: “cantar é rezar duas vezes”. Sabemos da importância da oração para o cristão e esta oportunidade da música tem de ser aproveitada. Investir em formação, em meios ou até em pessoas poderá ser uma opção, mas está-se a limitar a um grupo, enquanto o objetivo é que toda a Comunidade faça parte deste esforço. Pior é pensar-se, nas Paróquias, que é assim que se resolve o problema. A resolução

---

<sup>247</sup> João Alberto Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014), 218.

<sup>248</sup> Cf. Huntley e Mallon, *Desbloqueia a tua Paróquia: Fazer discípulos, formar líderes com o Alpha*, 24.

<sup>249</sup> Mallon, *Renovação Divina*, 111.

<sup>250</sup> Mallon, 114.

tem de passar por todos, pois todos são precisos. Assim, Mallon considera ser preferível investir em ecrãs nas Igrejas (de modo a não promoverem distração) ou em folhas de cânticos para cada Celebração, sendo esta uma forma de a Equipa de Acolhimento exercer a sua hospitalidade.

#### 2.3.4. *Homilias*

É comum comentar-se que o Padre A, B ou C profere boas homilias. Porém, quando temos a possibilidade de o escutarmos, temos a perceção contrária. Porque será? Talvez por não serem obedientes, atendendo a que a obediência significa, literalmente, “sob escuta”. O processo de escuta é o que vai permitir falar ao coração daqueles que vão escutar do pregador a mensagem que tem de transmitir, independentemente do contexto: pregar «sobre Jesus Cristo, a sua morte e a sua Ressurreição, e sobre a vida nova encontrada n’Ele através da vida de fé, esperança e amor».<sup>251</sup> O segredo para se entender se a mensagem está ou não a ser passada ao coração são as expressões de alegria que se recebem da Assembleia presente.

Em suma, pregar uma boa homilia tem de trazer o ardor da verdade da mensagem que penetra o pregador e consegue penetrar a Assembleia. Desta forma, é-se autêntico.

#### 2.3.5. *Comunidade expressiva*

Após os três “h”, Mallon foca no aspeto da autenticidade da vida comunitária, que terá de ter o seu foco na *koinonia*. Ora na Paróquia, o facto de quase todos se conhecerem uns aos outros permite um crescimento da comunhão entre os seus membros, que culmina num sentimento de pertença. Porém, o facto de a Comunidade se reunir apenas na Eucaristia dominical dificulta esta relação, que seria profícua.

James apresenta como modelo, para fomentar a comunhão da Comunidade, o *Alpha*, que, no seu entender, é uma experiência única de discipulado. Organizado em 10 sessões, o *Alpha* introduz aspetos que ajudam a Comunidade a crescer a partir do *kerigma*. Todas as sessões principiam com uma refeição, num ambiente de descontração que proporcionará aos presentes uma forma de aproximação e desbloqueio para que a terceira parte, após a apresentação do conteúdo pretendido, se possa escutar e partilhar, em pequenos grupos (entre 8 e 10 pessoas), sob a orientação de dois líderes. Com este modelo, existe um aumento do sentimento de pertença que, ao longo dos encontros, vai crescendo, fruto da mensagem que vai sendo fornecida e penetrada.

Contudo, o *Alpha* é um modelo que permite desbloquear as pessoas, a partir da ideia de pertença que é inculcada. Não é com este modelo que vamos “amarrar” as pessoas toda a vida.

---

<sup>251</sup> Mallon, 125.

Para que tal aconteça, é pertinente que a Paróquia, antes de começar o projeto *Alpha*, tenha um plano pastoral que dê continuidade a este projeto, de modo a completá-lo, atendendo a que o *Alpha*, programaticamente, é limitado. Assim, a aposta na formação tem de ser contínua, de modo a proporcionar um crescimento da maturidade da e na Comunidade. Esta maturidade, no entanto, só é possível se o terreno for propício para o crescimento e, posteriormente, para se obter uma Comunidade sã e saudável que, por si própria, cresça e frutifique a partir do Amor.

#### *2.3.6. Claras expectativas*

Conclui-se, até este ponto, que as expectativas são grandes: espera-se sempre muito dos outros. O segredo está em não nos desiludirmos e deixarmos que cada um, ao seu ritmo, deixe Deus atuar em e através de cada um de nós. Mesmo nas Paróquias «espera-se de todos a adoração, o crescimento, o serviço, a comunhão fraterna e a partilha»<sup>252</sup> sem impor metas temporais, mas ajudando-os numa autêntica corresponsabilidade ao longo do caminho.

#### *2.3.7. Ministério baseado nos pontos fortes*

Sabe-se que o caminho é feito de muitas vivências e pessoas. Ao colocar-se as pessoas em primeiro lugar, nesta pastoral, e se as tivermos como aquilo que mais importa neste processo, estaremos a proporcionar a proximidade, a atenção e a escuta tão referenciadas anteriormente. Ora, com este modo de atuar, a pastoral frutifica porque, para além de olharmos para as pessoas, encontramos nessas mesmas pessoas aquilo que são os seus dons e carismas, que ajudarão a própria pessoa e a Comunidade a desenvolverem-se sem qualquer frustração.

#### *2.3.8. Formação de pequenas Comunidades*

Ao longo da história retratada neste estudo, podemos verificar que a Igreja foi mais proveitosa quando se tornou pequena. Aliás, Jesus refere que dos pequenos é o Reino de Deus (cf. Mc 10, 13-16). Assim, a Paróquia e/ou Comunidade terá de se fragmentar para que seja possível «proporcionar oportunidades de [se] experimentar uma comunidade autêntica»<sup>253</sup> e, desta forma, as pessoas apropinquarem-se.

Logicamente, o Sacerdote não pode acompanhar estes grupos. O papel dos leigos nestes grupos é fundamental, na medida em que são eles os pequenos motores da prosperidade das Paróquias. Porém, não se pode esquecer a importância da constante formação destes líderes, bem como a capacidade de aqueles que lideram terem aptidão para tal responsabilidade que a

---

<sup>252</sup> Mallon, 158.

<sup>253</sup> Mallon, 174.

Comunidade lhes solicita. Se um leigo não está na Igreja para correr riscos, tornar-se-á um mero “burguês” que só vai consumir aquilo que lhe dão, isto é, a manutenção.

### *2.3.9. Vivências do Espírito Santo*

Há uma linha condutora neste compêndio que aponta para uma estrita relação entre palavras e obras. O mesmo poder-se-á dizer da fé: esta pode ser vivida interiormente, mas sem a sua exterioridade não fica completa. Esta fé, que está alicerçada com a ajuda do Espírito Santo, permite dar testemunho através dos frutos que recebemos do Espírito nas nossas vidas.<sup>254</sup>

Assim, nas Paróquias é preciso «ensinar sobre a experiência de “Deus em nós” por meio do Espírito Santo. Devemos ensinar às pessoas que não há uma única experiência que mostre como Deus opera no coração dos crentes».<sup>255</sup> Aquilo que existe é o poder da oração que advém da forma pessoal e direta com que cada um fala com Deus sob a ação do Espírito Santo.

### *2.3.10. Tornar-se numa Igreja convidativa*

Este décimo valor é como que uma conclusão, na qual James Mallon indica que «se se fizer um esforço real para fazer da celebração litúrgica aos fins de semana uma prioridade, para que seja edificante e comovente, se a música e a pregação forem excelentes, se o ambiente for acolhedor, então os paroquianos desejarão com naturalidade convidar os seus amigos, familiares e vizinhos para virem ver».<sup>256</sup> No entanto, o segredo continua a residir no convite que temos de fazer, pois Jesus disse como se semeava e não como se colhia, porque a colheita é Deus quem a faz. O agricultor, quando colhe, faz a escolha. Assim também o é com Deus, como atesta Jesus ao dizer: «Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós» (Jo 15, 16).

O convite tem de começar pelo meio onde aquele que vai convidar se sente “em casa”: família, amigos, vizinhos. Se não for nestes meios particulares, o convite pode revelar-se um autêntico desperdício. Para além do convite, a própria Paróquia tem de proporcionar momentos que permitam às pessoas escutar aquilo que a mensagem contida no Evangelho tem para dizer.<sup>257</sup>

---

<sup>254</sup> Cf. Mallon, 184.

<sup>255</sup> Mallon, 190.

<sup>256</sup> Mallon, 193.

<sup>257</sup> Cf. Mallon, 196.

Com todos estes valores, James conclui que, no seu ponto de vista, o *Alpha* «é o evento mais acessível para convidar pessoas».<sup>258</sup> Mais salutar e mais importante que renovar aqueles que estão ativos, é ir ao exterior e atrair quem está afastado

#### ***2.4. A liderança, a partir do Alpha***

Existe uma frase que espelha a forma como a Igreja tem de se apresentar na sociedade: “a Igreja é um hospital de pecadores”. A razão pela qual se escolheu esta frase tem como ponto central o facto de que quando alguém chega a um hospital, não há julgamentos ou preferências, não há tomadas de posições ou escolhas, mas há um ponto necessário e comum: ajudar aquele que chega a recuperar. É deste modo que teremos de olhar a Igreja, mais precisamente as Paróquias. Não se pode dar preferências, muito menos tomar parte. Infelizmente, escutam-se cristãos a dizerem que o Padre só dá atenção aos mesmos e tudo aquilo que esses lhe dizem o Padre faz. Esta situação torna a Paróquia fragmentada e fragilizada, ao ponto de se questionar sobre aquilo que os Sacerdotes pregam nos púlpitos e ambões. Não terá a palavra e a ação uniformidade? Será esta a forma mais frutífera para que o discipulado cresça, amadureça e dê fruto a seu tempo? Não se estará a dar relevo a meros caprichos? A missão das Paróquias tem de ser, indiscutivelmente, «fazer discípulos, e não celebrar boa liturgia ou manter as pessoas felizes. Os sacramentos são-nos dados para iniciar e apoiar os crentes no discipulado».<sup>259</sup>

O *Alpha* apresenta uma descentralização do foco da formação. A catequese de crianças e adolescentes não é suficiente. Aliás, na Igreja em Portugal debate-se sobre o que fazer para que os Jovens, após receberem o Sacramento da Confirmação, não abandonem a Igreja. Mas o que é que ainda não estamos a entender? Ainda não percebemos que o enfoque está na catequese das crianças e, de certo modo, se está a negligenciar a formação de adultos? E mesmo focando-se nos adultos, os jovens são uma faixa etária bastante importante para se deixar “ao Deus dar”. Para além disso, o caminho desde a infância tem de ser acompanhado pelos pais, que, juntamente com seus filhos, têm de fazer discernimento sobre a progressão destes neste modelo catequético.

Há, assim, a extrema necessidade de se formar líderes. Não porque a Igreja apresente escassez de clero ou de pessoas em algumas Comunidades, mas porque é algo fundamental para as Paróquias neste pós-Vaticano II. «Se queremos verdadeiramente recordar a identidade perdida da nossa Igreja, libertarmo-nos das algemas de uma Igreja centrada em si mesma,

---

<sup>258</sup> Mallon, 197.

<sup>259</sup> Mallon, 210.

autorreferencial e de manutenção, precisamos de líderes»,<sup>260</sup> a começar pela formação que os Sacerdotes recebem nas Universidades e seminários.

Outro aspeto a ter em conta é o de a realidade que James aponta não poder ser totalmente aplicada no nosso contexto português. Na Paróquia de St. Benedict, existem líderes remunerados que, na nossa realidade, não seria impensável, caso existisse uma mudança da mentalidade relativamente à oferta de esmolas. Esta mudança terá de ser acompanhada e apoiada pelos líderes, pois «os padres que fazem tudo sozinhos nunca irão liderar uma igreja da manutenção à missão».<sup>261</sup> Reside, aqui, uma esperança intelectual e teológica capaz de acompanhar a evolução do mundo, como fora pedido na *Gaudium et Spes*. Ser líder é ser um apaixonado por um mundo que o fascina e o leva ao mundo da imaginação e dos sonhos. Muitos são os que sonham, mas colocar o sonho ao serviço da liderança não é tarefa fácil. Em suma, um líder tem de ser um apaixonado que tende toda a sua liderança e, por sua vez, todos os que lidera para aquilo que o apaixona. São autênticos *influencers*, tal como Maria o é de Deus, como o papa Francisco apontou no seu discurso na Vigília da JMJ Panamá 2019.<sup>262</sup>

### 3. Grupos de Jesus

José Antonio Pagola reconhece que existem cada vez mais mudanças na sociedade que precisam ser acompanhadas por uma autêntica conversão, de modo que se possa «viver e comunicar a Boa Nova de Jesus com mais verdade e mais fidelidade à sua pessoa, à sua mensagem e ao seu projeto do Reino de Deus»<sup>263</sup>. Este modelo que Pagola quer propor será a meta de um caminho que iremos iniciar com a análise de dois outros livros da sua autoria: *Recuperar o Projeto de Jesus e Voltar a Jesus*.

#### 3.1. Recuperar para voltar ao projeto de Jesus

Quando pensamos no verbo “voltar”, o nosso pensamento guia-nos para algo que reconhecemos ser o nosso lugar. Com o livro *Voltar a Jesus*, José Antonio Pagola constata que as mudanças que estão a acontecer na sociedade conduzem a uma necessária conversão da Igreja. Para tal, a Igreja tem de se apresentar com «um “coração novo” para viver e comunicar a Boa Nova de Jesus com mais verdade e mais fidelidade à sua pessoa, à sua mensagem e ao

---

<sup>260</sup> Mallon, 235.

<sup>261</sup> Mallon, 245.

<sup>262</sup> Cf. «Viagem Apostólica ao Panamá: Vigília com os Jovens (Campo São João Paulo II - Metro Park, 26 de janeiro de 2019) | Francisco», acessado 7 de março de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco\\_20190126\\_panama-veglia-giovani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco_20190126_panama-veglia-giovani.html).

<sup>263</sup> José Antonio Pagola, *Voltar a Jesus* (Lisboa: PAULUS Editora, 2015), 5.

seu projeto do Reino de Deus». <sup>264</sup> O autor reconhece que este será o modo que servirá de base para que a mensagem chegue de forma simples e clara. Com isto acontecerá uma superação de rotinas, medos e vacilações das Comunidades e, através da junção de esforços e aprendizagens, uma consequente aproximação das Comunidades a todos. <sup>265</sup>

Numa cultura que está em crise, a meta e os motores que ajudam a fazer esse caminho para o objetivo são inconstantes, pois a crise, que advém de uma falta de esperança, está «marcada por uma certa desmistificação do progresso, a perda de horizonte, a obsessão pelo imediato, o crescimento da insegurança e a desconfiança». <sup>266</sup> Já não existe um elo de ligação que unifique a Comunidade, conduzindo-a a uma incerteza do seu futuro.

Ora, tal como James Mallon, Pagola reconhece que a Comunidade necessita de entrar num processo de renovação conjunta entre Presbíteros e leigos. Compreende que este processo de renovação tem de partir de uma fundamentada e configurada fé, que a Comunidade terá de construir a partir do «encontro pessoal com Jesus Cristo e na aceitação de crenças, na obediência a preceitos e no cumprimento de práticas religiosas». <sup>267</sup> Nessa linha, sugere que a Paróquia aponte métodos que possam suscitar em todos, independentemente da faixa etária, uma forma de acolher o Evangelho nesta sociedade secularizada. O mesmo será dizer que o foco central das Comunidades tem de ser aquele que promova Jesus Cristo como o centro dessas mesmas Comunidades. Com tal mudança, propõe-se que as Comunidades convidem os paroquianos a viver e a seguir Jesus em vez de os convidar a tomarem parte na vida e atividades paroquiais ditas comuns como, por exemplo, uma Procissão. <sup>268</sup> Existe, deste modo, uma quebra daquilo que é a pastoral que está a acontecer nas Paróquias; a herança que recebemos, transmitida pelos nossos pais e padrinhos, no dia do nosso Batismo e que temos de “carregar” até à nossa morte, não passa de uma pastoral fracassada, que se foca no sacramento da Eucaristia (principalmente a dominical) e no sacramento da Reconciliação, não havendo muita mais atividade para além destes dois eventos. <sup>269</sup>

Nos dias de hoje, a pastoral terá de se expressar numa nova forma de acolhimento, marcada por uma proposta de fé, em que se promova um profícuo diálogo. Se estas três linhas de ação estiverem alinhadas para um mesmo fim, o esforço promovido pelos agentes pastorais poderá produzir os seus frutos. Estes frutos só serão possíveis, se se encontrarem novos caminhos e espaços de criatividade, onde se reconheça a presença do Espírito que nos chama a

---

<sup>264</sup> Pagola, 5.

<sup>265</sup> Cf. José Antonio Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus* (Lisboa: PAULUS Editora, 2016), 11.

<sup>266</sup> Pagola, 14.

<sup>267</sup> Pagola, 23.

<sup>268</sup> Cf. Pagola, 41.

<sup>269</sup> Cf. Pagola, *Voltar a Jesus*, 14–15.

sermos tradutores da nossa cultura, com o desejo de pôr «o vinho novo em odres novos» (Mc 2, 22) e não pessoas que renunciam ao Espírito e mantêm as coisas por mera conservação e por ser usual tal coisa acontecer.<sup>270</sup>

Infelizmente, na nossa realidade ainda vemos Paróquias amarradas àquilo que sempre fizeram, cujo único argumento é o de sempre se ter assim realizado. Porém, esta atitude advém do facto de se ter educado o Povo de Deus «para a submissão, a obediência, o silêncio e a passividade. O cristianismo organizou-se como uma religião de autoridade e não de apelo. As estruturas que a hierarquia deu a si própria no decorrer dos séculos não promoveram a corresponsabilidade, a vivência adulta da sua permanência na Igreja nem a criatividade do Povo de Deus».<sup>271</sup> Este facto conduz a um fenómeno de tensão aquando da mudança de Párcos na Comunidade, pois a Igreja está em constante mutação e aquilo que era usual fazer-se há uns anos atrás poderá já não o ser nos dias de hoje, conduzindo o Presbítero, que acabara a sua formação e tem o seu primeiro contacto com a realidade Paroquial, a possíveis problemas desnecessários. Esses dilemas poderiam ser evitados se, por exemplo, os Presbíteros participassem em ações de formação para eles próprios, bem como para leigos. Não deveria ser o estudo contínuo e a formação permanente? Causa, por isso, estranheza a ausência de Sacerdotes nas formações que são a eles destinadas, bem como a falta de promoção da formação nas Comunidades que lhes estão confiadas.

José Antonio Pagola apresenta, como linha orientadora, aquilo que pode ser a redescoberta das raízes do cristão, ou seja, a sua identidade. Esta proposta centra-se nessa recuperação, isto é, «fazer crescer a nossa consciência como seguidores de Jesus no interior da Igreja. Procurar em Jesus a identidade mais profunda das nossas comunidades».<sup>272</sup> Este *Voltar a Jesus* poderá significar uma reaprendizagem no sentido de se dar atenção às palavras e gestos de Cristo e, por sua vez, de os procurar reproduzir no mundo em que estamos inseridos. Este «voltar a Jesus é muito mais do que introduzir algumas mudanças ou invocações de carácter pastoral ou de governo [...]. Não basta pôr ordem na Igreja nem introduzir alguns melhoramentos no funcionamento eclesiástico [...]. Temos de ter muito claro que o “voltar a Jesus” não é apenas introduzir reformas religiosas, mas converter-nos ao Espírito de Jesus».<sup>273</sup> Espírito esse que terá de ser construído com todos, pois o objetivo final é chegar a todos.

Por outro lado, Pagola vê neste *Voltar a Jesus* uma forma de reavivar a relação que nós temos com Jesus, na medida em que nos deixamos tocar por Ele. «Deixar-nos transformar lentamente por esse Deus apaixonado por uma vida mais digna, mais humana e feliz para

---

<sup>270</sup> Cf. Pagola, 31.

<sup>271</sup> Pagola, 32.

<sup>272</sup> Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 45.

<sup>273</sup> Pagola, *Voltar a Jesus*, 63.

todos»<sup>274</sup> é o mesmo que dizer que Deus nos ama a todos por igual, sem distinções. É este Jesus – que nos revela o Pai (cf. Jo 14, 9) – que teremos de redescobrir, pois Ele é a fonte daquele que se diz cristão. Sem se descobrir a essência de Jesus, de que nos vale estarmos comprometidos numa Paróquia? Se não sabemos o que é ser-se discípulo, como poderemos ser testemunhas alegres de alguém que Se deu por nós?

Urge, assim, a necessidade de se colocar a verdade de Jesus no cristianismo atual, pois «até quando poderemos continuar a viver sem fazer um exame de consciência coletivo na Igreja a todos os níveis? Porque não se promove já uma revisão honesta do nosso seguimento de Jesus?»<sup>275</sup> Aliás, como se pode concluir que a Paróquia necessita de mudanças, se não fazemos uma análise às suas estruturas? Esta linha de princípio apresentada pelo Pagola vai ao encontro daquilo que ele considera ser relevante para uma verdadeira mudança: Cristo como o centro da Comunidade Paroquial. Assim, ele propõe que se coloque a Palavra como o centro de todo este projeto, pois considera que

temos de libertar a força do Evangelho. Recuperar o protagonismo central que teve no nascimento e crescimento das primeiras comunidades. Chegou o momento de entender e de organizar a comunidade cristã como um espaço onde a primeira coisa é acolher o Evangelho de Jesus. Um lugar colocado no seio da sociedade atual, onde a preocupação principal seja o acolhimento do Evangelho. As nossas paróquias necessitam da experiência direta e imediata do Evangelho.<sup>276</sup>

Colocar as nossas Paróquias em estreita relação com o Evangelho é tomar o Evangelho como modelo de vida, tendo o Reino de Deus como eixo principal da pastoral paroquial, porque, ao centrar-se no Reino de Deus, as Paróquias vivem as suas relações humanas de maneira diferente, promovendo uma melhor humanização das sociedades e do mundo. A centralidade no Reino de Deus é importante para não se dispersar, isto é, para se manter o foco. Na sociedade hodierna, há uma variedade de ofertas que acabam por distrair todos e, conseqüentemente, poderá proporcionar desvios daquilo que era(m) o(s) eixo(s) de progressão. O mesmo se diga no seio da estrutura da Igreja com as “ofertas” de horários de Eucaristias dominicais nas cidades à mesma hora. Ou, então, a oferta de subsídios, dentro da mesma Diocese, para um determinado tempo/período forte que o calendário litúrgico aponte. Acaba por existir um atropelo desnecessário, quando o fim é – ou pelo menos deveria ser – o mesmo.

Se é certo que é preciso evangelizar, também é certo que muitas das vezes o nosso contexto de evangelização não é o mais adequado. Ao pretender-se evangelizar, o primeiro passo é reconhecer aquilo que é a realidade e fazer-se uma avaliação para se perceber o que poderá ser aproveitado para a renovação para, sobretudo, restaurar e não fundir. Deste modo,

---

<sup>274</sup> Pagola, 65.

<sup>275</sup> Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 49.

<sup>276</sup> Pagola, *Voltar a Jesus*, 85.

Pagola propõe que esta reestruturação conduza a uma nova maneira de se configurar as Comunidades, sendo que «o caminho decisivo é ir passando de comunidades exclusivamente centradas no culto e na catequese a comunidades abertas, dedicadas a abrir caminhos ao Reino de Deus no meio dos problemas, lutas e sofrimentos que existem no mundo de hoje».<sup>277</sup> Daí a carência de se ter de ir à fonte, através de uma viagem histórica e social, para compreendermos como se poderá, nos nossos tempos, abrir caminhos para que o Reino de Deus se possa manifestar nas nossas vidas. E a melhor forma é «acolher Deus não só na prática da religião, mas no esforço para humanizar a vida».<sup>278</sup> É esta sede que nos leva à fonte do saber, para que se possa aprender com Jesus. Só aquele que se predispõe a ir à fonte é que pode manifestar a esperança na construção de novas bases nesta renovação pastoral que tanto se pretende.

No projeto de Jesus, para que haja uma renovação paroquial, tem de se partir da compaixão como princípio de ação, pois «a compaixão é o modo de ser de Deus, a sua forma de olhar para o mundo, o que O move para o tornar mais humano e habitável».<sup>279</sup> Ora, este sentimento tem de ser o estilo de vida que cada cristão terá de assumir. Deste modo, e como Jesus, «a compaixão não é uma virtude a mais, mas a única maneira de imitar Deus. O único modo de olhar para o mundo é tratar das pessoas e reagir perante o ser humano de maneira semelhante à de Deus».<sup>280</sup> Esta forma de ser, tal qual a de Jesus, torna-se desafiante e geradora de desafios que advêm, em grande medida, da Palavra.

A Palavra torna-se importante neste pensamento de Pagola por, principalmente, duas razões: a primeira porque é uma forma de cada cristão poder beber da fonte que é Jesus; a segunda porque é a partir da Palavra que surge a pregação e é pela pregação que surge a fé (cf. Rm 10, 17). É pela Palavra que o cristão «ouve uma palavra que o precede. Adere a uma palavra que existia antes dele. É nisto que muitos sentem dificuldade, pois é preciso ter muita humildade para aderir a algo que nos precedeu»<sup>281</sup> e, deste modo, não se ser original num mundo que pede de nós tanta fotocópia. Porém, segundo François Varillon, «a mais profunda originalidade consiste em ser verdadeiramente tradicional»,<sup>282</sup> atendendo a que nos inserimos numa tradição viva que advém da Palavra.

A dinâmica da Palavra poderá conduzir-nos a um egocentrismo humano, pois muitas das vezes entende-se que o humano é o dono e senhor de todas as coisas. Porém, através da Palavra, entendemos que é o contrário, pois é pela Palavra que, «em rigor, não podemos ir ao

---

<sup>277</sup> Pagola, 103.

<sup>278</sup> Pagola, 107.

<sup>279</sup> Pagola, 109.

<sup>280</sup> Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 70.

<sup>281</sup> François Varillon, S.J., *A Páscoa de Jesus* (Braga: Editorial A. O., 2007), 231.

<sup>282</sup> Varillon, S.J., 231.

encontro de Deus, [mas] é Deus que vem ao nosso encontro. Não há caminho do homem para Deus... Onde iríamos? À Lua? Deus é infinito. Não há caminho. Ele é que vem. E vem por intermédio da Igreja». <sup>283</sup> É neste advir que vemos Jesus ser humilhado para nos salvar, através da Igreja que «é o caminho pelo qual Deus vem ter conosco. De tal modo que amar a Igreja, querer a Igreja, é amar o movimento de Deus até nós», <sup>284</sup> é reconhecer-se parte da Igreja e procurar a transformação desta a partir da Palavra.

A Palavra torna-se, assim, no epicentro da transformação que José Antonio Pagola pretende proporcionar com o modelo que, mais à frente, será apresentado. Tornar a Palavra como o epicentro é deixar que cada uma das sílabas que a Palavra contém seja pronunciada a viva voz. Porém, essa proclamação só é possível quando deixamos cada sílaba morrer, permitindo, deste modo, que haja sucessão de um raciocínio que evita aos seres humanos morrerem na solidão e no egocentrismo. É este desapego que tem de acontecer no quotidiano que vai permitir encontrar Deus na Palavra através da escuta, como nos aponta Henri Nouwen na sua obra *Acompanhamento Espiritual*:

Escutar é a atitude fundamental da pessoa que está aberta à palavra viva e criadora de Deus. Orar é escutar Deus, estar atento e recetivo à sua influência. É cada vez mais difícil escutar verdadeiramente nas Igrejas e instituições, onde as pessoas permanecem desconfiadas, com medo de expor o seu lado fraco, ávidas por serem vistas como bem-sucedidas e inteligentes. <sup>285</sup>

A atitude da escuta permite que cada um daqueles que se predispõem à escuta se coloque numa atitude de autêntica procura de Deus, que se faz presente na Palavra. É na Palavra que cada um tem de parar para descansar, para se saciar e para a habitar. Sem a Palavra, nada éramos, e reconhecer a sua presença na vida de cada um é despertar para um cuidado que terá de se assumir para se poder imitar essa mesma Palavra. No entanto, antes que tal atitude aconteça, é preciso uma aproximação numa atitude de predisposição para viver, escrever e proferir a Palavra que penetra, de tal modo que solicita o seu anúncio.

### ***3.2. Sob a influência do Espírito Santo***

A Palavra é o motor de ação deste modelo do Pagola. No entanto, ele reconhece que o Espírito exerce uma influência muito importante neste processo, pois considera que «a renovação que atualmente a Igreja precisa não chegará por via institucional, mas por caminhos abertos pelo Espírito». <sup>286</sup> O mesmo será dizer que a renovação surgirá a partir do momento em

---

<sup>283</sup> Varillon, S.J., 232.

<sup>284</sup> Varillon, S.J., 233.

<sup>285</sup> Henri J. M. Nouwen, Michael J. Christensen, e Rebecca J. Laird, *Acompanhamento Espiritual* (Braga: Editorial A. O., 2017), 123.

<sup>286</sup> Pagola, *Voltar a Jesus*, 117.

que, ao escutar-se e tomar-se a Palavra como exemplo para se ser testemunho por palavras e obras, os dons que cada um dos cristãos recebeu no Batismo serão mais facilmente reconhecidos por todos à luz da Palavra.

É através da Palavra que somos desafiados a termos compaixão, tal como Jesus teve. Através da compaixão, Jesus expressa a sua proximidade para com o Pai e expõe a sua ação profética. Essa ação, acompanhada pelo Espírito Santo, conduz a um acolhimento do Reino de Deus. «Acolher o Reino de Deus é eliminar preconceitos e romper fronteiras, criar fraternidade e promover o acolhimento. O perdão gratuito do Pai só pode ser anunciado por uma Comunidade acolhedora. No horizonte de todo o trabalho autêntico pelo reino não pode faltar a mensagem do perdão gratuito de Jesus».<sup>287</sup> Acolher o Espírito, numa renovação que se quer pneumatológica, permitirá a cada um dos cristãos que se dispõem a esta renovação despertar os carismas que possuem, fruto do seu Batismo.

Acolher nem sempre é fácil, pois, quando se proporciona o acolhimento na Igreja, há critérios que não são os comuns da sociedade e isso torna-se difícil para aqueles que estão a exercer o acolhimento. Esta dificuldade advém do facto de sermos seletivos para aquilo que nos apraz, acabando por prejudicar todo o processo que Jesus iniciou e que está contido na Palavra. Nós, hoje em dia, entendemos que o problema reside no facto de Jesus não ser afortunado, megalómano, com nome nas grandes praças e ruas, acabando por estorvar a muita gente, como foi o caso de Herodes. Também é inconcebível aceitarmos que Jesus tenha escolhido aqueles discípulos: simples, trabalhadores, sem prestígios ou currículos. Não era preferível ter chamado outros que pudessem dar proteção a Jesus? Não era Jesus Deus, ao ponto de saber quem escolhia? Então por que é que escolheu, por exemplo, Judas se sabia que o havia de trair? Pelo contrário, Jesus preferiu chamar esses e aqueles que eram desprotegidos, os pecadores, os marginalizados, aqueles que estavam nas valetas e que nada tinham para Lhe dar, aos olhos da sociedade. Mas também é incompreensível o modelo que Jesus nos propõe ainda hoje, pois não traz nenhum prestígio, nem estátuas ou aclamações. Ser-se-á aplaudido por se anunciar a Palavra? Talvez não. Porém, este é o arquétipo que Jesus continua a propor a partir do acolhimento que nos é proporcionado, incluindo aquele que se assemelha ao dos escravos: colocar uma toalha à cintura e lavar os pés. Não estaria o programa trocado, Jesus? Não Te enganaste a pegar no projeto, já que tudo sabias? O facto de Jesus olhar para aqueles que são as franjas da sociedade não é apetecível a todos e acaba por ser um programa que afasta as pessoas por estarem sujeitas à medíocre e espessa crítica que a sociedade prefere realizar para se manter no seu pedestal.<sup>288</sup>

---

<sup>287</sup> Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 107.

<sup>288</sup> Cf. Maciel, *Sermão Senhor dos Passos 2017*, 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=ubjVfm-Kktc>.

É esta novidade que Jesus nos veio apontar como o seu Reino, onde Ele «age desde a aflição dos últimos. Não é este o estilo dos poderosos, que pretendem manter o controlo político ou religioso. Quem é poderoso não chora. O profeta da compaixão, sim».<sup>289</sup> Jesus não tem medo de ir ter com aqueles que estão excluídos da sociedade e de os chamar a tomar parte no seu Reino. Já nós, que nos achamos autoritários e senhores do espaço e do tempo, sentimos tremendas dificuldades em manifestar o acolhimento como algo natural e, conseqüentemente, isso conduz cada cristão a afastar-se da matriz que deve ser a «promessa de acolhimento definitivo e de perdão reconciliador de Deus».<sup>290</sup> Continuamos, ainda nos tempos hodiernos, por um lado, a manter as barricadas montadas e a bloquear a aproximação dos outros, bem como a aproximação de Deus. Por outro lado, essas barricadas também são demonstrações de força de bloqueio que damos aos outros e que usamos para retrainir a nossa aproximação a Deus, que se encontra de braços abertos para nos receber.

O acolhimento poderá ser entendido como um meio de desbloqueio, pois é através do ato de acolher que se pode exprimir o contacto pessoal, o amor passivo, a gratuidade, a palavra acolhedora, bem como gestos curativos. Estes são os traços que caracterizam a proximidade de Jesus à humanidade. É com o acolhimento que se pode semear e, tal como a parábola do sementeiro, que Jesus nos conta (cf. Mt 13, 1-9; Mc 4, 3-9; Lc 8, 4-8), não podemos estar à espera que se recolha, de todas as pessoas, “cem por um”. O importante no acolhimento, a partir dos traços acima descritos, é manifestar a mensagem. A semente germinará e a seu tempo produzirá o seu fruto. O mesmo acontecerá nas Paróquias quando estas introduzirem o verdadeiro acolhimento sem fingimentos e uma atitude saneadora que possibilite a mudança na dinâmica pastoral. As Comunidades cristãs terão de ser capazes «de acolher de modo caloroso e amistoso [...] [as pessoas que, por variadíssimas razões, encontram nessas Comunidades] um apoio decisivo para viver de modo mais humano, mais acompanhado, mais amável no meio de uma sociedade onde cresce a solidão, o isolamento, a vulnerabilidade, a frieza e o pragmatismo nas relações».<sup>291</sup> Este poderá ser o contributo decisivo para que se possa aplicar o modelo que José Pagola apresenta.

Para se recuperar o projeto de Jesus, para além do acolhimento, é preciso que se dê «atenção ao clima que se respira na paróquia, ao calor humano dos encontros e das celebrações, do modo de acolher os que se aproximam, das relações amistosas que se vão criando entre os membros da comunidade, da atitude respeitosa, próxima, alegre dos que animam os diversos aspetos da comunidade».<sup>292</sup> Tudo é importante para aquele que chega, pois o primeiro impacto

---

<sup>289</sup> Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 108–9.

<sup>290</sup> Pagola, 115.

<sup>291</sup> Pagola, 162.

<sup>292</sup> Pagola, 163.

é aquele que pode ser determinante para a decisão de voltar ou de continuar à margem. Desse modo, é salutar que, antes de se promover uma abertura ao exterior, a Comunidade procure um crescimento mútuo a partir da escuta e do acompanhamento que pode ser dado àqueles que já se encontram nela, permitindo que a mesma se torne mais saneadora e, conseqüentemente, cativante a partir da experiência testemunhada. Diz-nos ainda Pagola no seu livro *Recuperar o projeto de Jesus* que

o mais importante de uma paróquia é que nela se faça “memória de Jesus”. Entre os primeiros cristãos narrava-se e propunha-se a vida de Jesus não como um “sistema religioso”, mas como um “caminho”, o mais acertado para se viver com dignidade, sentido e esperança. Um “caminho novo e vivo” que “foi inaugurado por Jesus para nós”, um caminho que se percorre “com os olhos fixos n’Ele”.<sup>293</sup>

Com este percurso, pensamos ter conseguido realçar os principais aspetos que José Antonio Pagola pretende apresentar com o modelo pastoral *Grupos de Jesus*. O poder da Palavra, em comunhão com o Espírito Santo e alicerçado no acolhimento, são aspetos importantes para se promover a constituição de grupos de partilha.

### ***3.3. Promover a partilha: uma proposta de Grupos de Jesus***

Os *Grupos de Jesus* são uma proposta para a renovação pastoral da vida comunitária das Paróquias. O centro destes grupos é Jesus, isto é, os Evangelhos, pois são estes que tornam Jesus presente nos nossos dias. Para fazer parte destes grupos, não é preciso uma preparação nem ser crente. Apenas é preciso que cada pessoa tenha o desejo de se encontrar com Jesus, através da Palavra.<sup>294</sup>

Pagola entende que «a renovação evangélica da Igreja dependerá, em boa parte, do desenvolvimento de pequenos grupos e comunidades que se comprometam a atualizar hoje a experiência inicial que viveu junto de Jesus aquele primeiro grupo de discípulos e discípulas que ouviram o seu apelo e O seguiram».<sup>295</sup> Com a aproximação às Escrituras, Pagola julga que a nossa forma de ser cristãos, neste mundo, poderá aproximar-se e ser fiel àquilo que Jesus ensinou aos seus primeiros discípulos. No fundo, a proposta prende-se com o ir beber à fonte, à génese daquilo que hoje chamamos de cristianismo e que nos permite chamarmo-nos cristãos e irmãos uns dos outros.

Este modelo procura apresentar Jesus como sugestão «e propiciar o encontro pessoal com Ele [...]. O nosso propósito é suscitar caminhos de evangelização que gerem processos

---

<sup>293</sup> Pagola, 171–72.

<sup>294</sup> Cf. José Antonio Pagola, *Grupos de Jesus* (Lisboa: PAULUS Editora, 2015), 5.

<sup>295</sup> Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 133.

personais de conversão»,<sup>296</sup> pois entende que este modelo será a proposta que permitirá às Comunidades crescerem e enriquecerem os seus itinerários. Esta conversão não é apenas comunitária, mas também engloba uma conversão individual. O projeto *Grupos de Jesus* pretende realçar, de forma simples, aquilo que é relevante no Evangelho. Aliás, até se pode considerar este processo ordinário, atendendo a que é absolutamente normal o ser humano ser curioso e gostar de saber quem o precede. Com este paradigma, Pagola propõe que cada cristão procure estreitar o seu relacionamento com Jesus e conhecer as suas raízes, permitindo que se entenda a verdade da pessoa de Jesus, bem como a sua mensagem e o seu projeto para cada um de nós.<sup>297</sup>

Com a conversão que nos é permitida fazer, através do encontro que se tem com Jesus a nível pessoal e comunitário, poder-se-á provocar uma nova forma de se fazer pastoral nas Comunidades. Sobre os *Grupos de Jesus*, como espaço de conversão pessoal a Jesus Cristo, José Antonio Pagola diz-nos que

estes Grupos de Jesus não pretendem substituir outros grupos pastorais, processos catequéticos, catecumenados ou realidades semelhantes, que têm os seus próprios objetivos e métodos. Os que fazem parte destes grupos movem-se noutra plano: reúnem-se para viver um processo de conversão a Jesus numa caminhada de quatro a cinco anos. Durante este tempo, se somos cristãos comprometidos em algum campo, continuamos a trabalhar onde já estamos. Nos Grupos de Jesus encontramos o clima apropriado para nos deixarmos transformar pelo Evangelho e para recuperar ou reavivar a nossa identidade de discípulos e de seguidores de Jesus.<sup>298</sup>

Ora, *Grupos de Jesus* são, no fundo, grupos bíblicos que se podem desenvolver em várias perspetivas: na perspetiva do ano pastoral da Diocese – por exemplo, os Grupos Semeadores de Esperança, da Arquidiocese de Braga; na perspetiva de alguma comemoração importante na Paróquia, Diocese ou Igreja Universal – por exemplo, a caminhada Sinodal 2021-2023; na perspetiva dominical – por exemplo, a *Lectio Divina* a partir do Evangelho do domingo seguinte; ou noutra perspetiva que permita uma certa regularidade. Aquilo que liga cada um destes exemplos é o encontro que possa haver entre cada uma das pessoas (que podem ser crentes ou não) com a Palavra de Deus. Com estes grupos de partilha, a Comunidade regenera-se à luz da Palavra e unifica-se entre si e com o Presbítero, sob a batuta da Sagrada Escritura. Todavia, os *Grupos de Jesus* são grupos que se edificam com o objetivo de crescerem no sentido de contribuírem para o impulso do interior da Igreja, isto é, a partir da Palavra entenderem quais são as formas de agir e falar dentro da Comunidade, de modo a esta crescer e frutificar. Esta forma de conversão recoloca Jesus no centro, aprendendo a viver-se com Ele.

---

<sup>296</sup> José Antonio Pagola e Carles Such Hernández, *Grupos Jovens de Jesus* (Lisboa: PAULUS Editora, 2018), 8.

<sup>297</sup> Cf. Pagola, *Grupos de Jesus*, 7.

<sup>298</sup> Pagola, 8.

Para se formar um *Grupo de Jesus*, nada mais é preciso a não ser a disponibilidade das pessoas para aderirem e quererem fazer a experiência de ler, meditar e escutar aquilo que advém dos Evangelhos. Pagola acredita que esta é a forma de se voltar a Jesus. Porém, nos dias de hoje, muita é a oferta cultural e social que as pessoas têm. Como é que se poderá cativar as pessoas a participarem nestes grupos, atendendo a que aquilo que vão ler, meditar e escutar já lhes é “conhecido” e já aconteceu há muitos anos atrás, ou seja, não é “atual”? Como se poderá tornar a palavra – que supostamente está morta aos olhos de muitos – na verdadeira e cativante Palavra para os nossos dias?

Estes grupos de partilha são orientados por um moderador cuja missão «é convocar os membros, assegurar que todos tomem parte dialogando amigavelmente, com respeito mútuo e de maneira positiva, que se escute o Evangelho e se crie um clima de oração e de conversão a Jesus, seguindo os diversos passos do encontro»,<sup>299</sup> conforme os quarenta esquemas que se encontram na obra *Grupos de Jesus*. Para um melhor desenvolvimento, os grupos terão de ser de pequenas dimensões, não excedendo muito as doze pessoas. Estes grupos terão de funcionar como pequenos promotores do desenvolvimento comunitário e terão um duplo compromisso, como nos refere Pagola:

iniciar num Grupo de Jesus supõe um duplo compromisso em que todos temos de nos sentir solidários. Em primeiro lugar, comprometemo-nos a preparar o melhor possível o encontro: o bom andamento do grupo vai depender, em boa parte, do trabalho pessoal que cada um de nós faz em casa, antes de vir para o encontro. Em segundo lugar, comprometemo-nos a tomar parte ativa no encontro; nem todos temos a mesma facilidade para falar e dialogar, porém, todos participamos no grupo para o construir com toda a simplicidade, e não apenas para receber.<sup>300</sup>

Para o término dos encontros, propõe-se a oração do Pai Nosso e a saudação da paz.

Estes quarenta esquemas, que estão organizados em sete etapas, não se limitam a um encontro cada um. Pelo contrário, cada esquema tem de ter, pelo menos, dois encontros para se explorar todos os itens de ajuda propostos. A base é um texto evangélico que vai despertar no participante um interesse pela mensagem desse Evangelho, bem como o vai motivar a uma conversão pessoal e a um estímulo para que aconteça um compromisso do grupo no projeto de Jesus. Tudo dependerá do grupo: o ritmo, a criatividade, o lugar, o tempo e a entrega.<sup>301</sup> O grupo é livre de seguir o melhor método, desde que se norteie pelas linhas orientadoras contidas em cada esquema.

---

<sup>299</sup> Pagola, 10.

<sup>300</sup> Pagola, 10.

<sup>301</sup> Cf. Pagola, 11.

Os quarenta encontros agrupam-se em sete temas: 1) Reunidos em nome de Jesus; 2) O caminho de Jesus; 3) A boa notícia de Deus; 4) Traços de Jesus; 5) Os grandes chamamentos de Jesus; 6) Chamados a seguir Jesus; 7) Enviados por Jesus Ressuscitado.

No fim de se percorrer esta proposta que dura, no mínimo, quatro a cinco anos, José Antonio Pagola aponta os rumos que o grupo pode tomar no final desta caminhada:

Em alguns casos, o grupo, terminada a caminhada, pode tomar a decisão de continuar a reunir-se também no futuro para escutar junto o Evangelho de Jesus, selecionando, por exemplo, alguns dos textos evangélicos que se proclamam aos domingos. O grupo pode alargar o seu horizonte convidando novas pessoas a tomar parte nele.

Noutros casos, o grupo pode decidir permanecer junto para continuar a escutar o Evangelho de Jesus, mas além disso oferecendo-se a alguma paróquia necessitada ou sem serviço permanente de presbítero, para colaborar, junto com outros e a partir da sua própria experiência, na renovação evangélica da comunidade cristã.

Noutros casos, o grupo decide continuar junto a escutar o Evangelho de Jesus, mas concretizando o seu compromisso evangelizador num determinado campo (marginalização social, apoio a famílias divididas, acolhimento de imigrantes, atenção a idosos sós, presença em bairros marginais ou em zonas rurais empobrecidas...).<sup>302</sup>

Todavia, também pode acontecer que, ao findar a caminhada, alguns membros se decidam a iniciar novos *Grupos de Jesus*, de modo a acompanhá-los e a confirmar a sua experiência, pois o testemunho em palavras e obras conta bastante quando se convida e se pretende passar um testemunho de crescimento pessoal e comunitário. Em suma, um pouco por todas as Dioceses de Portugal já existem estes grupos bíblicos, mas sem esta complexidade apresentada por José Antonio Pagola no modelo pastoral *Grupos de Jesus*.

#### **4. A fragilidade do crescimento**

O itinerário percorrido até este momento é constituído por um conjunto de fragilidades que foram reconhecidas, por um lado, ao longo do período histórico desde as Comunidades Primitivas e, por outro lado, a partir dos dois modelos pastorais de evangelização apresentados para que, na Paróquia, possa ocorrer a transformação.

O ponto mais positivo que se pôde obter neste percurso foi o reconhecimento da carência que provém da crise de identidade e que conduziu cada crente para a necessidade de regressar às perguntas na tentativa de procurar por respostas para as mesmas, de modo a permitir que se efetuasse um trilha rumo à verdade.<sup>303</sup> No entanto, este caminho que se realizou permitiu, a partir deste reconhecimento da existência de uma crise de identidade, alcançar-se uma

---

<sup>302</sup> Pagola, 355.

<sup>303</sup> Cf. Luciano Manicardi, *Fragilidade* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2020), 59–60.

conclusão semelhante à de Luciano Manicardi, quando este refere no ponto sobre *A crise como iniciação* na sua obra *Fragilidade* que

na crise somos chamados a uma morte, a uma separação de uma fase precedente a que nos tínhamos habituado (separação); acabamos, assim, por nos encontrar numa situação inédita sentida como precária, instável, temível (liminaridade), mas que desencadeia uma reestruturação, uma nova adaptação, a criação de novos equilíbrios que permitem uma presença renovada no mundo e na História (reintegração).<sup>304</sup>

Apesar de ainda não se ter alcançado um ponto que se considere como uma fronteira nesta “política” de manutenção, pode-se afirmar que se atingiu um limite. A razão pela qual se aponta esse limite deve-se ao facto de este estar relacionado com a fragilidade humana, pois esta conduz, por um lado, à capacidade dos humanos serem inventivos, criativos e terem um espírito de fortaleza e, por outro lado, à potência, mansidão, prevaricação, humildade e *hybris*.<sup>305</sup>

É a partir desta fragilidade que somos desafiados a ir beber à fonte para que, à semelhança dos primeiros cristãos, cada pessoa possa hoje ser testemunha de Cristo. Assim, cada cristão tem de, inevitavelmente, visitar At 2, 42-47. É neste excerto que temos o sumário das Primeiras Comunidades: a catequese (*didaké*), a liturgia, a fração do pão e as orações. Uma Comunidade que não se organiza a partir da catequese – e aqui não se foca apenas e só na catequese de infância, mas na catequese de todos e para todos – não tem futuro e, se não há esta formação, não existe, numa Comunidade, a *koinonía* e os seus respetivos sentimentos. Se a *didaké* e a *koinonía* funcionarem, a Comunidade vive a fração do pão de forma autêntica, pois esta é o resultado do que está para trás. Logo, estes três aspetos orientam a Comunidade, de forma verdadeira, às orações.

Em suma, esta base apontada em At 2, 42-47 é o suporte dos dois modelos pastorais que desenvolvemos anteriormente e que, segundo a perspectiva de cada autor, permitirá que as Comunidades se solidifiquem e cresçam.

#### **4.1. A Alegria**

James Mallon realça, a partir do modelo pastoral que propõe como resultado da sua experiência na Paróquia de St. Benedict em Halifax, no Canadá, o papel fundamental que o discípulo exerce na Comunidade, pois é a partir desta matriz que se conclui a existência ou não de discípulos na Paróquia, bem como a quantificação desses discípulos presentes na Comunidade: se são bons ou não são bons discípulos.

---

<sup>304</sup> Manicardi, 64.

<sup>305</sup> Cf. Manicardi, 66.

O autor da obra *Renovação Divina* alicerça o seu pensamento na missão que Jesus dá aos seus discípulos antes da Sua ascensão: ir, fazer, batizar e ensinar (cf. Mt 28, 19-20). Esta é a missão para a qual o discípulo se deve preparar para conceber, atendendo a que tem como objetivo fazer outros discípulos. Ao longo dos últimos anos, principalmente a partir do papa Paulo VI, esta inquietação tem feito parte das preocupações que os papas têm tido para com a Igreja. Aquele que tem vincado mais esse ideal é o papa Francisco, que, já deste o *Documento da Aparecida* – e mais tarde com a Exortação *Evangelii Gaudium* – indica que os cristãos, como membros estruturantes da Igreja, terão de ser missionários. Este processo de se ser missionário principia, nos dias de hoje, nas Comunidades de que fazemos parte.

A descentralização de responsabilidades nas Paróquias, que propõe que os Sacerdotes façam em prol dos leigos, está vinculada no Concílio Vaticano II, que apresenta o cristão como aquele que, pelo Batismo, é portador de dons e carismas. Esta linha é proposta como sendo importante para que os leigos sejam corresponsáveis pela Paróquia com os Presbíteros e, deste modo, que estes se foquem no tríplice para o qual foram ordenados: serem sacerdotes, profetas e reis.

Mallon realça, ainda, que uma Paróquia tem de investir, mas mais importante do que investir é o saber investir bem, isto é, o dinheiro tem de ser aplicado naquilo que é prioritário para a vida paroquial. O mesmo se aplica aos Sacerdotes que, a partir da sua missão tríplice, devem desenvolver uma pastoral da proximidade, onde apresentem pequenos gestos que incentivem o crescimento das Paróquias. Assim, na obra abordada, aparecem dez valores que servem como linhas orientadoras do Padre que deseje ter Paróquias saudáveis e em crescimento.

Partilhar um modelo a partir da forma alegre pela qual o Sacerdote daria um melhor testemunho é a chave desbloqueadora para se propor um caminho de transformação. Se o Padre não cativa, não é próximo e não é autêntico, o convite pessoal que procurará apresentar ao seu “rebanho”, para serem líderes da Comunidade numa autêntica corresponsabilidade a partir dos *Grupos Alpha*, encontrará dificuldades em trilhar um caminho frutífero de passar da manutenção, em que se encontra, para uma renovação paroquial.

#### **4.2. A Partilha**

A perspetiva pastoral que José Antonio Pagola expõe está marcada pelo recuperar e pelo voltar ao projeto de Jesus. Colocar Jesus no centro da vida paroquial é, para ele, aquilo que é preciso fazer para que a Paróquia passe para a tão necessária renovação. Esta renovação só acontecerá quando cada pessoa abrir o seu coração à Boa Nova de Jesus, isto é, quando se

converter a esta forma de ser. Esta conversão será, no fundo, uma autêntica compaixão, na medida em que cada Ser se configura com Deus, a partir de palavras e gestos.

A aposta que a Comunidade terá de realizar estará alicerçada na Palavra, que, pela ação do Espírito Santo, permitirá a cada pessoa que participa nos *Grupos de Jesus* descobrir que dons poderá colocar ao serviço de si e da Comunidade. Esta descoberta ajudará cada pessoa a configurar-se com a Comunidade, bem como permite à própria Comunidade que se configure com essa pessoa. Os *Grupos de Jesus* serão sempre grupos de partilha, onde o foco estará na pessoa de Jesus, que deverá ter o Seu reflexo nas nossas vidas, a partir do Evangelho, que será o modelo de vida para todo aquele que o tomar como seu.

Para tal, o acolhimento terá de ser uma expressão prática que todos terão de colocar como prioridade, pois sem a arte do saber acolher não será fácil convidar e conquistar as pessoas, que poderão ser crentes ou não, a serem missão na sua vida e na Paróquia. Este acolhimento permitirá o aparecimento e a fortificação da proposta de fé, que será o modo de cada um testemunhar, a toda a humanidade, esta forma de ser de Jesus, vincada nos Evangelhos. Por fim, o terceiro aspeto é o diálogo, pois, como qualquer grupo de partilha, o diálogo é importante nos encontros, atendendo a que é a partir deste que cada pessoa entende aquilo que Jesus, a partir da Palavra e sob a influência do Espírito Santo, lhe solicita nos dias de hoje. A partilha de si para com todos e a partilha de todos possibilitará a cada pessoa transfigurar-se. Esta talvez seja a melhor forma de se ser testemunha deste Jesus, que é amor, nas nossas relações neste mundo hodierno.

Por fim, o aspeto que permitirá o bom êxito deste modelo pastoral apresentado por José Antonio Pagola está vincado, sobretudo, na partilha e na escuta da Palavra. Se cada pessoa que aceita participar neste processo partilhar e prestar atenção a partir da escuta daquilo que a Palavra lhe diz, terá, através da ação do Espírito Santo, um crescimento espiritual significativo, que lhe permitirá fortificar-se, bem como a ajudará a ser uma verdadeira testemunha pessoal e comunitariamente.

### ***4.3. A Alegria da Partilha***

Se se colocar cada um dos modelos pastorais apresentados frente a frente, a opinião pode variar por se seguirem diferentes aspetos de preferência. Aquilo que será apresentado, neste ponto, será baseado na leitura e na compreensão que se fez, atendendo à sensibilidade do autor deste tratado. Apresentados que foram ambos os modelos, poder-se-á concluir, por um lado, que os modelos se completam, mas, por outro lado, poder-se-á colocar ambos num mesmo patamar de atuação.

Na primeira perspetiva, entende-se que a sugestão de Pagola se segue à proposta de Mallon, na medida em que os *Grupos Alpha* são um desbloqueador para que outros projetos – como, por exemplo, os *Grupos de Jesus* – se solidifiquem na Comunidade. Também se poderá expor o argumento de que o primeiro é mais curto temporalmente que o segundo, assim como a perspetiva de que se pode acolher aqueles que não sabem quem é Jesus e/ou estão afastados mais facilmente num curto espaço de tempo, sem compromissos, em vez de um período mais longo, como nos é proposto por Pagola. No entanto, de nada vale iniciar os *Grupos Alpha* se não existir um outro projeto que complete este. Existe ainda um pormenor significativo no modelo de James Mallon, que é o facto de cada encontro se iniciar com uma refeição. Esta será o desbloqueio para que haja diálogo, que, mais tarde no encontro, irá permitir que as partilhas fluam mais facilmente.

Já a segunda perspetiva enunciada é entendida como ambos os modelos serem de desbloqueio, de consciencialização para Sacerdotes e leigos da necessidade de uma corresponsabilidade paroquial, bem como o facto de estarem a “remar” para a mesma finalidade: despertar, em cada pessoa, a consciência de possuírem dons que podem e devem estar ao serviço dos outros, comunitariamente. A referência comum de ambos priorizarem o convite pessoal, o acolhimento, o diálogo e a partilha, assim como o facto de privilegiarem grupos de pequenas dimensões (entre 8 e 12 pessoas), também são pontos que fazem realçar esta perspetiva de equidade.

O Presbítero, que o é por pertencer a um Presbitério, só é Presbítero na medida em que o Presbitério o antecede, isto é, ele não vai ser o molde do Presbitério, mas vai-se deixar moldar pelo Presbitério. O mesmo terá de acontecer nas Comunidades; porém, com uma ressalva: o facto de estas estarem em “falência” – fruto da política de manutenção em que estão envolvidas – fará com que não possam ser um modelo que o Sacerdote terá de seguir. No entanto, o reconhecimento do estado em que estas se encontram permitirá a este a possibilidade de implementar modelos que existam no Presbitério, do qual faz parte – e que sejam modelos “saudáveis” –, para que estas Comunidades voltem a ser moldadas por Jesus Cristo. É neste processo que acontecerá, inevitavelmente, a proximidade, a hospitalidade, a escuta e o diálogo. A fonte terá de ser Jesus, tal como o Concílio Vaticano II apontou.

Outro aspeto digno de relevo quando se comparam estes modelos é o facto de ambos não necessitarem, diretamente, da presença física do Padre. Cada um dos projetos tende a formar líderes, consoante os objetivos propostos em cada um e, ao chegarem ao término de cada um dos projetos, as pessoas que os concluíram serão embrionárias, junto de outras pessoas, de novas temporadas destes projetos. No fundo, o que acontece é a regeneração da Comunidade sem a influência do Padre, pois este é o estrangeiro que vem fazer caminho com a Comunidade

e não propor à Comunidade fazer caminho com ele, ou seja, o Sacerdote apenas trará novos vigos à Comunidade para que esta não perca o alento necessário para se renovar, deixando para trás a política errónea da manutenção.

Se a alegria tem de ser a imagem de marca das Comunidades, também é certo que as Comunidades devem exercer a partilha entre todos os seus membros, tal como acontecia nas Comunidades Primitivas. Assim, estarão a fecundar, de forma natural, o encontro com Jesus Cristo. Esta é a identidade que os cristãos foram perdendo ao longo dos anos, resultado das heranças impercetíveis que cada pessoa foi recebendo e que foi provocando esta crise em que estamos mergulhados.

A Igreja em Portugal encontra-se numa fase de manutenção, onde começam a surgir, paulatinamente, propostas pastorais como aquelas que foram apresentadas neste trabalho. Ao facto de a Igreja estar em manutenção, adiciona-se o pormenor de existir uma ligeira diminuição da população. Ter-se-á de coser com as linhas que se tem, mesmo reconhecendo que não será fácil e que o fracasso poderá tomar conta das iniciativas que se propuser.

### CAPÍTULO 3 – A RENOVAÇÃO PAROQUIAL

Chegados a este ponto, somos desafiados a desenvolver a teologia pastoral das Paróquias, não só no sentido fundamental (onde se cuida da natureza e da fundamentação das ações pastorais), mas também numa pastoral especial (onde se promova o anúncio, a celebração, o compromisso e, por conseguinte, a vida cristã). A aplicação de ambos os modelos pastorais só será possível na medida em que a pastoral aplicada desempenhe o seu papel de cruzar a fundamentação teológica com a prática do dia a dia, com a ajuda de ferramentas como aquelas que desenvolvemos no capítulo precedente.<sup>306</sup>

Para que exista uma verdadeira pastoral é necessário que estas três partes sejam um unísono e, deste modo, promovam uma correta pastoral nas Paróquias. Porém, para a desenvolver, teremos de partir de uma verdadeira e correta pastoral; teremos de partir da «família [como] *analogatum princeps* [daquilo] que é a comunidade».<sup>307</sup> É a partir da família que poderemos desenvolver toda uma pastoral paroquial, desde que se saiba entranhar-se nela (na família). Desta forma, poder-se-á desenvolver as funções eclesiais «do serviço, da fraternidade, do anúncio e da festa, em correspondência com os quatro fatores antropológicos básicos: a ação, a relação, o pensamento e a celebração».<sup>308</sup>

Assim sendo, só será possível que uma Comunidade cresça se esta desenvolver uma correta pastoral que aponte para o cumprimento do anúncio da Boa Nova. É em Comunidade que deve acontecer e fomentar-se o trabalho em equipa, a paciência e a caridade.<sup>309</sup> Estes três conselhos que o jesuíta Pablo Guerrero aponta – que poderemos considerar como valores que promovem o crescimento – ajuda-nos a concentrar o nosso olhar para o todo que é a Comunidade, onde existe um conjunto diversificado de dons que advêm das famílias e que necessitam ser acolhidos e direcionados para a missão. A atenção que se necessita proporcionar às pessoas deve ser acompanhada pela escuta e pelo acolhimento. Porventura, poderá uma semente germinar se a terra não for boa e não lhe der os nutrientes de que ela precisa para se reproduzir?

Conscientes de que somos sementes lançadas à terra e que desejamos germinar, crescer e produzir frutos para que depois, novamente, a semente que está contida no fruto possa morrer para voltar a germinar, crescer e produzir frutos, é preciso que nos (re)encontremos nesta cadeia e que nos deixemos questionar em que fase estamos. A partir desta interrogação, será mais fácil de se continuar e, por sua vez, de se chegar à produção de frutos na Comunidade (*fazer discípulos*) para que a semente possa morrer em nós e nos outros para recomeçar todo este ciclo.

---

<sup>306</sup> Cf. Pablo Guerrero Rodríguez, *Muito mais que dois* (Braga: Editorial A. O., 2018), 28–29.

<sup>307</sup> Rodríguez, 30.

<sup>308</sup> Rodríguez, 30–31.

<sup>309</sup> Cf. Rodríguez, 42.

Nesta viagem reconhecemos o estado em que estamos, o percurso que deveremos percorrer e onde desejamos chegar para produzirmos (ainda) mais frutos. Neste capítulo faremos um exercício de, a partir de três aspetos que consideramos serem de maior relevo de cada um dos autores apresentados, esboçarmos possíveis caminhos que ajudem as Comunidades a identificarem a sua identidade e reconhecerem como poderão crescer para frutificar. Por fim, apresentaremos em cinco pontos aquilo que consideramos ser pertinente para a renovação paroquial, a partir do ponto de vista do autor deste tratado.

## 1. Os sinais dos tempos

Com a convocação do Concílio Vaticano II, o papa João XXIII pretendia abrir e criar para a Igreja novos horizontes, na medida em que esta precisaria estar atenta aos sinais dos tempos. Neste sentido, num contínuo *aggiornamento* da pastoral da Igreja, João XXIII afirmou no discurso de abertura do Concílio que,

iluminada pela luz deste Concílio, a Igreja, como esperamos confiadamente, engrandecerá em riquezas espirituais e, recebendo a força de novas energias, olhará intrépida para o futuro. Na verdade, com atualizações oportunas e com a prudente coordenação da colaboração mútua, a Igreja conseguirá que os homens, as famílias e os povos voltem realmente a alma para as coisas celestiais (GME, para. 3.4).

É preciso que esta igreja, da qual fazemos parte, acompanhe a modernidade para melhor «reagir ao individualismo, à atomização, à evanescência das relações nas Igrejas. [Em suma, pretende-se que a Igreja seja um local onde] os cristãos têm necessidade de explorar, refletir e falar entre eles do seu ser cristão». <sup>310</sup> No fundo, é um convite constante para que o cristão esteja em diálogo com a cultura, sendo responsável por levar o Evangelho a todos.

Neste sentido, propõe-se que se desenvolva, a partir da forma como James Mallon elabora em *Renovação Divina*, três aspetos – lideranças partilhadas, com autonomia de atuação; discipulado; centralidade do domingo – para que a Paróquia transite de um «local de serviços religiosos para uma expressão de verdadeira comunidade». <sup>311</sup> Esta Comunidade – segundo a Carta Pastoral do Bispo D. João Lavrador à Diocese de Angra – tem de ser uma Comunidade que terá «de caminhar decididamente para a valorização dos serviços e do papel que os leigos estão chamados a realizar para a evangelização do mundo de hoje», pois a estes «pertence por autoridade própria evangelizar, pela palavra e pelo testemunho, o mundo da família, da

---

<sup>310</sup> Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, «Para Que as Igrejas Fiquem Menos Vazias», acedido 10 de maio de 2022, [https://www.snpcultura.org/para\\_que\\_as\\_igrejas\\_fiquem\\_menos\\_vazias.html](https://www.snpcultura.org/para_que_as_igrejas_fiquem_menos_vazias.html).

<sup>311</sup> «Carta Pastoral | Diocese de Angra», acedido 10 de maio de 2022, <https://www.diocesedeangra.pt/carta-pastoral/>.

profissão [...], isto é, tudo o que diz respeito à atividade humana no mundo».<sup>312</sup> Cabe, assim, àqueles que são nomeados para as Comunidades saberem acolher e discernir quais as formas que possam conduzir à edificação das suas Comunidades. Para tal, é seu dever colocar os leigos ao serviço da Igreja para que possa acontecer a evangelização, ou seja, para que se fomentem cada vez mais vocações que possam conduzir à disponibilidade em assumirem ministérios e serviços no seio da Comunidade.

### ***1.1. Lideranças partilhadas, com autonomia de atuação***

No pré-Concílio de Trento existia um elevado número de Presbíteros com parca formação. Perante este cenário, os Padres Conciliares discerniram que era importante investir numa formação de excelência para o clero, bem como em critérios de admissão à ordem, evitando deste modo uma subversão do espírito evangélico. Estas intenções estavam, em certa medida, já presentes nalguns bispos que se encontraram para refletirem sobre estes e outros assuntos em Lyon, no ano de 1449. Mais tarde, no Concílio Vaticano II, os Padres que aí se reuniram realçaram ser importante uma mudança de paradigma e, por sua vez, apontaram para o regresso às origens, numa linha de tentar imitar as Comunidades Primitivas, pois estas Comunidades eram todas elas geradoras de pessoas disponíveis para abraçarem os ministérios e desenvolverem serviços na Comunidade. Também eram os membros das Comunidades que escolhiam essas pessoas para os ministérios e serviços, atribuindo-lhes a liderança porque entendiam que alguém, a exemplo daquilo que os Apóstolos faziam, os deveria liderar e ajudar a fazerem caminho em conjunto. Estes líderes têm como objetivo orientar o caminho de um determinado grupo para aquilo com que se identificam: quer na vida paroquial, quer na vida social. E são estes líderes, que são escolhidos de várias formas, que podem ser aqueles que se pretendem para a renovação pastoral da Paróquia.

Ora, o Sacerdote nomeado para determinada Comunidade poderá “aproveitar-se” destas escolhas feitas pela Comunidade para os formar e criar verdadeiros líderes, configurando-os ao jeito de Jesus. Porém, em primeiro lugar, se o Padre pretender que se promova uma liderança partilhada, ele mesmo terá de se apresentar como um líder no qual se encontrem, no seu modo de ser e agir, aspetos que o identifiquem como tal; por exemplo: o diálogo, a escuta ou até mesmo a proximidade. Após esta forma de ser e estar na Comunidade, o Padre terá a tarefa de orientar quem já é líder para a partilha autónoma. No entanto, também será desafiante reconhecer quem são as pessoas que são ou poderão ser líderes e, por sua vez, possam assumir lideranças independentes na sua ação.

---

<sup>312</sup> «Carta Pastoral | Diocese de Angra».

Neste sentido, reconhecer os dons e carismas daqueles que lhe foram confiados e que abundam nas Assembleias de fiéis será a forma mais fidedigna que o Presbítero pode assumir como sua linha mestra. Para isso, é necessário que este se penetre na Comunidade e conheça aqueles que fazem, com ele, parte da Comunidade, pois não existe nenhuma fórmula mágica que aponte ou identifique à primeira tentativa aqueles de que precisa. Este é um caminho que o Padre terá de fazer pacientemente na procura daqueles que são os mais idóneos para exercer este ministério da liderança. Para tal, utilizará ferramentas que o ajudarão neste caminho, bem como terá de apoiar aqueles que já se encontram neste projeto. A formação, que pode advir do projeto *Alpha*, proporcionará, de forma simples e convincente, aquilo que é solicitado a cada pessoa. No entanto, é preciso que outros líderes, que podem ser de outras Comunidades, deem o seu testemunho por palavras e gestos, de forma a cativar o público-alvo pretendido. Todavia, este ciclo só ficará completo quando os novos líderes passarem da teoria à ação e gerarem novos líderes.

Deste modo, é pretendido que o Clérigo não concentre toda a atividade pastoral em si e que os líderes criados, com a devida formação, possam exercer, no seio da sua própria Comunidade, um papel preponderante na vida da mesma. Também será importante a escolha de novos líderes por parte da Comunidade, segundo o novo paradigma que o Sacerdote tentará inculcar na mesma. Deste modo, encontrar-se-ão semelhanças com as Comunidades Primitivas, pois, no fundo, aquilo que o Presbítero vai proporcionar é um renascimento da própria Comunidade, ao estilo das primeiras Comunidades cristãs, e, assim, permitir que esta seja autónoma e regeneradora sem depender única e exclusivamente do Sacerdote para tudo. O Sacerdote partilha a responsabilidade de gerir e de administrar a Comunidade com os leigos que são chamados a promover essa mesma liderança partilhada.

O esforço proporcionado pelo Pároco não pode estagnar nestes eleitos. A formação de líderes terá de ser contínua e constante, desde que o ponto de partida seja o reconhecimento de novos líderes que possam acrescentar algo novo à transformação paroquial. Caso contrário, a Comunidade estagna numa manutenção imprópria sem um olhar aberto aos sinais dos tempos, como o papa João XXIII alertou. Repare-se, neste ponto – e sem se entrar no campo de avaliações e/ou comparações da qualidade de suas lideranças –, que existem líderes nas nossas Comunidades que o são há bastantes anos e que, talvez, urja a mudança para que novas perspectivas possam entrar no seio do grupo e da Comunidade. É esta Comunidade, que denominamos por Paróquia, que terá de ser «um corpo que acolhe, promove e acompanha pessoas, espaços complementares de vida cristã e outros grupos eclesiais».<sup>313</sup> E isto só é

---

<sup>313</sup> Tiago Freitas, *Colégio de Paróquias* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2018), 355.

possível na medida em que existem líderes que, pelo seu reconhecimento dos sinais do tempo, conseguem orientar o seu grupo e a Comunidade para esta renovação.

## ***1.2. Discipulado***

Iniciar a pastoral a partir da formação de líderes ajudará a Comunidade a desenvolver-se a partir daqueles que podem orientar a pastoral da Paróquia. Esta formação de líderes terá de ser boa e fecunda, de modo que faça descobrir e fomentar esta relação com Jesus para que não aconteça como sucede com «um certo número de pessoas que se cruzam com Jesus [...], sem contudo tornarem-se discípulos».<sup>314</sup> Aquele que for líder terá de ser necessariamente discípulo, pois, se não o for, como pode ser líder numa Paróquia que tem como objetivo anunciar Jesus?

É nesta linha que «todos somos corresponsáveis do ser e da ação da Igreja, e nunca foi tão necessário para nós dar um passo e tomar a iniciativa»<sup>315</sup> como o é agora. No entanto, pertencer a uma equipa que contém a particularidade de possuir vários líderes requer organização, comunicação, sentido de comunhão e pertença, ou seja, caminharem todos para o mesmo fim: fazer discípulos a partir do seu próprio testemunho de discipulado. Este discipulado não tem de se focar, única e exclusivamente, em aspetos humanos e litúrgicos, mas também terá de os promover, pois estes acrescentam “sabor” a toda a vivência pastoral. Aquele que pretende ser discípulo tem de ser missionário, na medida em que proporciona o conhecimento de Jesus, atendendo que aquele que está inserido no «discipulado é como [se estivesse num] “ecossistema”»<sup>316</sup> para promoção do objetivo final, que é “fazer discípulos”.

Para tal, é necessário que as Comunidades procurem ferramentas, tais como as que exploramos nesta tese, que promovam o encontro pessoal com Jesus. No entanto, os líderes têm de fazer convites pessoais às pessoas para que estas participem e criem esta proximidade com Jesus. Estes convites têm de ser direcionados em dois sentidos: para aqueles que fazem parte da Comunidade e para aqueles que se encontram afastados da Comunidade. No primeiro caso, o convite consiste em participarem para aprofundar a proximidade com Jesus, pois podem pertencer à Comunidade e não serem ainda verdadeiros discípulos, isto é, ainda não estarem preparados para serem geradores de novos discípulos. No segundo caso, o convite é direcionado àqueles que se encontram fora e que precisam da nossa ajuda para voltarem. E é aqui que o convite mais pessoal, a partir daqueles que se encontram na nossa zona de conforto, pode acontecer e gerar novos discípulos. Juntamente com o convite que somos chamados a fazer, de

---

<sup>314</sup> Christoph Theobald e Philippe Bacq, *Uma nova oportunidade para o Evangelho* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 84.

<sup>315</sup> Lowney, *Todos somos líderes*, 9.

<sup>316</sup> Paredes, *É possível outra comunidade*, 24.

modo particular àqueles que partilham vivências e lugares conosco, tem de existir o testemunho que ajudará a criar, pelo menos, uma certa curiosidade em participarem em algo que veem que é bom e reconfortante nos outros e que pode proporcionar um crescimento no conhecimento sobre Jesus naqueles que foram convidados.

Uma das formas de se fazer chegar este convite pode ser a promoção de eventos, que partirá da criatividade e do espírito de ajuda dos líderes, a começar pelo Sacerdote, para que se fortaleçam discípulos e se possa fazer novos discípulos. A proximidade, adaptada à realidade e ao contexto em que se aplicam determinadas situações, ajudará, em certa medida, no crescimento da Comunidade. Ora, muitos dos eventos que se podem criar já foram vivenciados por equipas de outras Comunidades. As experiências vividas por estas Comunidades proporcionaram modelos que podem ou não ser replicados noutras Comunidades, pois são apenas modelos experienciados por outras Comunidades e não na nossa Comunidade. Cabe ao líder, que já descobriu Jesus na sua vida, encontrar a forma mais adequada para fazer o convite e levar aqueles que foram convidados a conhecerem Cristo, a partir dos mais variados modelos que estão ao seu dispor.

Assim, a Paróquia que conseguir fecundar o discipulado e a capacidade de gerar/fazer novos discípulos será uma Comunidade regeneradora onde Cristo será o centro e o motor de tudo e todos. Este deixar-se ser discípulo de Cristo é de tal modo o centro na vida de cada um de nós que já não se consegue permanecer em silêncio perante tão alegre novidade. Cria em cada discípulo a ligação à liderança que se espelha na vontade de se ser portador desta notícia, pois «a todo o discípulo de Cristo incumbe o encargo de difundir a fé, segundo a própria medida» (*LG*, 17). Este difundir só resultará na medida em que reconhecermos onde somos chamados a desempenhar o nosso ministério ou serviço, seja ele na Comunidade ou na sociedade. O importante é reconhecer que em tudo aquilo que fazemos, a partir do momento em que somos discípulos, já não há volta a dar a não ser levar este Jesus a tudo e todos quantos se cruzam em seus caminhos.

Ser líder numa Comunidade que procura gerar novos líderes terá a particularidade de reforçar, em certa medida, o discipulado, que tenderá para um amadurecimento e, por conseguinte, ser capaz de gerar novos discípulos. No fundo, cria-se um ciclo virtuoso proveniente de uma semente que se deixa germinar e dar fruto para que a semente caia noutros e possa dar novos frutos, seja ela numa família, nos vizinhos ou numa autêntica Comunidade que pretende ser missão. Porém, a Paróquia, para estreitar laços e enraizar a sua identidade, necessita de algo que a congregue regularmente. Este congregar só fará sentido na medida em que haja possibilidade para originar mais membros, numa autêntica regeneração que provém da renovação paroquial. Viver numa Paróquia, que passa da manutenção à renovação, tem de

ser como uma casa que mantém os alicerces, mas que se vai adaptando com o tempo e as suas necessidades.

### ***1.3. Centralidade do domingo***

Desde o início do cristianismo que os cristãos se congregam ao domingo, o Dia do Senhor, que acontece após o sábado.<sup>317</sup> Ainda nos dias de hoje, mesmo numa cultura que não vai vivendo o domingo como o Dia do Senhor, a Igreja procura valorizar este dia. Porém, outros fatores no seio da Igreja têm dificultado esta centralidade como, por exemplo, o facto de se continuar a concentrar as Eucaristias no domingo de manhã. Em *Renovação Divina*, Mallon é muito claro ao referir que não faz sentido continuar neste aglomerado de Eucaristias de menos de 1h ao domingo de manhã, reforçando que as Eucaristias devem ser um evento significativo, de modo a que cada pessoa que participa deseje voltar a viver esta experiência.<sup>318</sup> E este voltar só acontecerá se todos se empenharem em colocar o domingo como o centro da vida paroquial e todos os seus esforços se direcionarem para o primordial evento que a Paróquia pode oferecer: a Eucaristia.

É na Eucaristia que acontece o encontro e donde sai a linha orientadora para a vivência cristã da Comunidade. É lá que acontece o *fazer memória* de cada cristão, que não é mais do que «tecer a identidade cristã, dando sentido às opções, no seio de um corpo eclesial vivo».<sup>319</sup> Ora, se a Eucaristia dominical é o centro da vida paroquial, esta tem de ser bem organizada e centrada em três pontos (como referiu Mallon): hospitalidade, hino e homilia.

Os destinatários desta centralidade são, indiscutivelmente, todos os membros da Comunidade, pois todos são chamados a cooperar neste tríptico, na medida em que todos são corresponsáveis, a começar pelos líderes. No entanto, os dois primeiros pontos são mais direcionados aos fiéis, enquanto o terceiro depende diretamente do Padre, o que não impede que todos possam ser parte integrante e transformante em cada um dos aspetos a desenvolver.

A hospitalidade tem de partir de cada pessoa, atendendo a que «cada ser humano é uma casa de hóspedes onde habita o inesperado»,<sup>320</sup> neste reconhecimento de que o outro é dom para mim e que ele me vai enriquecer, mas que também se deixa enriquecer nesta reciprocidade pelo visível, que abarca o invisível. Assim sendo, a Paróquia terá de ser um local onde acontece a hospitalidade porque é pela hospitalidade que descrevemos a forma como acontece o acolhimento. «Por isso defende Jean Vanier que o “acolhimento é um dos primeiros sinais de

---

<sup>317</sup> Cf. Borrás e Routhier, *A nova Paróquia*, 74.

<sup>318</sup> Cf. Mallon, *Renovação Divina*, 96.

<sup>319</sup> Freitas, *Colégio de Paróquias*, 385.

<sup>320</sup> Freitas, 233.

que uma comunidade está viva [...], mas para acolher é necessário existir, ou seja, ‘ser’ uma comunidade que tenha uma vida real”<sup>321</sup> e que não esteja em negação. É esta hospitalidade, que vive na reciprocidade do amor entre todos e cada um, que faz gerar comunhão e vontade em regressar todos os domingos.

Por conseguinte, reconhecemos que uma Eucaristia tem de ser animada, isto é, faz parte da sua essência a animação litúrgica. Para tal, esta animação não tem de se fechar num pequeno grupo que fará a sua atuação; na Eucaristia todos são participantes e intervenientes. Convidar aqueles que participam a tomarem parte no canto também é uma forma de acolhimento e de integração; o objetivo tem de ser o de todos participarem na Celebração. Assim, a Paróquia terá de investir em formas de todos serem parte integrante da e na Eucaristia. No entanto, a formação musical também tem de ser analisada, aprofundada e promovida por parte do Padre, bem como por iniciativa da Comunidade. Neste âmbito não se pode seguir uma ideologia de que tudo serve.

O terceiro aspeto a ser realçado neste tríptico é o da homilia. A *Evangelii Gaudium* refere que «um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo» (EG, 154) e que «a preparação da pregação é uma tarefa tão importante que convém dedicar-lhe um tempo longo de estudo, oração, reflexão e criatividade pastoral» (EG, 145). Na verdade, «a homilia pode ser, realmente, uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento» (EG, 135). Ora, o Presbítero que siga estes aspetos enunciados na *Evangelii Gaudium*, referentes à homilia, transmitirá à Assembleia que a Palavra lhe penetrou e, desse modo, conseguirá fazer com que a Palavra penetre em cada pessoa que o escuta.

Este tríptico será a base que sustentará a centralidade do domingo, no sentido em que marcará o ritmo do pulsar comunitário. Uma Paróquia que não promova o encontro entre e com os seus não está a viver o sentido comunitário, mas sim o sentido egocêntrico e individualista que conduzirá à solidão. No aspeto bíblico do Antigo Testamento, essa solidão corresponde à morte que advém de uma péssima e descuidada manutenção. Não é isso que se pretende, mas sim promover a renovação, a partir de simples aspetos da vida comunitária, que conduzirá as Paróquias, segundo o ponto de vista de James Mallon, ao crescimento e a um equilíbrio saudável.

Em suma, ser Comunidade é reconhecer as feridas e promover a cura, tal como o hospedeiro recebe o hóspede – na medida em que promove o acolhimento –, o convida a participar no canto dos hinos e o invita a escutar a explicação da Palavra a partir da homilia.

---

<sup>321</sup> Freitas, 247.

## 2. A palavra que se renova

Num dos seus textos intitulado *O Peixe e o Mar*, contido na obra *O Príncipe e a Lavadeira*, o Pe. Nuno Tovar de Lemos apresenta uma breve crónica de um peixe que, quando lhe pediram para falar do mar, apenas sabia falar dos dez metros que conhecia à superfície. O facto de não falar mais sobre o mar não era por não saber, mas sim por receio de ser gozado pelos outros peixes. Tinha medo de se deixar abraçar pelo mar, mesmo tendo experimentado uma ou outra vez a sua profundidade e de ter sentido algo muito bom como a paz ou o silêncio. Foi numa dessas experiências e, após ter sido confrontado pela pergunta inóspita que lhe colocaram, que ele se deixou levar pela corrente e foi até à profundidade no mar. Aí, na profundidade do mar, o peixe descobriu a sua inteireza.<sup>322</sup>

Ao longo das nossas vidas, é normal que as pessoas se sintam como este peixe: seguem-se as massas; tem-se medo de sair da zona de conforto para evitar causar estranheza nos outros; não querer aprofundar algo que nos pertence; etc. São criadas barreiras que aparecem para não se denegrir a imagem que os outros têm de nós. Em toda e qualquer Comunidade, seja ela eclesial ou social, existe este tipo de pessoas. Porém, é essencial a mudança e encontrar um sentido.

Enzo Bianchi, num artigo no site do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, apresenta a ideia de que «a maior prova para o missionário [é] o fracasso».<sup>323</sup> É nesta linha que, «a exemplo de Jesus Cristo, a comunidade cristã é chamada a edificar-se através do anúncio, da celebração litúrgica e da partilha fraterna».<sup>324</sup> Esta referência, que nos convida a regressarmos a At 2, 42-47, é um convite para se repensar a pastoral através da atenção que deriva da escuta.

É reconhecendo esta importância de voltarmos às fontes que se compreende qual a verdadeira identidade que somos chamados a valorizar na pastoral, segundo a perspectiva de José Antonio Pagola: a partir de pequenos grupos; centrando-se na Palavra de Deus; e praticando uma pastoral carismática. A viagem, que é acompanhada por estes três pontos que referimos, contará com todos, na medida em que se exige elaborar um caminho bem definido com este tríptico. Este decalcar será útil na medida em que ajude a uma preparação da Comunidade para esta novidade contida no fundo do mar, onde habita Deus e que, na paz e no silêncio, nos mostre a nossa inteireza.

---

<sup>322</sup> Cf. Nuno Tovar de Lemos, s.j., *O Príncipe e a Lavadeira*, 16ª (Coimbra: Edições Tenacitas, 2018), 31–35.

<sup>323</sup> Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, «Planos Pastorais Há Muitos, Acertar Na Prioridade é Que Tem Sido Difícil», acessado 17 de maio de 2022,

[https://www.snpcultura.org/planos\\_pastorais\\_ha\\_muitos\\_acertar\\_na\\_prioridade\\_e\\_que\\_tem\\_sido\\_dificil.html](https://www.snpcultura.org/planos_pastorais_ha_muitos_acertar_na_prioridade_e_que_tem_sido_dificil.html).

<sup>324</sup> «Carta Pastoral | Diocese de Angra».

## **2.1. Pequenos grupos**

Uma Comunidade é, toda ela, constituída por grupos que se organizam pelas vivências que têm, pelos laços familiares ou de amizade ou até mesmo por uma associação à qual pertençam (in)diretamente. Deste modo, poderemos dizer, como o autor, que «é evidente que não é possível uma identidade pessoal – nem a própria constituição do sujeito, enquanto tal – sem a pertença a um conjunto de mediações simbólicas, que constituem uma comunidade ou mesmo um povo».<sup>325</sup> Ou seja, terá de existir algo prévio que congregue as pessoas em grupos, segundo um determinado prisma.

Estes grupos não são apenas constituídos por alguém com um outro, mas abrem-se à entrada a um terceiro, que será o «verdadeiro fundamento da dinâmica de exposição como instauração do vínculo comunitário».<sup>326</sup> Com isto não existe um esgotamento de um “eu-tu”, atendendo a que a terceira pessoa, numa abertura inter-humana, permite que exista uma fundação da identidade. Assim, a abertura proporcionada à terceira pessoa é uma abertura do grupo ao exterior, a partir dos elos de ligação criados para todos aqueles que se aproximarem e desejarem experimentar fazer parte do grupo, isto é, aquele que se sente frágil e, de certo modo, desamparado comunitariamente, deverá ser acolhido pelo outro, que já tem lugar de pertença.

É neste sentido que a Comunidade poderá construir caminho. Não é um trabalho que seja complexo, tendo em conta que a Comunidade já é, toda ela, plural, atendendo à existência de associações, movimentos religiosos, confrarias, irmandades, etc. O grande desafio, para a Comunidade, é o de colocar Jesus Cristo como o motor comum em todos estes grupos para que todos rumem para o mesmo fim. É claro que podem fazer este percurso com outros objetivos, mas no final, em vez de termos uma Comunidade unida, ter-se-á uma Comunidade fragmentada, com cada um dos grupos a lutar pelas suas metas. Não é isto que, de todo, se pretende para a Comunidade; a promoção da união e congregação de todos permitirá o desenvolvimento. A renovação da Comunidade dependerá, em grande parte, destes pequenos grupos (com um máximo de 15 pessoas), que terão de ter um objetivo comum.

Esta é uma tarefa que cabe a cada Comunidade, mas que tem de ser impulsionada pelos seus líderes que exercem o ministério ordenado ou por aqueles que desempenham um trabalho de liderança nas associações e movimentos, quer os eleitos, quer aqueles que são designados. Não cabe apenas a estes a tarefa de segmentar a Comunidade em prol de um fortalecimento comunitário, mas sim a todos aqueles que se dizem fazer parte da Comunidade. Um belo

---

<sup>325</sup> João Manuel Duque, *O próximo e a comunidade - Breve leitura da Fratelli Tutti* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021), 18.

<sup>326</sup> Duque, 21.

exemplo que se pode dar neste âmbito são as comissões de festas, que se organizam em pequenos grupos, onde existe um qualquer elo de ligação entre eles, acabando, muitos deles, a ficar com uma amizade que os leva a reencontrar-se de quando em vez para partilharem novos momentos em grupo.

São estes pequenos grupos que, pastoralmente, têm de ser propostos. No entanto, é preciso que exista uma organização estrutural, de modo que se possa corresponder às necessidades pedidas por aqueles que experimentam. Existem grupos, como os *Grupos de Jesus* ou os *Grupos Alpha* que, apesar de serem modelos de desbloqueio que necessitam de outras ferramentas para se dar continuidade ao caminho iniciado, já são uma forma de se criarem esses grupos que se almeja. Porém, não basta promover a fragmentação e a utilização de algumas ferramentas, mas que se promova, nesta atenção à pastoral paroquial, a uma estruturação para se construir um caminho que seja percorrido a médio-longo prazo. As bases já estão criadas; apenas faltam as primeiras metas.

Essas metas terão de ser, indiscutivelmente, a do reencontro das pessoas com Jesus Cristo. Esta é a primeira das etapas que toda a Comunidade terá de viver e experienciar. Aquele que não experienciar e não trouxer uma resposta para o seu dia a dia é porque ainda não teve o verdadeiro encontro. E isso ver-se-á no testemunho que é dado. A maneira como cada pessoa fala sobre uma determinada experiência demonstra o modo pelo qual ficou contagiada com tal vivência. O ser humano é expressivo e isso transmite-se na sua forma de ser e estar perante si e os outros. E é essa forma que é transmitida a todos aqueles que o rodeiam: quer seja família, amigos ou nos lugares fabris. É esta vivência que permitirá, quiçá, aplicar-se o ditado popular «diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és» na medida em que as nossas qualidades e vivências são mais autênticas quando estas são testemunhadas por um terceiro.

Contudo, espera-se que a Comunidade possa recolher frutos desta fragmentação pastoral. Esses frutos só serão possíveis numa dimensão onde todos aqueles que fazem parte destes grupos se comprometem a estar presentes e interventivos nesta transformação. Transformar implica ir para além da formação que receberá nesses grupos. Aquele que não o fizer permanecerá na ociosidade e numa manutenção (sentido negativo) que dificilmente proporcionará a uma renovação pastoral paroquial. E essa renovação só acontecerá quando se estiverem recetivos à entrada de um terceiro elemento nesta relação de grupo, mesmo que o grupo já possua mais que dois elementos. O terceiro elemento, seja ele qual for, será sempre um motivo de graça para cada um de nós e para o grupo em si, atendendo que a sua vivência será importante para todos os elementos do grupo.

## 2.2. *Centralidade da Palavra de Deus*

Atendendo à falta de investigação ou de sondagem, poder-se-á concluir que a maioria daqueles que se auto intitulam como cristãos apenas têm contacto com a Palavra de Deus nas Eucaristias em que participam. Porém, este modo de proceder dos cristãos não é o mais correto, pois descartam uma parte importante dos textos contidos na Bíblia – que também são Palavra de Deus – por não os lerem ou pela preguiça de não desejarem fazer este contacto.

Relativamente à Eucaristia, encontro da maioria dos cristãos com a Palavra de Deus, esta não é vivida com dignidade, fruto da corrida desenfreada que o Sacerdote faz para atender a todos os centros de culto que lhe estão confiados. Este pormenor, que também foi realçado por James Mallon (cf. *Renovação Divina*, 96), conduz-nos à ideia de que o Padre apenas vai cumprir um ritual, com um determinado número de pessoas e num determinado local de culto. É esta nova forma pastoral que os Sacerdotes, do tempo presente, encontraram para marcar presença nas Comunidades que lhe estão confiadas.

Neste sentido, numa tentativa de reversão, o Pe. Giovanni Cesare Pagazzi, numa conferência, durante as XXXIII Jornadas Teológicas promovidas pela Revista Cenáculo, intitulada por *Dimensão Espiritual da Eucaristia na Espiritualidade* referia, na sua reflexão apresentada, que «é preciso provocar a fome e a sede nos outros para que eles, tal como nós, tenham fome e sede para poderem tomar parte na Eucaristia. Ora», prosseguia ele, «se tomamos parte, mas não temos fome e sede, de nada vale a nossa participação na Eucaristia. Apenas nos tornamos, talvez, em seres imóveis com o nosso corpo a “marcar presença” na Celebração, em vez de ser uma participação ativa, viva e nova». Mas como devemos despertar esta fome e esta sede sem criarmos um certo fastio?

Este fastio será colmatado, como já referimos, se cada um de nós souber participar na Eucaristia como momento de Ação de Graças. Nela que se divide numa Liturgia da Palavra e numa Liturgia Eucarística, isto é, num encontro para se escutar a Palavra de Deus e numa resposta dada por cada um de nós em forma de oferta de tudo aquilo que é a nossa vida, sendo que aquilo que orienta toda a nossa oferta e, por sua vez, toda a nossa vida, é a Palavra. Esta proporcionará, por um lado, uma valorização individual na medida em que é o próprio ser que vive e testemunha e, por outro lado, comunitária, porque os elos de ligação comuns que se criam fortalecem a Comunidade. É na Comunidade que a Palavra – que é e traz felicidade – tem de ser vivida e transmitida como uma mensagem importante que não pode ficar guardada e reservada apenas para alguns, pois, e como diz o livro dos Atos dos Apóstolos, «a felicidade está mais em dar do que em receber» (At 20, 35). Nesta toada, Enzo Bianchi afirma que «a mensagem não está isolada de quem a transmite e da sua maneira de viver. Como seria possível transmitir uma palavra que não é vivida por quem a pronuncia? Que autoridade teria uma

palavra dita e pregada, mesmo com hábil arte oratória, se não encontrasse coerência de vida em quem a proclama»?<sup>327</sup>

A Palavra terá de assumir o centro da vida da Comunidade. Porém, não basta que apenas esta seja vivida e partilhada nas Eucaristias através de um leitor com uma boa leitura e uma boa articulação das palavras. Por um lado, também é preciso que o Padre prepare, de uma forma cuidada, a homilia de modo a promover a Palavra na contemporaneidade em que se vive. Mas, por outro lado, é preciso que os Padres acompanhem e incentivem a formação daqueles que têm como missão serem anunciadores da Palavra: os catequistas, os leitores, os pais, etc. A valorização e o acompanhamento serão muito importantes e proveitosos, atendendo a que serão uma forma de transformação, de modo particular, nos pais. A família foi, é e será a primeira escola da e para a vida. Se se incutir o propósito de a família ser portadora da Palavra, isto é, que se propõe a deixar-se penetrar pela Palavra para que depois usem todos os meios que estão ao seu alcance para que a Palavra penetre nos outros, muitos poderão ser os frutos que a Comunidade poderá colher.

Assim, é preciso que haja uma incidência pastoral no incentivo de uma maior atenção e cuidado pela Palavra, atendendo a que «a proclamação do *kerigma*, a catequese sistemática, a formação bíblica, a *lectio divina* e a preparação da homilia são fundamentais para a edificação de uma verdadeira comunidade cristã, com a participação de cristãos conscientes».<sup>328</sup> É esta edificação comunitária que se pretende quando a Comunidade tem como meta Jesus Cristo. É na Palavra que nos chegou que O poderemos conhecer cada vez melhor, pois é aí que apreendemos aquilo que Ele deseja que os seus discípulos sejam, independentemente do tempo em que estes são e estão.

Contudo, o Antigo e o Novo Testamento ensinam-nos que é pela fragilidade que Deus entra nas nossas vidas, ou seja, no momento em que nos sentimos impotentes é quando recorremos a Ele e o deixamos escrever, connosco, a nossa história. Ainda nos dias de hoje vemos e escutamos os testemunhos destes. A piedade popular ocupa um lugar muito importante na espiritualidade do povo. Por exemplo, nesta região do Minho, a piedade popular está bastante vincada nas festas e romarias. A estas ocorre um número considerável de pessoas que se dispõem a ir «a pé, galgando a estrada ou atravessando caminhos inóspitos, passando os montes e inventando itinerários mais curtos, ou nos mais variados meios de transporte que a civilização oferece hoje».<sup>329</sup> No entanto, fica o desafio de colocar, nestas festas, romarias ou peregrinações, o Evangelho de Jesus – a Palavra – como elo de ligação, isto é, como motivo

---

<sup>327</sup> Cultura, «Planos Pastorais Há Muitos, Acertar Na Prioridade é Que Tem Sido Difícil».

<sup>328</sup> «Carta Pastoral | Diocese de Angra».

<sup>329</sup> José da Silva Lima, *Entre Rezas & Romarias: Piedade popular e prática pastoral* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011), 129.

primeiro que nos faça mover a tal local, num determinado tempo, para solicitar ao Santo da nossa maior devoção o auxílio e proteção para que, pelo seu intermédio, Deus possa atender as nossas súplicas.

### ***2.3. Pastoral carismática***

O termo carisma corresponde ao conjunto de dons espirituais concedidos por Deus a cada pessoa, bem como a cada conjunto de pessoas envolvidas num grupo. O mesmo é dizer, quando nos referimos a carisma, que é um dom gratuito que habita em cada pessoa porque, e como diz S. Paulo, «tudo isto, porém, o realiza o único e o mesmo Espírito, distribuindo a cada um, conforme lhe apraz» (1 Cor 12, 11). No entanto, a procura diária pelos dons que possuímos, bem como o seu aperfeiçoamento e o seu despertar para novos dons conduz-nos a uma aproximação do verdadeiro reconhecimento daquilo que cada um de nós é. Sabendo aquilo que sou, ou seja, reconhecendo-me, serei capaz de administrar as várias graças que Deus nos dá e que teremos de colocar ao serviço dos outros (cf. 1 Pe 4, 10).

Ao encontrarmos os nossos próprios dons, descobrimos a capacidade de estar ao serviço do outro. A Comunidade que se inicia a partir do momento em que «estiverem dois ou três reunidos em [seu] nome» (Mt 18, 20) vai-nos permitir viver com a certeza de que Jesus está connosco, se esta O tiver como centro, como confluência de tudo aquilo que a faz mover. Esse sentimento, aquilo que faz alguém congregar-se com outra(s) pessoa(s) de forma autêntica e verdadeira, resume-se ao facto de existir algo que as une. Esta união só acontece porque, em primeiro lugar, se aceita aquilo que se é, isto é, amamo-nos, independentemente das nossas virtudes, defeitos, tristezas, alegrias, etc., e, a partir do momento em que nos amamos, somos capazes de conquistar uma segurança que ninguém, possivelmente, conseguirá derrubar ou transtornar.

Esta forma de ser vai permitir uma abertura a um outro, a partir do momento em que se o ama, criando uma empatia e uma afeição que nos vai permitir ajudá-lo, numa autêntica união efetiva. É nesta relação entre um eu e um outro que surge um vínculo de amor, que é testemunhado pelo Espírito Santo, pois o amor é o Seu fruto (cf. Gl 5, 22).

Ao viver em grupo, o eu deixa de ser independente para ficar dependente do outro. Ficar dependente é desejar peregrinar com, atendendo a que o outro passa a fazer parte de um caminho que deixa de ser meu ou dele para passar a ser nosso. E é nesta consciencialização de não se estar só que surge a mansidão, pois esta nos ensina, com humildade, a ganharmos (e não a vencermos!) o outro, como reconhecimento da importância que o outro tem para mim, ou seja,

uma autêntica declaração que diz que “tu vales muito para mim, por isso é que conto contigo”. Porém, esta mansidão só surge quando o eu se vence a si mesmo e ganha uma certa autonomia.

A vida de um grupo supõe esta conquista interior. Aquele que se auto avalia é aquele que se revê num conjunto de capacidades que lhe permitem cuidar e gerir as relações humanas nos meios em que está envolvido. Assim, este entrelaçar vai permitir criar uma relação profícua, que estará espelhada no grupo, pois o grupo é aquilo que cada um de nós é. Exemplo disso são os líderes dos grupos que vão moldando o grupo consoante o seu ponto de vista. E como é bela esta diversidade proveniente da autonomia dos líderes! Neste sentido, cabe aos líderes o desafio de promoverem esta pastoral carismática, de modo que a Comunidade renove as pessoas que compõem as suas estruturas e, assim, estas possam despertar em outras pessoas o interesse no desenvolvimento do reconhecimento dos dons que têm. Este despertar só será possível se for acompanhado pela formação e pela oração, para que os outros possam despertar, em cada um de nós, o algo que o Espírito Santo nos deixou como semente e que agora deveremos fazer germinar para dar frutos, a começar a ser amor.

A Comunidade terá, ela própria, de ser promotora e envolver-se, constantemente, no encontro com Jesus e entre todos os seus membros. Só quando acontecer o encontro é que será possível tocar, em cada um de nós, a vontade de parar para se demorar e, deste demorar-se, permitir-se saborear aquilo que lhe é ofertado. Quantos de nós já se demoraram e saborearam o percurso que fazem todos os dias? Porventura contemplaram aquilo que Deus permite contemplar nesse caminho quotidiano? Sentiram a Sua presença?

Contudo, o desapego da ociosidade e do comodismo conduzirá ao fruto, mesmo que seja forçado. É esse fruto, proveniente do Espírito, que deve ser servido em todos os momentos na e pela Comunidade, por aqueles que são discípulos, pois «por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos» (Jo 13, 35).

### **3. Chegar, viver e servir**

Eis que chegamos ao ponto em que se tem de pensar naquilo que são as linhas orientadoras para o exercício do ministério que é confiado àquele que aceita, como sinal de obediência, a nomeação que lhe é incumbida pela instância superior, isto é, o Bispo Diocesano, sucessor dos Apóstolos. Não nos podemos esquecer que o Bispo é aquele que tem a responsabilidade pelas Comunidades Paroquiais e, tendo consciência de que é incapaz de as acompanhar, designa Sacerdotes e Leigos para acompanharem e liderarem Comunidades, Grupos, Associações e/ou Secretariados. Daqui pode-se compreender a importância que cada

Comunidade, Grupo, Associação e/ou Secretariado tem em toda a orgânica diocesana em que se insere, verdadeiras células vivas de onde brota a vivência diocesana.

No caso concreto das Comunidades, aquele que chega terá de fazer um balanço pessoal daquilo que foi obtendo ao longo dos tempos com as teorias assimiladas, bem como com as experiências que for adquirindo, permitindo que ele se enriquecesse e, conseqüentemente, amadurecesse. É com este momento de mudança que aquele que é destinado a partir para uma nova missão no seio da Igreja a que pertence deverá realizar um balanço dos aspetos positivos e menos positivos daquilo que foi a sua vivência do passado e definir uma linha orientadora que guiará o seu exercício pastoral na nova missão que iniciará, antes do início deste novo ciclo.

Antes de chegar à sua nova missão, o Padre terá de recolher o maior número estatístico possível, bem como conhecer a cultura em que se vai inserir. Presume-se que não seja algo de novo isto que acabamos de enunciar, pois cada um de nós, quando, por exemplo, decide fazer uma viagem, também tenta conhecer o máximo de coisas possíveis do local que pretende visitar e definir uma linha dos principais objetivos que pretende visitar ou pontos de encontro culturais de relevo que gostaria de frequentar. No fundo, é esta curiosidade humana que está intrinsecamente vincada em cada pessoa e que, mesmo que se faça um esforço, se torna difícil de desapegar de cada um de nós e que nós pretendemos realçar neste ponto.

Aquele que se autopropuser a definir uma linha orientadora para o seu trabalho pastoral terá de saber viver com aqueles que o recebem para que nessa mesma linha, num ambiente familiar proveniente da vivência comum que está a viver, possa sofrer com naturalidade as mudanças necessárias que o tempo, o espaço e o meio assim o obriguem. O segredo da liderança está enraizado neste aspeto da relação recíproca que é oportuno ser criada e vincada no seio das Comunidades para que seja possível uma aplicação de dois pontos importantes, que, no nosso presente histórico, são essenciais: o realce da iniciação cristã e a revelação proveniente da maturidade cristã. Só aquele que se predispõe a caminhar em conjunto sob a forma de liderança poderá alcançar outras metas de renovação que o ser autoritário, muito dificilmente, conseguirá colher desses mesmos frutos.

### ***3.1. Relações de confiança - Fraternidade***

Após o início do ministério, é importante que não se procure aplicar uma mudança drástica no seio daqueles que o estão a acolher. Nunca se poderá olvidar que o hóspede é e será sempre aquele que chega e que terá de se envolver, reciprocamente, com os outros que o acolhem para que, deste modo, possa existir confiança e, assim, permitir que o hóspede passe a ser conhecido e acolhido pela Comunidade que o recebe. Este é um período indefinido, que terá

a sua vivência própria, pois cada situação é única e irrepetível, atendendo a que existe uma identidade religiosa, social e cultural enraizada naqueles que se dispõem a receber, que é necessário ser compreendida e aceita por aquele que chega.

A realidade histórica que acontece em muitas das Comunidades Paroquiais que recebem novos líderes possui um fio comum, que é o facto de o líder incumbido de tal missão de liderança ser um chefe em vez de líder, ou seja, decretar como norma as coisas como ele pretende que sejam, em vez de se enraizar no seio da vivência paroquial e educar os membros dessa mesma Comunidade para uma correta aprendizagem e formação sobre o porquê de alguns factos acontecerem de tal forma, erroneamente. Ainda se encontram, na nossa realidade atual, Padres autoritários, que exercem o seu ministério sob o padrão tridentino, onde o trabalho e a administração paroquial se resumem numa única pessoa: nele. Quantos grupos e movimentos não são criados nas Paróquias onde os elementos são como que uma “fachada”, sob o intuito de “não terá trabalho nenhum com este pedido que lhe estou a fazer”, para que o Pároco possa gerir e administrar consoante o seu belo prazer? Não estarão estes Sacerdotes equivocados com a sua vocação? Corresponderão os seus atos com as palavras que profere, por exemplo, nas homilias?

Sentir-se membro de uma Comunidade é reconhecer-se pobre e humilde, testemunhando a verdade e o Evangelho no seu dia a dia. Aquele que chega não pode desejar, imediatamente, alterar a mudança do rumo da viagem que a Comunidade está a fazer. O Padre que quer fazer parte – e não quer ser a parte – será como que uma luz que orienta as pessoas ao longo da viagem, alertando-as para os possíveis embates ou dificuldades que resultam de momentos obscuros de fraqueza relacional. No entanto, para que o Sacerdote possa ser essa luz, a relação entre ele e os fiéis, bem como o contrário (fiéis- Padre) terá de ser como Jesus aponta nos Evangelhos: a de um Pastor. O Pastor é aquele que conduz o rebanho sob a batuta da sua sabedoria e que lhe permitirá saber qual o caminho a trilhar em conjunto. Mas também é aquele que se encontra como o sol, desperto e atento a tudo aquilo que o circunda e rodeia o seu rebanho, tal qual o vigilante que se encontra sempre pronto a intervir. Por fim, a terceira característica do Pastor é a proteção daqueles que lhe estão confiados, afastando-os e afastando o perigo, isto é, o mau espírito.<sup>330</sup>

Esta relação entre o Pastor e os fiéis (e vice-versa) terá de ser, indiscutivelmente, próxima, honesta, de confiança e fraternal. Se pudéssemos utilizar uma imagem para definirmos esta relação poderíamos apresentar a imagem dos irmãos. Sim, uma Comunidade já é, por si só, uma irmandade, atendendo a que, pelo Batismo, todos somos Filhos de Deus e, por sua vez,

---

<sup>330</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, «Pastor», em *Dicionário dos Símbolos* (Alfragide: Editorial Teorema, 2019), 506–7.

irmãos uns dos outros em Cristo. O que falta, nos nossos dias, é este sabor de irmandade, que se foi perdendo e desvinculando ao longo dos tempos. Nos tempos hodiernos torna-se ofensivo questionarmos sobre o estado anímico das pessoas. Somos, assim, tão privados que não poderemos partilhar algo nosso com os outros? Não pertencemos à mesma Humanidade, fruto da criação que o oleiro fez com o barro que cada um de nós é? Só é na sociedade que estão identificados grupos que exprimem relações de proximidade, honestidade, confiança e fraternidade relativamente aos nossos dilemas, ou será que na Igreja não estão, quiçá, primeiramente mais definidos?

Custa entender como é que a fraternidade, enquanto princípio que advém das relações humanas, esteja ameaçada no seio das Comunidades. Aqueles que se predispõem (ainda) a participar comunitariamente apresentam-se como pessoas prontas para “consumir” serviços e que se encontram indisponíveis para ajudar a Comunidade a se desenvolver. E aqueles que são meros consumistas de serviços e que aceitam encargos paroquiais, muitas das vezes fazem-no para que possam ter algum prestígio ou destaque, promovendo a discórdia e as rivalidades no seio da Comunidade. É neste aspeto que se falha, na medida em que se pensa dar uma certa autonomia a estas pessoas, com a expectativa de que elas possam ficar na Comunidade. O problema é quando se acorda do sonho e o Sacerdote encontra a Comunidade ainda mais fragmentada, desunida e ferida. Com este momento de sonolência, o Sacerdote perde uma parte da viagem que fora significativa para o descalabro paroquial. E a maioria de nós sabe o quão difícil e custoso é reconstruir uma casa.

A fraternidade é essencial para que a Comunidade possa caminhar unida e sem a necessidade de apontar erros por definição ou imposição de alguém. É pela fraternidade que se aprende a viver em sinodalidade e a partilhar opiniões, experiências e escolhas para o bem da Comunidade, que, no fundo, é o bem de todos. Quando se caminha para o mesmo fim, em Comunidade, estão todos a esforçar-se para que o sucesso de tal caminho aconteça, a tal irmandade que se deseja constituir.

### ***3.2. Formar líderes - Liderança***

Existe um senão: a fraternidade com a presença do Pároco, enquanto Pastor de uma Comunidade, não é possível, atendendo a que a grande maioria das Comunidades paroquiais não têm Pároco próprio, isto é, na nossa realidade portuguesa, o clero escasseia e não permite que haja um Sacerdote para cada Comunidade. Ora, com esta necessidade, é imperioso repensar-se uma organização das Paróquias em função de um Sacerdote. Como é que essa

organização acontecerá? Que aspetos terão de ser tidos em conta nesta organização? Qual é o critério para se congregarem Paróquias?

Acima de tudo, a organização territorial da Diocese, nomeadamente os Arciprestados e/ou Vigararias e suas respectivas zonas, têm de ser pensadas em prol e em função de um número reduzido de Sacerdotes, que, em muitos dos quais, paira ainda o clericalismo como linha mestra da sua pastoral. E, como se pode depreender, existem consequências irreparáveis que ficam marcadas, manchadas e eternizadas como o afastamento de fiéis, a falta de proximidade, a doença física e psíquica do Sacerdote – entre outros que poderiam ser aqui enunciados – que advêm da pastoral imperfeita exercida pelo Padre. Acreditamos que tais situações acontecem por não existir um centro definido, por se pensar que se continua a pertencer a uma «sociedade hierarquizada, piramidal, onde uma “elite” de uns poucos orienta a Fé e, muitas vezes, a vida, sobretudo no campo moral e íntimo de uma grande maioria».<sup>331</sup> É momento de se colocar um travão neste tipo de pensamentos (e de ações pastorais) e redefinir uma renovação da estrutura da Comunidade em prol e benefício de todos aqueles que compõem a mesma.

Esta perspetiva terá de partir de um outro pensamento: o da atenção. Aquele que se predispõe a estar disponível, incorporado e se dispõe a cooperar na Comunidade tem de viver em permanente escuta, que será transformada numa atenção redobrada para descobrir possíveis líderes. Esta tarefa não se perspetiva ser fácil, atendendo a que, quando o Padre chega, a orgânica paroquial, enquanto estrutura, está montada, pois entra no decorrer da viagem. No entanto, e como já apontamos anteriormente, se o Sacerdote se propuser a ser curioso e a procurar saber um pouco mais sobre a Comunidade que vai orientar, apresentar-lhe-ão referências para que ele possa desempenhar o seu ministério. Contudo, muitas dessas referências são um “tiro no escuro”, pois somos seres diferentes uns dos outros, com maneiras de pensar e agir que não são iguais. E ainda bem que assim é, porque só assim é que se pode pensar em mudança e, conseqüentemente, em renovação.

É pela atenção que se pode deter o conhecimento e se pode construir o início dos alicerces, isto é, criar a estrutura da Comunidade para que esta possa ter uma resposta adequada àquilo que pode surgir. Com o surgimento e a escolha dos líderes, o Padre consegue obter uma bolsa de líderes que, quanto maior for a diversidade, mais abrangência de pessoas conseguirá obter para a sua Comunidade. No fundo, propõe-se a constituição de uma bolsa de líderes, variável de acordo com a dimensão paroquial em questão, onde cada qual possa ajudar o Sacerdote a aproximar Jesus e a Sua mensagem às pessoas do território (e não só) onde a Comunidade está a exercer a sua missão.

---

<sup>331</sup> Rita Carvalho, «As estruturas pastorais conduzem-nos a Cristo!?», *Ponto SJ* (blog), acedido 29 de junho de 2022, <https://pontosj.pt/opiniao/as-estruturas-pastorais-conduzem-nos-a-cristo/>.

A bolsa de líderes não está nem nunca poderá estar encerrada, ou até mesmo circunscrita a um número definido de pessoas que, por diversas razões, apenas elas podem chegar à formação e à ação de líder na Comunidade. Não podem existir limites, mas têm de existir. Entenda-se: numa Comunidade como o é, por exemplo, um seminário, que é constituído por 100 pessoas, essas mesmas 100 pessoas podem ser líderes, mas não desejamos que todos o sejam porque assim não há lideranças. A liderança, neste caso, está limitada temporalmente e por outros valores que podem reger essa liderança, sendo que há uma escolha natural feita pelos responsáveis que recorrem a essa mesma bolsa de líderes, onde está, naturalmente, toda a Comunidade do seminário. Assim também deve ser nas Comunidades: a partir da bolsa de líderes, escolher, por um período temporal (e, possivelmente, renovável por mandatos pré-estabelecidos), líderes para determinadas funções no seio da mesma.

Essa bolsa de líderes terá de estar alicerçada em três pontos que consideramos serem proeminentes: diaconal, religiosa/o e laical. Este tríptico são três aspetos que a Comunidade pode desenvolver no seu seio de liderança. Os Diáconos (Permanentes) serão importantes nas Comunidades, visto que são ministros ordenados e, aquando da sua Ordenação, prometem obediência ao Bispo Diocesano. No fundo, estamos a capacitar a Diocese com pessoas que se disponibilizam para serem servidores da Igreja, a partir da Comunidade em que se inserem e que os viu crescer na fé e no testemunho. Em certa medida, o futuro das Igrejas Diocesanas vai passar por esta vertente. O facto de estes poderem receber o Sacramento do Matrimónio e poderem constituir família pesa muito nas consciências de muitos fiéis que defendem o fim do celibato. Não é nossa intenção enveredar por estes caminhos, mas são aspetos que surgem cada vez mais nos nossos tempos e que representam um peso considerável na vida quotidiana. Por outro lado, o Diaconado Permanente é um ministério que a Igreja possui e que as Igrejas Diocesanas, ao estarem em comunhão com a Igreja de Roma, devem promover nas mesmas.

Quanto à vida religiosa, a Comunidade Paroquial pode ser um vínculo importante para o florescimento de vocações para este ramo da Igreja. Ser religiosa/o ou até mesmo Sacerdote é uma busca diária pela resposta ao chamamento que nos é feito desde o dia do nosso Batismo. Todo aquele que se diz cristão é convidado a dar respostas a este chamamento, quotidianamente, sem defraudar aquilo que pensa e sente e sem procurar satisfazer desejos alheios nem, muito menos, procurar métodos para alcançar prestígios ou aclamações por “crescer” na hierarquia da Igreja. Não deve ser este o modo de pensar, mas sim a realidade sempre presente de que somos pessoas que nos encontramos no mesmo barco a remar para o mesmo fim. E a melhor forma de nos congregarmos para esse mesmo fim é o de, em Comunidade, partilharmos a oração quer individual, quer comunitária. Há esta comunhão de saberes que advêm da oração, que é importante conhecer e transmitir. Muitas das nossas raízes estão na oração e são passadas de

geração em geração; muita da nossa heráldica advém da oração; muita da nossa tradição está enraizada na oração. No entanto, continuamos a paganizar todos os nossos atos comunitários, pensando que é essa a nossa raiz. E, depois, o que é que passamos às gerações vindouras? O que é que lhes apresentamos como suas raízes? Onde reside a fé no meio deste paganismo?

Viver em Comunidade é o reconhecimento de que todos somos irmãos uns dos outros e que todos comungamos do mesmo Deus. A Igreja atribui o nome de leigos a cada um de nós, pois cada um é chamado a desenvolver os dons que possui em prol da Comunidade. O leigo deve ser o primeiro e o mais importante nesta estrutura. Ele é quem proporciona o crescimento e o fortalecimento da bolsa de líderes; ele é aquele que se deve predispor a promover a mudança, pois ele é quem habita no tempo e no espaço a Comunidade que recebe o Padre; ele é que deve ser o vínculo entre o antes e o agora, projetando o futuro como continuidade da vivência comunitária. E, felizmente, muitos são os leigos que nas nossas Comunidades se disponibilizam a corresponder às necessidades paroquiais, sejam elas como sacristão, zelador, acólito, leitor, cantor, catequista, etc. Porém, os Padres, muitas vezes, esquecem-se de agradecer e reconhecer este trabalho que é, aparentemente, oculto, mas que proporciona e envolve a Comunidade numa dinâmica única e irrepetível.

A bolsa de líderes não tem de funcionar, necessariamente, num esquema piramidal, mas deve reconhecer o Sacerdote como alguém que se encontra disponível para os ajudar, isto é, como um irmão mais maduro na fé que quer ajudar os outros a crescerem na fé. Entendemos que os líderes podem ser como o conselho de anciãos presente na Igreja primitiva de Jerusalém (cf. At 15, 2), onde estes eram responsáveis pela serenidade da mesma. Nos nossos tempos também existem estruturas que podem corresponder a este padrão que existia na Igreja primitiva. Essas estruturas são o Conselho Pastoral Paroquial e o Conselho Económico Paroquial. Ambas as estruturas são duas ferramentas indispensáveis para a vida da Comunidade Paroquial, atendendo a que uma é aquela que orienta e define um plano para o ano pastoral sob a perspetiva e conselho dos movimentos e associações presentes na vida da Paróquia e na vida Diocesana, enquanto a outra administra os bens materiais e financeiros da Comunidade. No entanto, e atendendo a que os Padres não possuem apenas uma Comunidade, mas sim um conjunto delas, que se pode denominar como Unidade Pastoral, este poderá escolher, de entre a bolsa de líderes, um delegado geral que vise a avaliação da organização pastoral da Paróquia, a forma como se colabora e o desenvolvimento da missão da Paróquia.<sup>332</sup> Ou seja, pretende-se, com este delegado geral, que seja alguém que desempenhe um papel crítico – no âmbito construtivo – e que seja capaz de rasgar caminhos para o futuro da Comunidade Paroquial com

---

<sup>332</sup> Cf. «Em Nantes, uma leiga foi nomeada “delegada geral” para ajudar a governar a diocese», Arquidiocese de Braga, acedido 30 de junho de 2022, <https://www.diocese-braga.pt/revistaimpressainternacional/noticia/33635/>.

a ajuda dos outros líderes que fazem parte da bolsa de líderes, mas sem que o primeiro exerça uma supremacia perante os segundos. Todos fazem parte da mesma vivência, mas com funções e responsabilidades diferentes na Paróquia.

### ***3.3. Os tempos da fé – Iniciação cristã***

Não basta que a Comunidade tenha líderes se esta não investir nas pessoas. Este investimento teórico-prático tem de ser um investimento contínuo que tornará a Comunidade capacitada para a sua verdadeira vivência. De nada vale existir um investimento sectário e momentâneo, pois não terá o retorno desejado. A formação tem de ser sólida e duradoira, onde não se proporcione o mero “descarregar” de conteúdos, mas que exista o interesse motivado pela curiosidade em querer saber sobre o porquê das coisas. Este terá de ser, inevitavelmente, o ponto de partida que aquele que chega a uma Comunidade deverá oferecer, quer seja (inter)paroquial ou de uma determinada zona com outros Sacerdotes. Recorde-se que já não existem Paróquias isoladas, porque umas dependem de outras Comunidades, bem como os Sacerdotes. A vivência, o crescimento, o sentido Diocesano e de Igreja crescerão com a partilha de todos, promovendo-se um caminho em conjunto.

Um dos focos de ação da Comunidade, no que diz respeito à formação, tem de ser a catequese. Esta reveste-se de um papel determinante para o futuro da Igreja, assim como é neste período de aproximadamente 10 anos que as crianças e adolescentes celebram, comumente, dois dos Sacramentos de Iniciação Cristã: o Sacramento da Eucaristia e o Sacramento da Confirmação – assumindo que o Sacramento do Batismo aconteceu no período antes do início da catequese. A catequese da infância e da adolescência deve seguir uma linha onde os seus conteúdos sejam claros, concretos, concisos e completos. Por vezes, os modelos atuais não vão ao encontro destes quatro C’s e surgem dificuldades em se corresponder àquilo que é pedido por parte do catequista e do grupo. Estas dificuldades podem ser uma das razões pelas quais assistimos, na nossa realidade, à ausência dos catequizandos nas Eucaristias e ao abandono destes após o Sacramento da Confirmação. Porventura, alguém se dignou explicar, como sugere James Mallon na sua obra *Renovação Divina*, as partes da Eucaristia ou da importância, para a Comunidade a que pertencem, do facto de receberem o Sacramento da Confirmação? Não estarão os Sacerdotes a autocriticarem-se? E a própria Comunidade: o que é que faz para inverter tais situações?

Concordar-se-á que aquilo que se aprende nestes 10 anos torna-se, por um lado, escasso e, por outro lado, cai no esquecimento. Daí ser relevante a formação de adultos, num investimento que tem de ser contínuo e que a Comunidade tem de fazer de si e para si. A

formação de adultos, para além de ser inadiável, apresenta-se como importante elo de ligação para o progresso da Comunidade, pois, deste modo, está-se a qualificar a Paróquia ao estilo de Jesus. São estas formações (e não só) que vão permitir que a Comunidade cresça e, através das ferramentas de iniciação, proporcionar às pessoas um crescimento espiritual.

Esta formação de adultos deve procurar proporcionar uma consciencialização da ideia de discipulado, que deve partir de uma dimensão teórica para uma dimensão prática, isto é, da palavra para a ação. A formação de discípulos torna-se a ponte para se construir, no futuro, uma Comunidade sólida e solícita, de maneira a que ela se renove por si só e crie condições para gerar novos discípulos. Os adultos são aqueles que, apesar de não reconhecerem e de serem o grupo mais representado nas Assembleias Eucarísticas, mais atenção e formação precisam. Eles é que podem ser o fio condutor necessário para a renovação paroquial inadiável, pois é por eles que se constrói e se vai passando o conhecimento.

Conscientes desta necessidade, propõe-se que a formação de adultos seja uma aposta que deve ter o seu início na família. É necessário exercer uma correta e próxima pastoral familiar, que conduza a uma eficaz formação dos pais, para que estes possam transmitir às suas gerações o cariz formativo para uma sólida vivência comunitária. Esta perspetiva não é nova, pois, se tomarmos, por exemplo, aquilo que os nossos avós viviam em família quando eram mais novos, encontramos padrões muito comuns e aproximados entre eles: a oração do terço antes do descanso ou a oração antes da refeição. Não se trata de impor novos rumos, mas de procurar modos de se formar as famílias para a (re)descoberta da oração e da palavra de Deus vivida em família. E estamos certos de que esses métodos só funcionarão à mesa, tal como o fiel se reúne à mesa, em cada Eucaristia, para fazer memória da Última Ceia de Jesus.

Repetimos: a família é um dos pontos de partida possíveis. Porém, não é o único. Há toda uma orgânica que tem de se construir, muito pelo facto de as famílias serem desequilibradas em questões de horários, finanças ou do ponto de vista cultural. Este ritmo, que, antigamente, era marcado pela Religião, passou a ser orientado pela sociedade, na medida em que a questão social ganhou mais relevo para as ânsias do dia a dia. No entanto, é por este ritmo desequilibrado que se terá de rasgar caminhos para a renovação espiritual das Paróquias; é por estraçalhar que nos poderemos aproximar, escutar e dar a devida atenção, proporcionando um acolhimento caloroso. Só assim é que se pode aceitar fazer caminho, que tem de partir da iniciativa individual, mas que terá de ser respeitada temporalmente, ou seja, cada um, ao seu ritmo, é que construirá o seu próprio caminho para o verdadeiro encontro com Jesus.

Ser discípulo e poder ser líder ainda se torna escasso nesta promoção dos tempos da fé que cada um está convidado a construir. É preciso partir para o patamar seguinte, cumprir a missão que Jesus nos deixou, e ir na alegria da aventura que o dia a dia proporcionará. É o

momento de se fazer discípulos e de criar a renovação da Comunidade. O testemunho, nesta etapa, valerá bastante e será decisivo para cativar aqueles que ainda não descobriram Jesus. Todavia, aquele que é convidado tem de se sentir cativado para abraçar o desafio de querer e desejar ser mais na Comunidade. Mais uma vez encontramos a importância que ocupa o tempo, pois não serão as fórmulas ou os métodos que ditarão este renascimento.

O tempo será sempre o fator que norteará a Comunidade. Aliás, atribuem-se tempos cíclicos para que se obtenham resultados, sendo que, porém, nos esquecemos que, muitas das vezes, não somos nós que colheremos os frutos das sementes que semeamos. A nós cabe o cuidado da terra e procurar que durante a germinação não aconteça nenhuma anomalia. Tal como as plantas, os seres humanos são seres frágeis que requerem atenção e cuidado para produzirem o seu fruto. Não se pode desistir das pessoas como se desiste de um jogo. É este caminho paciente que tem de ser construído e cimentado, de modo a que todos cheguemos a ser discípulos, cresçamos na fé para podermos gerar novos discípulos. A nossa maneira de ser relacional depende de um outro que será um eterno outro predisposto a crescer connosco, desde que estejamos dispostos a fazer caminho em conjunto.

#### ***3.4. Maturidade espiritual – Revelação***

Digno de realce é o facto de que para se caminhar em conjunto tem de se ter um caminho individual já percorrido, ou seja, o caminho em conjunto só resulta na medida em que sou relação para com o outro. E é nesta relação recíproca que podem acontecer dois níveis de ação para o sujeito: ser ajudado e ajudar. No primeiro – ser ajudado – o sujeito abre-se à liberdade de poder crescer com o outro. Assim é nas escolas, na catequese e em todas as nossas fases da vida. Não se nasce ensinado e o amadurecimento de determinados assuntos e matérias só nos ajuda a progredir e a gerar o bem nos outros. Esta é a relação que acontece sempre em primeiro lugar, enquanto a nossa disponibilidade para ajudarmos o outro acontece num segundo momento. Ajudar requer que se tenha (re)conhecimento daquilo que nos propomos fortalecer no outro.

Na Comunidade, quando se chega ao nível de ajudar o outro, pode-se assegurar que a pessoa se encontra madura na sua fé. Sim, na Comunidade não basta termos conhecimento de noções ou normas, mas é importante que a Fé e o mandamento do Amor acompanhem todo este processo. Que nos vale ajudarmos o outro se essa nossa ajuda é motivada por sentimentos de ódio, rancor ou, até mesmo, de inveja para o outro? De que nos valeria, enquanto cristãos, este nosso testemunho?

Construir um itinerário de fé onde se conquiste e se fortifique esta maturidade espiritual pretendida não se apresenta como tarefa fácil e capaz de acontecer a curto prazo. Tudo tem o seu tempo (cf. Ecl 3, 1-8) e, apesar de a nossa vida ser breve nesta dimensão mundana, ter-se-á de recorrer ao tempo necessário para podermos ser luz para os outros, isto é, ajudarmos os outros. Cada um de nós, através do fruto proveniente do Espírito Santo recebido aquando do nosso Batismo, deverá ser cântaro para os outros beberem da nossa espiritualidade cristã. Que proveito teremos se não replicarmos a alegria que brota de um ser invisível que se torna, pela Fé, em nós visível e nos alenta?

Tentando ser ainda mais profundo, esta alegria só acontece na medida em que me deixo penetrar por algo que a mim chega e, por sua vez, penetro nos outros esse algo que chega até mim. Veja-se, por exemplo, quando nasce uma criança: a alegria do nascimento é tal que os pais não conseguem guardar esta mesma alegria e procuram difundi-la o mais rápido possível pelos seus familiares e amigos mais próximos. E quando recebemos a alegria de encontrarmos Jesus na nossa vida: por que é que não somos portadores desta alegria para os outros?; Por que é que teimamos a ser egoístas e invejosos? Ou será que apenas estamos a dizer com palavras algo que o nosso coração não sente?

Na Comunidade, ser para os outros dá trabalho e, talvez, seja motivo de chacota e de crítica. Não é fácil pensar-se numa Comunidade sem serviços e ministérios, mas o facto de se não criar uma barreira protetora de otimismo e confiança contra este tipo de situações pode conduzir às denominadas desistências e posteriores afastamentos. Eis que o momento da renovação também começa aqui, com o reconhecimento de que todos são importantes e que todos contam para o renovamento Paroquial, a começar por aqueles que, de alguma forma, já desempenham um papel na orgânica Paroquial. Eis o momento de se dar a devida e respetiva importância a todos os serviços e ministérios paroquiais. Investir na formação e no crescimento espiritual destas pessoas torna-se uma urgência para os dias de hoje. Há que valorizar todos, sem exceção.

Esta valorização parte da Palavra. Experimentemos retirar da nossa vida a Palavra e vejamos o que fica. Não receamos apresentar a resposta: nada. Sim, nada fica porque só aprendemos o Amor a partir da Palavra, pois a nossa natureza não sabe o que é o Amor. Um líder que seja enamorado pela Palavra, um servo que se predispõe a correr riscos e a quebrar barreiras e que luta pelo bem da Comunidade a partir da vivência quotidiana da Palavra é uma pessoa que possui maturidade espiritual, que lhe advém do Amor. É esse Amor que lhe permite ser *Escravo* da Palavra, na medida em que é gerador da Comunidade pelo bem da mesma, pois ajuda o outro a ir ao encontro dessa mesma Palavra que testemunha e que é presença de Jesus no nosso mundo hodierno. São estes romances que se revestem de poesia e que os torna

autênticos documentos de Amor recíproco entre Deus e a Sua humanidade que é livre, isto é, cada um de nós.

É esta liberdade que nos permite ser autênticos. Como dizia o Beato Carlo Acutis: «Todos nascemos originais, mas muitos morrem fotocópias».<sup>333</sup> Quando Acutis se refere a morrer como fotocópias acreditamos que não quer dizer, de certo modo, que copiarmos aquilo que os outros fazem, mas sim que não deixamos frutificar os dons que temos. Dons esses que, como já referimos, permitem que sejamos únicos e autênticos. É esta autenticidade, que brota da criatividade que advém do Espírito, que torna cada pessoa da Comunidade elemento irrepetível. Com a capacidade de se ser original, alicerçada na capacidade que advém da disponibilidade, cada membro da Comunidade é capaz de renovar a Paróquia com a sua promoção para o bem de todos e com a ajuda de todos. Quando se cria uma verdadeira sinodalidade que conta com a colaboração de todos, a Comunidade produz os seus frutos naturalmente, sem a presença dos sentimentos de cansaço ou de desilusão, comuns em muitas pessoas das Paróquias. Assim como a Comunidade se renova sem a necessária presença e persistência do Padre, tão comum da vivência tridentina de que somos herdeiros. Deste modo, urge a necessidade de se implementar a mudança, também, nesta diversidade, pois de nada resulta aplicar-se uma resolução em vários casos sem se descobrir esta autenticidade que brota da vivência de cada Comunidade que ali se reúne e cresce.

Conscientes dos possíveis frutos que se poderão colher na Comunidade, esta chegará a um ponto em que não vai conseguir produzir mais frutos para além daqueles que já produz. Este é um belíssimo indicador, pois a Paróquia atingiu o seu apogeu e necessita de passar da renovação à manutenção. A diferença da primeira manutenção de que falamos para esta é que a primeira se encontra frágil, sem estrutura e desorientada, atendendo a que não congrega a Comunidade. Já esta que referimos agora é uma manutenção saudável que gera frutos naturalmente, pois o que é bom já se gera automaticamente.

No entanto, é importante que aconteçam dois ritmos nesta etapa: o da inovação e o do compromisso. Por um lado, a inovação terá de surgir sempre, independentemente da fase em que nos encontramos (manutenção ou renovação). Com a inovação pretende-se que existam, com a ajuda do Espírito Santo, caminhos novos para o mesmo fim. O mesmo é dizer que, por exemplo, para se desbloquear uma renovação paroquial, se utilizem outras ferramentas sem ser as que apresentamos aqui (*Alpha e Grupos de Jesus*). Por outro lado, aqueles que se encontram na manutenção da Paróquia terão de se comprometer com a mesma, de modo a que aconteça

---

<sup>333</sup> «Carlo Acutis: Todos nascemos originais, mas muitos morrem fotocópias - A12.com», acedido 18 de julho de 2022, <https://www.a12.com/jovensdemaria/artigos/crescendo-na-fe/carlo-acutis-todos-nascemos-originais-mas-muitos-morrem-fotocopias>.

esta natural mutação. Com isto, não se deixa de ser a mesma Comunidade, mas com a ligeira diferença de que os seus membros estão comprometidos e são criativos no convite aos outros para escutarem, através do encontro com Jesus, aquilo que ele lhes tem para dizer, assim como o modo de viver comunitariamente, a partir da perspectiva pessoal, permite haver frutos.

### ***3.5. Ser presença***

Nestas linhas conclusivas, pretende-se realçar alguns aspetos finais que consideramos relevantes para a vivência Paroquial. A manutenção que apresentamos como ponto de partida não tem de ser vista como redutora ou meramente uma forma reduzida de vermos o estado em que a Paróquia se encontra. A manutenção é importante, neste processo, porque ela se apresenta como agregadora e recentradora. E a partir deste processo, poder-se-á promover a verdadeira renovação que acontece na e pela Eucaristia, como fonte de comunhão, de esforço e trabalho humano. E é este o epicentro da resolução do início da renovação paroquial, pois é aqui onde se proclama esta novidade com bastantes séculos: a mensagem de Jesus. É esta mensagem que Ele nos pede, a cada um de nós: que sejamos criativos para podermos ser anunciadores desta verdade sempre nova.

Referiu-se, ao longo desta tese, o livro dos Atos dos Apóstolos. Esta poderia ser a Palavra por onde as Comunidades Paroquiais deveriam começar a ser testemunhas, pois é neste livro que encontramos diferentes Comunidades que vivem de acordo com o dia a dia, com as tensões e problemas que surgem, mas que se reúnem para os superar. Isto demonstra que não há Comunidades únicas, mas que há Comunidades que se congregam para serem únicas. Eis o grande ensinamento que Lucas, o pseudoautor do livro dos Atos dos Apóstolos, nos quis deixar. Lucas não apresenta quantidade de Comunidades, mas apresenta a qualidade das Comunidades representadas em algumas Comunidades primitivas, pois as coisas de Deus não são quantificadas...

Um terceiro aspeto conclusivo que desejamos apresentar é o de a verdade e o bom humor acompanharem a vivência do Sacerdote. Infelizmente, muitas vezes o Padre não demonstra a alegria de ser portador da mensagem de Jesus, como aquele que se encontrou com Ele, carregando, em seu rosto, um rosto de Sexta-Feira Santa. Eis aquilo que leva a questionar o fiel leitor se os Padres estão dispostos a ser parte integrante neste processo de renovação, acompanhando e correspondendo às necessidades daqueles que lhes estão confiados no seu ministério ordenado. Que esta alegria que reclamamos seja uma alegria que brota da Palavra, pois os Padres foram confiados à Palavra e não foi a Palavra que foi confiada aos Padres ou a qualquer um dos Batizados. Assim, interroguemo-nos: onde é que eu entro neste processo de

renovação? O que é que eu fiz para que este processo de renovação acontecesse: na minha vida e na Comunidade a que pertenço?

Em suma, não é tarefa fácil este reconhecimento de crescimento necessário para se renovarem as Comunidades, pois o primeiro passo parte de cada um de nós. A renovação tem de ser individual para, deste modo, poder germinar a nível comunitário. Que esta vivência comunitária gere frutos nas nossas Paróquias e, por sua vez, nas nossas Dioceses portuguesas.

## CONCLUSÃO

A Humanidade, nos nossos dias, vive sedenta de numa constante procura de algo que lhe traga felicidade. No entanto, essa procura acaba por ser, numa grande maioria das vezes, momentânea. Não sendo uma alegria contínua, não traz seguranças nem certezas para a jornada. A razão pode estar vincada na incapacidade de cada um de nós de não se assumir como um ser frágil que, por mais que procure a perfeição, reconhecerá que ela não é totalmente alcançável. Daí ser importante fazer uma escolha pela bondade.

O caminho percorrido ao longo desta dissertação permitiu que o autor e o leitor, primeiramente, obtivessem uma base histórica que fundamentasse aquilo que hoje são as estruturas que existem no seio das Comunidades. Foi a partir desta perspetiva histórica que se pôde entender os modelos pastorais apresentados e, assim, se arriscou a fazer uma proposta de caminho que as Comunidades poderão adotar. Esta opção que cada Comunidade pode fazer é uma escolha pela bondade, por aquilo que é o melhor para ela, a partir da capacidade de reconhecer que os modelos apresentados não são modelos fixos e impostos para todos: cada uma das Comunidades terá de fazer um processo de discernimento e de acompanhamento para poder decidir qual o melhor molde para fazer (ainda mais) discípulos.

O objetivo de fazer crescer a Comunidade terá de ser bem vincado na pastoral a promover e esse objetivo terá de advir das decisões que se tomam enquanto cristãos diante de Jesus Cristo. Ora, se estas escolhas não forem feitas diante de Jesus, não são alimentadas ao longo do caminho de fé, através dos sacramentos, acabando por se perder o filão principal que liga a Humanidade à divindade quotidianamente. É este Jesus, que é o centro, que nos leva a ir às periferias, pois também foi assim que as Primeiras Comunidades começaram: dos Apóstolos (que viveram com Cristo e d'Ele são suas primeiras testemunhas) para os Discípulos; dos centros de culto das cidades (dos Presbíteros) para os centros de culto das periferias (através dos Diáconos), até se chegar aos ambientes rurais, maioritários hodiernamente.

A grande preocupação que quisemos apresentar nesta dissertação foi a da carência que existe de discípulos, fruto das manutenções a que se tem assistido nas Comunidades. E isso está vincado nas Comunidades que não têm Deus no seu interior porque ainda não viveram esse encontro, pois a porta ainda não está aberta nem se encontra disponível para receber Jesus e os outros no coração da Comunidade e de cada um dos seus membros. E, muitas vezes, a barreira encontra-se presente por se viver, enquanto Igreja, ainda por tradições mortas, em vez de se procurar a criatividade própria e característica de Jesus e da sua mensagem.

A manutenção continuará se cada um de nós quiser permanecer irrelevante perante esta situação. A manutenção continuará se, por exemplo, em Mc 6, 34-44 nos focarmos nos 5000 homens que foram saciados e, posteriormente, foram embora, em vez de nos focarmos naqueles

12 que estiveram em contacto pessoal com Jesus e Lhe obedeceram, continuando a segui-l'O. A manutenção continuará se não reconhecemos que a Igreja nasce da missão e vive para a missão. Quando reconhecemos, ou melhor, quando mudarmos a nossa maneira de ver as coisas, talvez aí se deixe de operar a manutenção e aconteça a verdadeira e necessária renovação paroquial.

A renovação estará enquadrada com a Comunidade quando os seus membros, com a ajuda do Sacerdote, conseguirem entender e orientar a sua vocação em prol da Comunidade onde estão inseridos. A descoberta da vocação ajudará a Comunidade a renovar-se, na medida em que cada elemento saiba descobrir, em si próprio, o serviço e/ou o ministério a que é chamado a desempenhar na Comunidade. No fundo, muitos são os jogadores, mas poucos são aqueles que têm a capacidade de jogar. O importante é saber quais são os jogadores que podem jogar, em cada uma das variadíssimas situações, para que aconteça a renovação das Comunidades. Tal como S. Paulo escreveu ao povo de Corinto, a Igreja é uma unidade que se difere em cada um dos seus membros (cf. 1 Cor 12).

## BIBLIOGRAFIA

- Barbosa, Jorge Alves. «Estipêndios», 2ª série, n. 73 (junho de 1980): 35–48.
- Bestard, Joan. *Corresponsabilidade e participação na Paróquia: o conselho pastoral paroquial*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.
- Bo, Vincenzo. *Storia della Parrocchia*. Vol. 1. 5 vols. Roma: Edizioni Dehoniane, 1992.
- . *Storia della Parrocchia*. Vol. 4. 5 vols. Roma: Edizioni Dehoniane, 1992.
- Boas, Susana Vilas. «Os Leigos, a Igreja e a Missão - Visão e missão dos leigos após o Concílio Vaticano II», 2ª série, n. 201–202 (2013): 45–56.
- Borras, Alphonse, e Gilles Routhier. *A nova Paróquia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2010.
- «Carta Pastoral | Diocese de Angra». Acedido 10 de maio de 2022. <https://www.diocesedeangra.pt/carta-pastoral/>.
- Código de Direito Canónico, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Episcopal Portuguesa. Braga: Apostolado da Oração, 1983.
- Correia, João Alberto Sousa. *A hospitalidade na construção da identidade cristã*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.
- Corti, Renato, e Enzo Bianchi. *A Paróquia*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2006.
- Cultura, Secretariado Nacional da Pastoral da. «Para Que as Igrejas Fiquem Menos Vazias». Acedido 10 de maio de 2022. [https://www.snpcultura.org/para\\_que\\_as\\_igrejas\\_fiquem\\_menos\\_vazias.html](https://www.snpcultura.org/para_que_as_igrejas_fiquem_menos_vazias.html).
- . «Planos Pastorais Há Muitos, Acertar Na Prioridade é Que Tem Sido Dificil». Acedido 17 de maio de 2022. [https://www.snpcultura.org/planos\\_pastorais\\_ha\\_muitos\\_acertar\\_na\\_prioridade\\_e\\_que\\_tem\\_sido\\_dificil.html](https://www.snpcultura.org/planos_pastorais_ha_muitos_acertar_na_prioridade_e_que_tem_sido_dificil.html).
- Duque, João Manuel. «A Vocação dos Leigos na Igreja». *Os Leigos e a Corresponsabilidade na Igreja: actas / das XVII Jornadas de Direito Canónico* 15 (2010): 39–50.
- . *O próximo e a comunidade - Breve leitura da Fratelli Tutti*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021.
- Falesiedi, Ugo. *Le Diaconie: i servizi assistenziali nella Chiesa antica*. Roma: Instituto Patristico «Augustinianum», 1995.
- Ferreira, Sebastião Pires. «Paróquia e Corresponsabilidade do Leigo». *Os Leigos e a Corresponsabilidade na Igreja: actas / das XVII Jornadas de Direito Canónico* 15 (2010): 89–126.

- Floristán, Casiano. *Para compreender: A Paróquia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995.
- Franciscus. «Adhortatio Apostolica "Evangelii Gaudium"». *AAS* 105 (2013): 1019-1137.
- Freitas, Tiago. *Colégio de Paróquias*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2018.
- Gonçalves, Rafael da Silva. «“Pequenos Grupos” como espaço de crescimento na fé», 2ª série, n. 214 (2020): 129–48.
- Halík, Tomáš. *O tempo das Igrejas vazias*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2021.
- Huntley, Ron, e James Mallon. *Desbloqueia a tua Paróquia: Fazer discípulos, formar líderes com o Alpha*. Lisboa: PAULUS Editora, 2020.
- Ioannes Paulus II. «Adhortatio Apostolica Post-Synodalis "Christifideles Laici"». *AAS* 81 (1989): 393-521.
- Ioannes XXIII. «Summi Pontificis Allocutio "Gaudet Mater Ecclesia"». *AAS* 54 (1962): 786-796.
- Lamelas, Isidro Pereira. «Una domus et ecclesia Dei in saeculo. Leitura sócio-antropológica do projecto ecclesia de S. Cipriano de Cartago». *Didaskalia*, 1ª série, XXXVI (2006): 95–99.
- Lemos, s.j., Nuno Tovar de. *O Príncipe e a Lavadeira*. 16ª. Coimbra: Edições Tenacitas, 2018.
- Lima, José da Silva. *Entre Rezas & Romarias: Piedade popular e prática pastoral*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- . *Teologia Prática Fundamental: fazei vós também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2020.
- Lowney, Chris. *Todos somos líderes*. Maliaño: Sal Terrae, 2018.
- Maciel. *Sermão Senhor dos Passos 2017*, 2017.  
<https://www.youtube.com/watch?v=ubjVfm-Kktc>.
- Madrigal, Santiago. *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II*. Maliaño: Sal Terrae, 2017.
- Maertens, Jean-Thierry. *Los grupos pequeños y el futuro de la Iglesia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1973.
- Mallon, James. *Renovação Divina*. 2ª. Lisboa: PAULUS Editora, 2019.
- Manicardi, Luciano. *Fragilidade*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2020.
- Manuel, José. «Eclesiologia das Comunidades de Base», 2ª série, n. 90 (setembro de 1984): 245–76.

- Marcelino, D. António. «Lugar dos Leigos na Igreja - Do Vaticano II aos nossos dias», 2ª série, n. 201–202 (2013): 11–22.
- Mendonça, José Tolentino. *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal Editores, 2019.
- Nouwen, Henri J. M., Michael J. Christensen, e Rebecca J. Laird. *Acompanhamento Espiritual*. Braga: Editorial A. O., 2017.
- Pagola, José Antonio. *Grupos de Jesus*. Lisboa: PAULUS Editora, 2015.
- . *Recuperar o projeto de Jesus*. Lisboa: PAULUS Editora, 2016.
- . *Voltar a Jesus*. Lisboa: PAULUS Editora, 2015.
- Pagola, José Antonio, e Carles Such Hernández. *Grupos Jovens de Jesus*. Lisboa: PAULUS Editora, 2018.
- Paredes, José Cristo Rey García. *É possível outra comunidade*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2018.
- Paulus VI. «Decretum de Apostolatu Laicorum "Apostolicam Actuositatem"». *AAS* 58 (1966): 837-864.
- . «Adhortatio Apostolica "Evangelii Nuntiandi"». *AAS* 68 (1975): 5-76.
- Prisco, José San José. *Derecho Parroquial*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2008.
- Ratzinger, Joseph. *Os Sacramentos, Sinais de Deus no Mundo*. Cascais: Princípia Editora, 2020.
- Rocha, Georgino. *Paróquia e unidades pastorais*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008.
- Rodrigues, Luís M. Figueiredo. *A edificação do tecido eclesial. Formação de Agentes*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2021.
- Rodríguez, Pablo Guerrero. *Muito mais que dois*. Braga: Editorial A. O., 2018.
- Ronchi, Ermes. *As inquietantes perguntas do Evangelho*. Lisboa: PAULUS Editora, 2017.
- Sacrossanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio Dogmatica de Ecclesia "Lumen Gentium"». *AAS* 57 (1965): 5-71.
- Santos, Roger Matheus dos. «Evolução histórica da Paróquia sob a ótica da estabilidade do Pároco», 1ª série, n. 31 (2017): 71–105.
- Schenke, Ludger. *La Comunidad Primitiva*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1999.
- Schloeder, Steven J. «Domus Dei, Quae est Ecclesia Dei Vivi: The Myth of the Domus Ecclesiae». *Sacred Architecture*, n. 21 (2012): 12–15.
- Sessa, Kristina. «Domus Ecclesiae: Rethinking a category of antepacem christian space». *Journal of Theological Studies* 60 (abril de 2009): 90–108.

- Silva, Eugénio Freitas da. «Paróquia e Conselho Paroquial de Pastoral», 2ª série, n. 123 (dezembro de 1992): 45–58.
- Soares, Alfredo Leite Soares. «O conceito de “Povo de Deus”: do Concílio Vaticano II ao Código de Direito Canónico». *Os Leigos e a Corresponsabilidade na Igreja: actas / das XVII Jornadas de Direito Canónico* 15 (2010): 25–37.
- Sousa, Manuel de Almeida e. «A realidade paroquial», 2ª série, n. 124 (março de 1993): 43–62.
- Theobald, Christoph, e Philippe Bacq. *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. *Documento da Aparecida*, 13-31 de maio de 2007.
- Varillon, S.J., François. *A Páscoa de Jesus*. Braga: Editorial A. O., 2007.
- Vásquez, José Durán, e Eduardo Duque. «Quanto interessa a religião católica aos jovens? Um estudo a partir do caso português». *Revista Cultura & Religión* XIV, n. 2 (2020): 17–35.
- «Viagem Apostólica ao Panamá: Vigília com os Jovens (Campo São João Paulo II - Metro Park, 26 de janeiro de 2019) | Francisco». Acedido 7 de março de 2022. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco\\_20190126\\_panama-veglia-giovani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco_20190126_panama-veglia-giovani.html).